



Relatos de Experiência


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA





**PRÊMIO MUNICIPAL
EDUCAÇÃO EM
DIREITOS HUMANOS
DA CIDADE DE SÃO PAULO**



Relatos de Experiência

Patricia Moreira

Lilian David

Mariana Mattos

Irene Garcia Costa de Souza

Severino Batista da Silva

Luiz Fernando Costa de Lourdes

Daniel Teixeira Maldonado

Renato Brunassi Neves dos Santos

Cícero Ivanilson Silva Gonçalves

Thauanna Maia da Fonseca

Samuel da Silva Alexandre

Camila Aparecida Garcia

Andréia Lourdes de Souza

Sávio Campos de Souza

Robson Teruo Watanabe

Lucineide Bispo dos Santos

e outros

1ª edição

São Paulo

2015



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

EDUCAÇÃO
DIREITOS HUMANOS
E CIDADANIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

(Shill Pettian – CRB-8/6707)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania.

2º Prêmio Municipal Educação em Direitos Humanos da Cidade de São Paulo: relatos de experiência / Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania – 1ª ed. – São Paulo: SMDHC, 2015.

ISBN 978-85-68093-01-6

312 p., il.

Bibliografia

1. Educação – Brasil. 2. Direitos Humanos. 3. Educação em Direitos Humanos.
4. Relatos. I. Título.

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Direitos Humanos e Educação.	370.115
2. Educação em Direitos Humanos.	370.115



**2º
FESTIVAL
DIREITOS
HUMANOS
2014**

Editor:

Prefeitura de São Paulo – Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

Créditos:

FERNANDO HADDAD

Prefeito de São Paulo

EDUARDO MATARAZZO SUPPLY

Secretário Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (2015)

ROGÉRIO SOTTILI

Secretário Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (2013-2014)

GABRIEL CHALITA

Secretário Municipal de Educação (2015)

ANTONIO CÉSAR RULLI CALLEGARI

Secretário Municipal de Educação (2013-2014)

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Eduardo C. B. Bittar

Jonas Tabacof Waks

Aline Vicentim

Pedro Pulzatto Peruzzo

André Lero Corrêa

Carolina Caio

Maria Rita de Souza

GRUPO DE TRABALHO INTERSECRETARIAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

Produção:

Projeto gráfico, arte, capa e diagramação

RICHARD VEIGA

Revisão

JULIANA BIGGI



Prólogo I

Prezados Educadores e Educadoras da Cidade de São Paulo,

É muito importante incentivar quem luta, fomentar iniciativas de projetos, estimular ações concretas transformadoras. Na Cidade de São Paulo, a experiência do *Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos* segue em processo de consolidação, a demonstrar como a gestão de Fernando Haddad, na Prefeitura de São Paulo, tem avançado no tratamento e no cuidado com as questões de Direitos Humanos.

Este livro que educadores e educadoras recebem faz parte de um conjunto de esforços que a *Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania*, por meio da Coordenação de Educação em Direitos Humanos, vem fazendo, no sentido de prover as condições para a implementação da Educação em Direitos Humanos na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Na Cidade de São Paulo, violações de direitos humanos ocorrem todos os dias. Precisamos estar atentos a isso, e mobilizar nossos conhecimentos, atividades e iniciativas para prevenir, mais do que remediar, situações que tendem a tornar banal a condição humana. A luta pela renda básica de cidadania aponta exatamente neste sentido, qual seja, o de viabilizar as condições para que as pessoas possam ter, independentemente de quaisquer condicionantes, o direito a uma vida digna e plena, integrada à sociedade, ao trabalho e às relações de convívio.

Nada mais justo do que educadores e educadoras estarem apropriados dos conteúdos que tem a ver com os temas de direitos humanos, fazendo das Unidades Educacionais da Cidade de São Paulo espaços de ensino-aprendizagem onde a cidadania está presente e ativa todos os dias.

Mais uma vez, cumprimentamos a todos e todas, vencedores da 2ª edição do Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos, cujos relatos de experiência são publicados no formato de livro, para exatamente continuarem a se esforçar nesta luta pelo bem-estar de todos, por uma vida digna, pelo respeito, pela cidadania e pela justiça social.

Eduardo Matarazzo Suplicy

Secretário Municipal de Direitos Humanos e Cidadania



Prólogo II

Prezados Educadores e Educadoras da Cidade de São Paulo,

Na noite do dia 10 de dezembro de 2014, tivemos a honra de receber educadores e educadoras no auditório do Parque do Ibirapuera para uma cerimônia muito especial, de consagração dos resultados de um ano de trabalho e preparativos dos projetos inscritos no 2º Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos.

Na presença dos membros que compuseram a Mesa da Cerimônia, Prefeito Fernando Haddad, Secretário César Callegari, Margarida Genevois e Maria Victoria Benevides, e registrando a presença de grandes autoridades no auditório, pudemos celebrar em conjunto as grandes conquistas do ano de 2014, no que tange ao tema da promoção da Educação em Direitos Humanos na Rede Municipal de Ensino.

Mais uma vez, foi uma felicidade imensa comemorarmos juntos o Dia Internacional dos Direitos Humanos! Este dia não podia ter sido

celebrado de melhor forma, se não com a entrega, em Brasília, do Relatório Final da *Comissão Nacional da Verdade* à Presidenta Dilma Rousseff e, também, em São Paulo, com a entrega do 2º *Prêmio de Educação em Direitos Humanos*, ocasião também escolhida para a entrega do *I Prêmio de Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns* ao homenageado da noite.

Tudo isso ocorreu em meio a uma semana muito especial para a *Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania*, que incentivou a realização do *II Festival Cidadania nas Ruas*, que está mobilizando milhares e milhares de pessoas em toda a Cidade de São Paulo, no centro e na periferia, levantando a bandeira dos Direitos Humanos, com a preocupação da ocupação do espaço público pela cidadania, visando debater e refletir sobre as lutas e os desafios mais nobres da Humanidade, que são os valores de Direitos Humanos.

Foi assim que, por meio das duas premiações, celebradas em conjunto, encontramos os meios para conferir homenagens simultâneas a diferentes pessoas que dedicam suas vidas à transformação da sociedade e à promoção dos Direitos Humanos.

De um lado, pudemos entregar o *I Prêmio de Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns* a Frei Betto, e o fizemos com grande emoção, sabendo que sua longa militância de vida sempre foi para todos nós motivo de grande inspiração, especialmente considerando que a sua vida inteira foi dedicada aos Direitos Humanos, na defesa dos mais pobres, dos mais vulneráveis e na militância pela democracia, pela paz e pela justiça de nosso país.

De outro lado, pudemos entregar aos(às) professores(as) e aos(às) estudantes os prêmios a que fazem direito, considerando o fato de terem sido selecionados pela Comissão Julgadora, pelo desenvolvimento de

inúmeras iniciativas de enorme criatividade e importância nas práticas escolares, em temas de Educação em Direitos Humanos.

São estas iniciativas que fortalecem a EDH, pois formam agentes necessários para a transformação social, conduzindo crianças e jovens à reflexão sobre a cidadania e o papel de cada um.

Por isso, a mensagem que eu quero deixar para os leitores é de muita alegria e comemoração, pois temos a convicção de que, sob o comando do Prefeito Fernando Haddad, estamos fazendo um grande trabalho, construindo juntos uma Cidade mais diversa, uma Cidade mais humana, uma Cidade mais acolhedora, uma São Paulo dos Direitos Humanos.

Boa leitura!

Rogério Sottili

Secretário Adjunto Municipal de Direitos Humanos e Cidadania





Prólogo III

Aos educadores da cidade de São Paulo,

Os Direitos Humanos representam um capítulo de fundamental importância nas conquistas recentes da humanidade. Sangramos em guerras terríveis e em destruições em massas por razões que nenhuma razão seria capaz de justificar.

Sofreram grupos maiores ou menores de pessoas em decorrência de atitudes mesquinhas de governantes e governados que, por alguma razão, se julgaram superiores aos demais. Tristes enredos que poderiam não ter existido. Mas esquecê-los é perigoso. Poderíamos voltar a agir como “senhores do Bem e do Mal”. Os humanos, todos nós, somos sujeitos de direitos. As constituições, as legislações infraconstitucionais, bem como os tratados internacionais, existem para dar dignidade ao ser humano, para harmonizar as relações reconhecendo que cada um, em sua individualidade, em suas diferenças, tem o direito de ser feliz.

É preciso, entretanto, ir além. As leis sozinhas não mudam o comportamento das pessoas. É a educação a força maior que prepara os protagonistas da história em construção. Educar para os Direitos Humanos significa ampliar a visão de cada aprendiz para que respeite o outro, independentemente de diferenças. Contrariamente, significa, inclusive, fazer com que essas diferenças nos enriqueçam, pois, assim, nascem as culturas: entre os diferentes.

O trabalho conjunto das secretarias de *Educação e dos Direitos Humanos e Cidadania* tem esta finalidade ajudar os nossos professores e alunos a produzirem sobre os Direitos Humanos. Projetos que nasçam das experiências concretas e que sejam inspirados por teorias que se debruçam sobre a não violência, o não preconceito, o não radicalismo.

Somos seres da convivência, seres dialogais. E é a escola um espaço privilegiado que nos prepara para viver assim. Livres e em sociedade. Individuais e coletivos. Autônomos e cooperativos. Humanos, enfim.

Gabriel Chalita

Secretário Municipal de Educação



Prólogo IV

Considerando a data comemorativa de hoje, dia 10 de dezembro de 2014, gostaria de saudar a todos. Em primeiro lugar, minha saudação vai aos(às) educadores(as) presentes e, também, aos(às) estudantes presentes, pois são as referências centrais de todos aqueles que militam pela causa da Educação e, inclusive, no dia a dia das escolas, da Educação em Direitos Humanos.

Minhas saudações também ao educador e prefeito Fernando Haddad, à vice-prefeita Nadia Campeão, ao querido secretário Rogério Sotilli, com quem temos feito uma parceria virtuosa com resultados impressionantes, que transcendem inclusive as participações desse Prêmio.

Quero também cumprimentar a secretária Marianne Pinotti, Margarida Genevois, Maria Victoria Benevides e Frei Betto, um grande amigo, espírito elevado que conduz a tantos de nós como referência alta em termos de dignidade e capacidade de luta. Ressalto inicialmente que para nós tem sido uma honra, na Administração Pública, tratar da defesa

dos Direitos Humanos por meio de diferentes políticas públicas. Aliás, é motivo de orgulho integrar várias iniciativas que levam exatamente nessa direção, sob o comando do prefeito Fernando Haddad.

Uma das coisas que eu gostaria de citar é que, na reforma curricular que está em curso aqui em São Paulo, nós temos, como sugestão para a finalização do Ensino Fundamental, uma prática inédita no Brasil. Os jovens nos seus 14, 15 anos, para concluir o Ensino Fundamental, devem apresentar um trabalho colaborativo de autoria, uma espécie de TCC, que deve necessariamente ser um projeto de intervenção social. E é impressionante que hoje nós tenhamos 61 mil jovens concluindo esse trabalho. Muitos dos projetos de trabalhos colaborativos de autoria são exatamente na área dos Direitos Humanos.

E é isto que o 2º Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos está celebrando, uma nova cultura de Direitos Humanos numa cidade em que este tema talvez seja mais importante que em qualquer outra do nosso país, à medida que a Cidade de São Paulo sempre foi uma cidade de conquistadores urbanos, pessoas que vieram para cá de outros países, outras cidades, outras regiões do Brasil para conquistar, para vencer na vida. Então, quando se trata de Direitos Humanos, sobretudo o elemento da solidariedade, do respeito à diferença, da luta pela cidadania de todos, tenta-se construir de forma obstinada um campo de trabalho que destaque uma cidade de todos e para todos, uma cidade solidária.

É esta a mensagem que gostaria de deixar ressaltando-se que, na 3ª edição do Prêmio, ele alcance uma dimensão ainda maior, ainda mais profunda, com relação à semente que já foi lançada.

Parabéns Prefeito, parabéns Rogério, parabéns a todos(as) vocês.

César Callegari

Secretário Municipal de Educação (2013-2014)

Educação em Direitos Humanos



São Paulo



Sumário

INTRODUÇÃO, 21

Categoria 1: UNIDADES ESCOLARES, 26

- 1º lugar | **Ditadura militar em um viés literário – 50 anos do Golpe Militar: conhecer para não repetir, 28**
Patricia Moreira
EMEF Frei Francisco de Mont´Alverne, DRE Penha
- 2º lugar | **Mais do que marcas no muro, marcas na infância de meninos e meninas, 42**
Lilian David
CEU EMEI Aricanduva, DRE Itaquera

3º lugar | **Centro de memória Cohab Raposo Tavares, 64**
Mariana Mattos
EMEF Profª Maria Alice Borges Ghion, DRE Butantã

Menção
honrosa | **Assembleias escolares, 88**
Irene Garcia Costa de Souza
EMEF Victor Civita, DRE Pirituba

Categoria 2: PROFESSORES, 108

1º lugar | **Café terapêutico, 110**
Severino Batista da Silva
CIEJA Campo Limpo, DRE Campo Limpo

2º lugar | **Uma jornada pela Diáspora Africana – A journey through the African Diaspora, 128**
Luiz Fernando Costa de Lourdes
EMEFM Vereador Antonio Sampaio, DRE Jaçanã/Tremembé

3º lugar | **Educação física escolar e os Direitos Humanos: estímulo ao pensamento crítico no contexto da escola pública, 148**
Daniel Teixeira Maldonado
EMEF 19 de Novembro, DRE Penha

Menção
honrosa | **Na trilha dos mestres: identidades, histórias e culturas afro-brasileiras pelos princípios da Pedagogia Griô, 164**
Renato Brunassi Neves dos Santos
EMEF Fazenda da Juta, DRE São Mateus

Categoria 3: ESTUDANTES, 184

- 1º lugar | **Nas ondas do Marili, 186**
Cícero Ivanilson Silva Gonçalves
EMEF Professora Marili Dias, DRE Pirituba
- 2º lugar | **Jornal Novas Ideias, 204**
Thauanna Maia da Fonseca
EMEF Alceu Amoroso Lima, DRE São Mateus
- 3º lugar | **Rádio Fitti, 214**
Samuel da Silva Alexandre
EMEF Mario Fittipaldi, DRE Campo Limpo
- Menção honrosa | **Acessibilidade, 226**
Camila Aparecida Garcia (professora)
EMEF Prof Gilmar Taccola, DRE Itaquera

Categoria 4: GRÊMIOS ESTUDANTIS, 242

- 1º lugar | **Grêmio estudantil em ação: conhecendo o passado para fortalecer o futuro, 244**
Andréia Lourdes de Souza
[Grêmio Estudantil Nelson Mandela]
EMEF 19 de Novembro, DRE Penha
- 2º lugar | **Grêmio estudantil: experiência de criação e consolidação, 258**
Sávio Campos de Souza
[Grêmio Estudantil Amorim Lima]
EMEF Desembargador Amorim Lima, DRE Butantã

3º lugar | **Projeto Convivência Cidadã, 278**
Robson Teruo Watanabe
[Grêmio Estudantil Unidos do Firmino]
EMEF Firmino Tibúrcio da Costa , DRE Penha

Menção
honrosa | **Bicicletário, 294**
Lucineide Bispo dos Santos
[Grêmio Protagonismo Juvenil]
EMEF Visconde de Cairú, DRE Penha

PALAVRAS FINAIS, 304



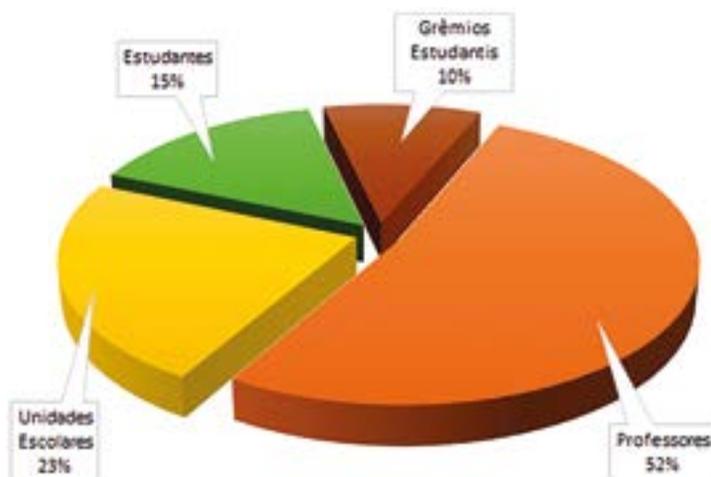
Introdução

O *Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos* vem, ao longo de sua breve história, consolidando-se como uma referência para educadores e educadoras da Cidade de São Paulo. Surgido enquanto iniciativa da *Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania* (SMHC), por meio da Coordenação de Educação em Direitos Humanos, pactuada, desenvolvida e construída com a *Secretaria Municipal de Educação* (SME), pelo *Grupo Intersecretarial de Educação em Direitos Humanos* (GTI EDH), contando com especial apoio do *Núcleo de Educação em Direitos Humanos* (NEDH), onde estão representadas as 13 Diretorias de Ensino do Município, vem criando parceiros, adesões, iniciativas, mobilizando atores e interessados no processo de consolidação da democracia brasileira, reforço da cultura de Direitos Humanos, desenvolvimento de consciências e práticas humanizadoras, e de transformação social por meio das práticas de cidadãos e cidadãs. Bem se sabe que a cidadania

de amanhã se cultiva no hoje, e é desse plantio que os inscritos nas duas atuais edições do Prêmio estão cuidando.

A 2ª edição do *Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos* trouxe uma impressão muito positiva sobre o crescente cenário de trabalho permanente da Rede Municipal de Ensino em torno dos temas de Direitos Humanos e de questões atuais de cidadania. Em 2014, foram mais de 100 projetos inscritos, advindos de todas as latitudes dos territórios da Cidade de São Paulo, resultando em números expressivos em todas as 13 Diretorias Regionais de Ensino: DRE Butantã (9 projetos); DRE Campo Limpo (14 projetos); DRE Capela do Socorro (2 projetos); DRE Freguesia/Brasilândia (2 projetos); DRE Guaianazes (5 projetos); DRE Ipiranga (4 projetos); DRE Itaquera (6 projetos); DRE Jaçanã/ Tremembé (6 projetos); DRE Penha (24 projetos); DRE Pirituba (10 projetos); DRE Santo Amaro (4 projetos); DRE São Mateus (9 projetos); DRE São Miguel (4 projetos).

TOTAL DE INSCRIÇÕES	
Professores	52
Unidades Escolares	23
Estudantes	15
Grêmios Estudantis	10



A experiência do ano de 2014 também revela o interesse e a adesão aos mais diversos temas, traduzindo aos olhos dos(as) educadores(as) da Cidade de São Paulo que a Meta 63 da Prefeitura de São Paulo (“Implementar a Educação em Direitos Humanos”) vem sendo desempenhada pelas mais criativas e variadas estratégias e metodologias, interdisciplinares e transdisciplinares, abordando temas e desafios que estão presentes na vida social e na vida escolar. Assim, são temas que ocorrem ao Prêmio: inclusão (3 projetos); diversidade (7 projetos); cidadania (16 projetos); *bullying* (2 projetos); direito à alimentação (6 projetos); direito à cidade (3 projetos); direito à comunicação (10 projetos); direito à cultura (15 projetos); direito à memória e verdade (3 projetos); direitos da criança e do adolescente (6 projetos); étnico-racial (4 projetos); gestão escolar democrática (6 projetos); grêmios estudantis (7 projetos); migrantes (1 projeto); sustentabilidade (7 projetos); outros (4 projetos). As modalidades escolares mais presentes são EMEFs (67 Unidades Escolares), EMELs (14 projetos) e CIEJAs (09 projetos), havendo, no entanto, a presença de projetos de CEUS, CELs, CECIS e outros.

Nesta edição, a partir do esmerado trabalho de avaliação da *Comissão Julgadora* (Egberto Penido; Flávia Schilling; José Sergio Carvalho Fonseca; Marco Antonio Barbosa; Margarida Genevois; Maria Victoria Benevides; Maurício Piragino; Moacir Gadotti; Paulo Vannuchi; Vera Masagão), foi possível premiar nas 4 Categorias do Edital, contemplando iniciativas que vêm ganhando corpo na rede, conferindo-lhes o reconhecimento, a visibilidade e a distinção que merecem, contemplando Unidades Escolares, Professores, Estudantes e Grêmios Estudantis. Ainda, a adesão crescente de Estudantes e Grêmios Estudantis corresponde a um esforço de aproximação ainda maior com o universo estudantil e suas iniciativas.

A Educação em Direitos Humanos está longe de ser um tema estranho ou desconhecido da Rede Municipal de Ensino, que acolhe a

agenda de trabalho de seus temas de modo extremamente frutífero e fraterno. Seus desafios são enormes, mas as mais breves ações nos conferem os espaços institucionais necessários para fortalecer o papel de atuação de cada qual que acredita e aposta na cidadania, nos valores republicanos e na cultura de direitos humanos como campos de trabalho profícuos para a estruturação de uma sociedade mais justa, igualitária, plural, livre e solidária.

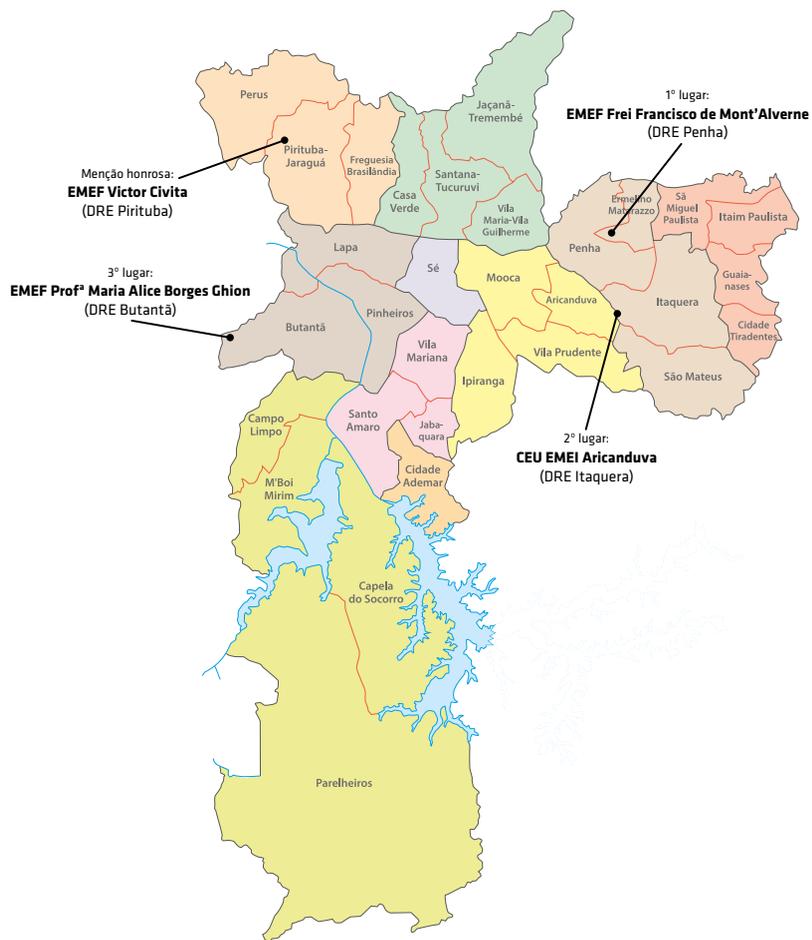
Devemos registrar a importância de que a leitura deste livro sirva de embasamento e inspiração, provocando propostas de novos projetos, novas leituras de realidade, novas iniciativas, que possam se expandir e se multiplicar pela Cidade de São Paulo.

São Paulo, 17 de março de 2015.

Eduardo Bittar

*Coordenação de Educação em Direitos Humanos
Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania*







Categoria 1:

Unidades Educacionais

Ganhadores:

1º lugar:

**“Ditadura militar em um viés literário –
50 anos do Golpe Militar: conhecer para não repetir”**

Patricia Moreira

2º lugar:

**“Mais do que marcas no muro,
marcas na infância de meninos e meninas”**

Lilian David

3º lugar:

“Centro de memória Cohab Raposo Tavares”

Mariana Mattos

Menção honrosa:

“Assembleias escolares”

Irene Garcia Costa de Souza



KOREL
FERA



KOREL
FERA

KAFI

KOBRA



Categoria 1: Unidades Eduacionais

1º Lugar

DITADURA MILITAR EM UM VIÉS LITERÁRIO

**50 anos do Golpe Militar:
conhecer para não repetir**

Autoras:

**Patrícia Moreira
Isabel Cristina Pimentel**

Unidade Escolar:

**EMEF Frei Francisco de Mont'Alverne
(DRE Penha)**



Créditos

Alunos protagonistas:
Alunos dos ciclos I e II

Professoras coordenadoras do projeto:
Isabel Cristina Pimentel
Patrícia Moreira

Orientador de estudos:
Cassiano Macedo

Diretor da unidade escolar:
Marcos Lemos

Assistente de Direção:
Silene Albuquerque



Agradecimentos

A Deus, por ser nosso maior mestre e nos iluminar para a realização deste projeto tão necessário para a sociedade brasileira em justiça àqueles que lutaram pela liberdade, e ao honradíssimo professor Cassiano Macedo, por nos orientar, ensinar, acreditar em nosso trabalho e viver conosco o sonho da Educação em Direitos Humanos.

*Livre
vestindo a pele do dia,
o torturado caminha
com seu corpo tatuado
de violência e poesia.
Mas ele não marcha só.
Apenas segue na frente
na direção da utopia.*
(Affonso Romano de Sant'Anna, Operário da Utopia)

1. Justificativa

O estudo da História realizado de maneira contextualizada é de suma importância para a compreensão efetiva dos alunos. Em linhas gerais, a contextualização é o ato de vincular o conhecimento à sua origem e à sua aplicação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são guias da escola e suas aprendizagens, estão estruturados sobre dois eixos principais: a interdisciplinaridade e a contextualização. Estas orientações foram básicas e norteadoras para a realização do projeto “Ditadura Militar sob um viés literário”.

A interdisciplinaridade aqui aplicada está no âmbito da História e da Literatura; já a contextualização foi a de pontuar o documentário *O dia que durou 21 anos* – falas, relatos atuais e ações a respeito da Ditadura Militar – como a Comissão da Verdade dos textos literários das décadas de sessenta e setenta, apresentados em seus mais diversos estilos.

Para a realização deste projeto também consultamos a LDB, que trata da importância de se levar em conta o cotidiano, a realidade e a vivência dos alunos para o estudo de um tema. A Ditadura Militar não está diretamente ligada a estes alunos, que estão na faixa etária de 9 a 12 anos, mas o tema possui uma ligação factual com a nossa história contemporânea, além de ser uma referência aos familiares dos alunos: avós, tios, pais que viveram este momento histórico e que relataram a eles suas impressões e experiências.

A partir deste conceito, as professoras tutoras Isabel Cristina Pimentel e Patrícia Moreira realizaram um projeto sobre a Ditadura Militar representada nos textos literários, pois, por meio da sensibilidade retratada

nas músicas e na Literatura deste momento da História, iniciou-se um trabalho de conhecimento histórico com uma abordagem em Direitos Humanos.



2. Metodologia

A EMEF Frei Francisco de Mont’Alverne realiza um trabalho permanente de leitura, discussão e conscientização política por meio de textos literários, em que os alunos estudam autores e discutem questões próprias da arte literária.

No ano de 2014, completaram-se cinquenta anos da ocorrência do Golpe Militar e as professoras tutoras, juntamente com a Direção da Unidade Escolar, consideraram de suma importância o estudo e a discussão sobre o tema. Afinal, uma proposta interessante de tema gerador para toda e qualquer aula é “a cultura de paz” – pela leitura, os alunos constroem um olhar literário apropriando-se de textos sobre a paz, seja esta, em ordem pessoal, religiosa, social ou política.

Inicialmente, o projeto trabalhou, com os alunos participantes, a teoria do tema da Ditadura Militar, na seguinte sequência didática:

- ➔ Vídeo-aula de História do Brasil sobre a Ditadura Militar, apresentada pelo professor Boris Fausto.
 - ➔ Leitura histórica do momento político “Da queda de Jango ao Golpe Militar”.
 - ➔ Documentário “O dia que durou 21 anos” – discussão e pesquisa.
 - ➔ Resenha crítica sobre o tema.
- 

Depois do embasamento teórico, estudamos os seguintes textos para apresentar aos alunos da escola e comunidade:

- “Declamação da canção Cartomante”, de Ivan Lins (com interpretação de Elis Regina).
- “Canção Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré.
- Textos emblemáticos de Gandhi, Manuel Bandeira, Martin Luther King e Che Guevara.
- “Estudo e interpretação do texto Estatutos do Homem”, de Thiago de Melo.
- Homenagem aos resistentes, como: Carlos Lamarca, Marighella, Bacuri e guerrilheiros do Araguaia.
- Declamação das canções “Apesar de você” e “Cálice”, de Chico Buarque de Hollanda.
- Declamação do “Cancioneiro Gera”/I, de Pablo Neruda.
- Declamação de poema de Brecht.
- Declamação do poema “Operário da Utopia”, de Affonso Romano de Sant’Anna.
- Declamação do poema “A paz”, de Manuel Bandeira.
- Declamação de parte da fala de Charles Chaplin, no filme “O grande ditador”.
- Palestra do professor de História Cassiano Macedo sobre o Golpe Militar e as implicações deste episódio no Brasil atual.

3. Potencial de impacto

Com esta atividade, o projeto pretende conscientizar os alunos e comunidade a respeito da importância da História em nossas vidas e de como o conhecimento, a discussão acadêmica e criticidade são importantes para a formação da sociedade.

A apresentação foi realizada para os alunos dos quartos, quintos, sétimos e oitavos anos da unidade escolar e, com esta atividade, os alunos participantes propuseram aos colegas não apenas o registro do momento político, mas a problematização da História. Por meio de atividades com este formato, em que os alunos dirigem os conceitos e se apresentam aos demais colegas, há a possibilidade de uma construção de um espírito crítico coletivo e legítimo, permeável aos alunos, como também em uma nova visão de aprendizagem histórica e literária.

4. Perspectivas de continuidade e sustentabilidade do trabalho

A unidade escolar realiza um projeto permanente de Literatura tutelado pelas professoras Isabel Cristina Pimentel e Patrícia Moreira e há efetiva participação dos alunos, inclusive de um ano letivo para o outro. Os mesmos alunos participam do projeto desde o ano de 2012 e estudam, em particular, autores da Literatura escolhidos por eles mesmos, em uma moldagem voltada ao protagonismo juvenil.

A Literatura apresenta um grande leque para as mais diversas abordagens e, assim, sempre é possível relacionar um momento histórico de grande relevância a textos poéticos emblemáticos, como ocorreu com o tema “Ditadura Militar Brasileira”. Os educadores envolvidos neste projeto acreditam que o conhecimento e a discussão de temas ligados aos Direitos Humanos são de extrema importância para a construção intelectual dos alunos, além de a Literatura propor a permanente transformação de sentimentos e de valores.

Para o ano letivo de 2015, a EMEF Frei Francisco de Mont’Alverne produzirá um trabalho mais amplo sobre os Direitos Humanos, e a proposta é de que os temas envolvidos estejam à baila nas reuniões dos Grêmios, como também nos trabalhos de conclusão, TCA, dos nonos anos. Mais especificamente, as professoras Isabel Cristina Pimentel e Patrícia Moreira desenvolverão um projeto específico para estudo da “Africanidade no Brasil” em uma abordagem em Direitos Humanos sob o título “Raízes e histórias do Brasil educando em valores humanos”.

Alunos participantes do Ciclo I:

Alexandre Sueda, 5º C; Daniela Fernandes Sebastian, 5º C; Drielie Cristina de Almeida Silva, 5º B; Eduarda paixão, 5º A; Enzo Gomes Fazzano Pousa, 5º B; Felipe Bezerra, 5º B; Giulia Castilho, 5º A; Ingrid Tomazini, 5º A; Isabelly Cristina Boga, 5º A; Isadora Sbrana, 5º A; Manuela Lima, 5º B; Maria Vitória Barbosa, 5º B; Nathália Zerbini, 4º B; Sara Elisabeth Moreira, 5º B; Thiago Bezerra, 5º A; Vitória Molina, 5º B.





Alunos participantes do Ciclo II:

Adriane Lunetta, 8º E; Cataryna Moreira, 8º B; Gabriel Kolhmann, 8º E; Giovanna Gobetti, 8º E; Giulia Oliveira, 8º D; Guilherme Santana, 8º C; Guilherme Santos, 8º C; Henrique Abdala, 8º B; Henrique Garcia, 8º C; Isabela Lopes, 8º B; Isabelle Flor, 8º B; Jhennys de Paula, 7º C; Julia Melo Ruiz, 8º C; Juliani Rosa, 8º E; Leticia Oliveira, 7º B; Marianne Vieira, 8º B; Mikaela Morato, 8º C; Monalisa Nascimento, 8º E; Mônica Morato, 7º B; Ramon Kanj, 7º B; Raphaella Rosa, 8º D; Vitoria Amirati, 8º D; Yuri Andrade, 8º B.







PASSAGEM
GRÁTIS.
TEMPOS
ΠΥΡΡΑΠΟ!
1/11...05/11





Re



Categoria 1: Unidades Educacionais

2º Lugar

MAIS DO QUE MARCAS NO MURO, MARCAS NA INFÂNCIA DE MENINOS E MENINAS

Autoras¹:

**Nilcéia Correa Antonio
Sueli Carvalho**

**Paloma Novais Chimello
Juliana Carvalho Correa**

Lilian David

**Fátima Regina Graminha
Cláudia Fernandes Leite**

Amanda Gomes Pinto

Ana Cristina Monteiro Silva

Cristiane Roseo da Silva

Marli Aragão Soares

Unidade Escolar:

**CEU EMEI Aricanduva
(DRE Itaquera)**

¹ Professoras autoras do relato e participantes do Projeto Especial de Ação “Pedagogia da Infância: O fazer pedagógico em suas múltiplas linguagens e os desafios do registro”.



Créditos

**Comunidade, famílias, meninos e meninas
do infantil I e II do ano de 2014**

Amanda Gomes Pinto, Ana Cristina Monteiro da Silva, André Gomes Prado, Claudia Fernandes Leite, Cristiane Róseo da Silva, Elaine José Imbra, Fátima Regina Graminha, Florisa Kimie Tokuda Yogi, Inês Rodrigues Gomes da Silva, Izabel Soares Ribeiro, Juliana Carvalho Correa, Lilian David, Náide Santos do Nascimento, Nilcéia Correa Antonio, Nilda Cavalcanti Santana, Paloma Novais Chimello, Sheila Souza, Sueli Carvalho, Suédson Ferreira de Oliveira, Valdir Fortunato

Subprefeito de São Mateus: Fábio Santos Silva

Viveiro do Carmo: Thiago

**Funcionários da Tonnani: Manuel, Francisco,
José, Renato, Frederico entre outros**

Almoxarifado da Diretoria Regional de Educação de Itaquerá: Luciana



Decalque das mãos de crianças, famílias, educadores e educadoras no muro da nossa EMEI.

Apresentação

[...] mais do que compreender como é a família de uma criança é importante compreender como é a sua família interna, isto é, como ela internaliza a sua experiência social e familiar. (ROCHA apud SÃO PAULO, p. 11, 2014)

Este projeto nasceu em 2013, a partir da formação oferecida pela Diretoria Regional de Educação de Itaquera para a professora Amanda Gomes Pinto, em parceria com o Instituto LIDAS, sobre o estudo dos territórios. As observações do trabalho desenvolvido pela professora

e o compartilhamento dos resultados com a coordenação pedagógica permitiu perceber a viabilidade deste para ações coletivas na nossa Escola Municipal de Educação Infantil – CEU EMEI Aricanduva. Como forma de garantir a ampliação e a aplicação do projeto para toda a Unidade, a coordenação junto ao grupo de educadores e educadoras decidiram inseri-lo nos documentos de ações coletivas do CEU EMEI Aricanduva (Projeto Político-Pedagógico e Projeto Especial de Ação), estimulando os diversos atores da EMEI a realizar o projeto de forma coletiva.

Visto que um ambiente educativo de qualidade é aquele que mobiliza todos os sujeitos e recursos da comunidade educativa, concluímos enquanto equipe docente que este ambiente promove ações de ensino-aprendizagem e experiências de valor vital em todas as dimensões para todos, no âmbito cognitivo, simbólico, estético, político, corporal e intelectual, comunicativo, criativo, responsável, participativo e prazeroso (CASALI *apud* SÃO PAULO, 2014, p. 19).

Em 2014, uma ação individual tornou-se coletiva, uma vez que “[...] as ações não devem ocorrer neste ou naquele segmento, devem envolver a Secretaria Municipal de Educação (SME), as Diretorias Regionais de Educação (DRE) e as Unidades Educacionais (gestores, professores, funcionários, educandos, comunidade)” (SÃO PAULO, 2014, p. 21), inclusive as instâncias do Centro de Educação Unificado (CEU) em que estamos inseridos e o Governo Local.

Previstas no projeto político-pedagógico da Unidade, fazendo parte da formação permanente do grupo de professores e das reuniões pedagógicas, as ações de reconhecimento das infâncias existentes na Unidade foram planejadas e executadas sobre o estudo do entorno da escola, gerando um novo olhar para essa comunidade. Esse novo olhar possibilitou intervir de forma efetiva nos fazeres da Educação Infantil, alterando nossa forma de ver, conceber e agir com este grupo de crianças.

1. Justificativa

Diante de várias gestões não efetivas, foi ocorrendo uma descontinuidade de muitos dos projetos realizados pela EMEI que compunham a identidade da escola junto a nossa comunidade. Gradativamente, a equipe da Unidade foi percebendo o desinteresse pelo pertencimento e cuidado com o espaço escolar do TODO para com a escola. Esta tornou-se um local para deixar a criança onde os adultos sequer sabiam qual era sua sala ou o nome da professora responsável pela classe. A desconstrução da identidade do CEU EMEI Aricanduva e o descaso da comunidade para com a Unidade configurou-se, principalmente, na degradação do jardim na frente da EMEI. O espaço público virou depósito de lixo e local de uso de drogas.

Buscando refletir sobre algumas questões que nos inquietavam e responder algumas delas, o grupo de educadores e educadoras levantou os seguintes questionamentos:

- Qual a função da escola dentro desta comunidade?
- Qual o motivo do distanciamento das famílias?
- Como estabelecer vínculos entre a escola e as famílias?
- Como tornar os fazeres da EMEI significativos para crianças, famílias e comunidade?

As questões levantadas pelo grupo de educadores e educadoras permitiram compreender a dificuldade da EMEI em realizar ações dialógicas entre os fazeres na Educação Infantil, suas necessidades e as

de suas famílias. Assim, já com uma gestão mais efetiva, iniciamos um trabalho de campo, partindo para a realização do estudo do entorno.



2. Metodologia

A partir das reflexões sobre os problemas apresentados nas diferentes instâncias da comunidade escolar, foram propostas as seguintes ações:

- Elaboração de questionário para as famílias.
 - Teste de aplicação e adequação das questões.
 - Apresentação da proposta para as famílias e agendamento de horários disponíveis com a respectiva professora para a reunião da turma, em que as famílias podem escolher o melhor dia e horário.
 - Elaboração de mapa para o registro da área de abrangência da EMEI.
 - Aplicação de pesquisa e levantamento dos endereços das famílias (de forma individualizada, cada família deveria ser acolhida para a pesquisa com tempo médio de 15 a 20 minutos com a professora).
 - Construção do mapa de abrangência no momento da pesquisa com cada família, marcando seu endereço no mapa.
 - Tabulação dos dados referentes a cada turma.
 - Tabulação dos dados gerais da EMEI.
 - Levantamento da abrangência da escola.
- 

Conhecendo a comunidade efetivamente

- Elaboração e caminhada pela área de maior abrangência da EMEI realizada pelos educadores e educadoras (Percurso escolhido a partir da visualização do mapa onde a maior parte das famílias estava localizada).
- Registro dos funcionários com foto durante a caminhada e levantamento de sentimentos e impressões.

Socialização da pesquisa com a comunidade no encontro com as famílias

- Apresentação dos dados da pesquisa e das fotos do bairro para as famílias.

Esta apresentação ocorreu em um horário coletivo, em que as professoras em formação puderam desenvolver cada etapa junto à coordenação e às famílias. Em seguida, o conteúdo foi socializado, em reunião pedagógica, para os demais funcionários. Entendemos que a formação ocorre por meio da investigação e do olhar crítico e reflexivo sobre a realidade, para então buscarmos meios de compreendê-la e atuarmos nela.

A pesquisa trouxe para a Unidade Escolar a compreensão de várias questões em relação às quais a equipe estava equivocada: uma delas seria a ideia de que as famílias não participariam da pesquisa; no entanto, de 285 famílias, nossa pesquisa contou com a participação de 185!

A partir dos dados da pesquisa, a equipe do CEU EMEI Aricanduva passou a olhar de outro modo a comunidade. Reflexão sobre a reformulação da proposta da escola.

Reformulação da proposta da escola

- 1) Reestruturação da forma de acolher as famílias nos encontros e nas dependências da EMEI.
- 2) Reestruturação dos fazeres junto às crianças para torná-los mais significativos e apropriados para a realidade das nossas infâncias.
- 3) Um novo significado às ações da escola dentro das propostas do nosso CEU.

As vozes das crianças parecem ter sido amplificadas e tornaram mais concretas as ações que buscam contemplá-las como produtoras de cultura e de história, tornando os fazeres da nossa EMEI espaços para vivência de sua plena cidadania.

Crianças e comunidade

A afirmação de uma pedagogia para a educação infantil alicerçada na comunicação dialógica pode fazer emergir um trabalho educativo pautado na cooperação, na autonomia, na afetividade, na possibilidade de vir a ser mais, que, excedendo a esfera dos direitos meramente reconhecidos, vai vinculá-lo a um ato político, como atividade desejável. (ANGELO, 2007, p. 53)

A partir do conhecimento do bairro e da construção do mapa do entorno com as famílias, foram propostas várias atividades para a revitalização da frente da EMEI pensando em melhorias para o bairro e para o

nosso espaço escolar, que venham refletir como ação transformadora e de sensibilização das crianças e comunidade para apropriação do espaço.

Refletindo sobre o papel da nossa EMEI com a equipe docente, pensamos em abraçar a comunidade melhorando a frente da nossa escola e oportunizando cidadania às nossas crianças, pois acreditamos que elas sejam capazes de identificar problemas e propor soluções, transformando os espaços sociais onde vivem. Para tanto, decidimos, enquanto escola, que nossa participação no 11º Aniversário do CEU Aricanduva não seria com uma apresentação artística. Escolhemos presentear nosso CEU, nossa escola, nossas crianças e toda a comunidade retomando o espaço que pertence por direito às nossas crianças e que compõe o espaço geográfico e socioafetivo da comunidade.

A seguir, foram realizadas as seguintes atividades:

- 1) As crianças foram ouvidas nas rodas de conversa.
- 2) Levantamento dos questionamentos, ideias e soluções das crianças para o espaço do “Jardim”.
- 3) Visita e reconhecimento da frente da nossa EMEI onde seria o “Jardim”.
- 4) Registro das ideias e propostas das crianças em desenhos.
- 5) Votação entre as crianças das melhores propostas, em desenhos, para a frente da nossa EMEI.
- 6) Mobilização do grupo de crianças, das famílias e comunidade para doação de materiais necessários a revitalização (reciclagem de sobras de tintas).
- 7) Mobilização dos funcionários da Tonnani, terceirizada do nosso CEU (jardinagem e pintura do muro).

- 8) Confecção de lembrancinhas com fuxicos (feitos em oficinas com as famílias em outros tempos).
 - 9) *Workshop* de grafite (propostas trazidas pelas crianças para o muro da escola).
 - 10) Doação de caminhão de terra do subprefeito de São Mateus Fábio Santos Silva.
 - 11) Doação do subprefeito de São Matheus Fábio Santos Silva de *container* para colocação de material reciclável de uma das vizinhas do CEU que trabalha com reciclagem de papelão (proposta das crianças como solução para retirada do material reciclável da calçada da escola, visando à manutenção da renda de nossa vizinha).
 - 12) Foi escrita uma carta ao Prefeito Fernando Haddad solicitando a colocação de lixeiras na calçada (proposta elaborada e escrita por um grupo de crianças).
 - 13) Limpeza e remoção do lixo local com as crianças em visitas periódicas.
 - 14) Decalque das mãos das crianças, em horário de aula, no muro da nossa EMEI para garantir a participação do maior número de pequenos cidadãos.
 - 15) Construção de cartazes e panfletos das crianças para divulgação junto à comunidade, para sensibilizá-la quanto à necessidade de preservar o local do “Jardim”.
 - 16) Elaboração de convites para as famílias participarem da construção do presente ao nosso CEU, o “Jardim”.
- 

Dia do evento

A abertura do evento contou com uma *performance* de todas as crianças da nossa EMEI abraçando simbolicamente todos os convidados, construindo junto a eles um gigantesco girassol com várias rodas, em que os adultos estavam cercados pela roda das crianças, na rua, em frente ao nosso ao “Jardim”. E, também, foram desenvolvidas as seguintes ações:

- 1) Atividades com as famílias e comunidade: decalque das mãos no muro como forma de marcar a identidade e a retomada do nosso espaço para a construção do “Jardim”
- 2) Apreciação por parte de adultos e crianças da exposição com todas as propostas desenhadas pelas crianças.
- 3) Apresentação dos *slides* com as fotos e gravações de todo o processo desenvolvido até o momento.
- 4) Confraternização com café comunitário (doado pelos educadores e educadoras da nossa EMEI).
- 5) Plantio simbólico de algumas mudas no “Jardim” realizado por famílias e crianças.

Avaliação do encontro: Pensando em deixar este dia registrado, deixamos em um local comum e de circulação das famílias um livro para estimular o registro sobre este dia.

A escuta atenta das falas das crianças foi fundamental para o planejamento e a organização das atividades, reforçando em nossos pequenos cidadãos e cidadãs a certeza de que só a mobilização de todos e a apropriação dos espaços públicos será o caminho para construirmos uma cidade melhor para adultos e crianças: uma verdadeira Cidade Educadora.

3. Potencial de Impacto

A princípio, o projeto pareceu desacreditado pelos próprios membros da equipe escolar. Parecia muito difícil acreditar que as famílias se disponibilizariam para atender um chamado da escola. Após as pesquisas, o entusiasmo com a participação e o interesse das famílias construiu um novo olhar da escola em relação às famílias, e vice-versa. O desafio então foi agregar as informações da realidade local, trazidas nas pesquisas pelas famílias aos fazeres da nossa EMEI.

Mudanças de prática começaram a ser visíveis: o olhar para cada criança da turma passou a ser mais compreensivo e acolhedor por parte da escola; o atendimento às famílias ficou melhor, a acolhida já não é mais tão distante, há uma proximidade maior entre educadores(as) e famílias; a forma de comunicação por bilhetes via agenda tornou famílias e EMEI mais próximos; e um dos maiores ganhos para educadores e educadoras foi a compreensão, pelas pesquisas, de uma nova configuração de família, que antes era tão distante aos nossos olhos! Hoje nossa equipe não discute mais sobre comemorar ou não o Dia dos Pais ou das Mães, o nosso compromisso está em acolher, valorizar e integrar esta diversidade de famílias independentemente de como ela se constitua. É ação da EMEI valorizar a importância e o significado de ter ao lado pessoas que amamos e que cuidam do nosso bem-estar. Passamos, enquanto Unidade, a enxergar nossas infâncias e priorizá-las naquilo que faz realmente sentido e significado.

O trabalho com projetos permitiu-nos *descortinar* cotidianamente novos horizontes e descobrir novas formas de atuar junto aos nossos meninos e meninas, na construção de suas identidades.

A partir daí surgiram novas inquietações: crianças tão pequenas seriam capazes de expressar suas ideias com clareza e compreender ações políticas como a retomada do espaço do jardim? Gradativamente, o projeto foi tomando corpo. As conversas com as crianças possibilitaram a descoberta, pelos educadores e educadoras, do potencial dos meninos e meninas. Foram apontadas soluções simples, de fácil implementação e baixo custo, e todas saídas. Todas saídas das vozes de nossos pequenos cidadãos e cidadãs. Neste projeto, os educandos foram sujeitos condutores de todo o processo, trazendo à luz questões sociais (como a inclusão da caçamba para o lixo reciclável), ambientais e políticas (como a solicitação de lixeiras para nossa calçada), além da militância de cada menino e menina junto aos adultos de seu meio – vizinhos, familiares, amigos e conhecidos.



4. Perspectivas de continuidade e sustentabilidade do projeto

Cada dia uma turma de cada horário vai até o espaço que está sendo realizado (o jardim), recolhem os lixos e regam as plantinhas. A inserção deste cronograma faz parte do planejamento semanal das educadoras.

Há a divulgação do perfil da EMEI no Facebook (CEU EMEI Arican-duva) e da página criada para cada turma. Assim, as famílias poderão também acompanhar o trabalho pedagógico realizado.

Esse projeto já demonstrou não ser o fim, mas um gatilho para a retomada dos espaços da nossa EMEI e da construção de uma identidade de trabalho junto à comunidade – adultos e crianças. Tornar o currículo da Educação Infantil, em seus diversos fazeres, rico e significativo para



essa comunidade não só aumentou a frequência nas aulas, como também a assiduidade nos eventos da escola. Os educadores e educadoras envolvidos nunca, em suas práticas coletivas anteriores, vislumbraram tamanho envolvimento e mobilização dos diversos atores. As ações pautadas nas falas das crianças possibilitaram a nossa EMEI perceber que esse exercício de cidadania é capaz de produzir soluções democráticas para os espaços frequentados pelas crianças e para construção de uma Cidade Educadora. Mais do que marcas no muro, esse projeto marcou a vida de meninos e meninas, homens e mulheres e principalmente a história da nossa EMEI dentro dessa comunidade.



5. Outras observações

As ações realizadas que necessitavam de recursos só aconteceram pela doação de vários parceiros dentre os atores que acreditaram neste projeto.

Parceiros envolvidos no projeto

Comunidade, famílias, meninos e meninas do Infantil I e II do ano de 2014.

Amanda Gomes Pinto

Ana Cristina Monteiro da Silva

André Gomes Prado

Claudia Fernandes Leite

Cristiane Róseo da Silva

Elaine José Imbra



Fátima Regina Graminha
Florisa Kimie Tokuda Yogi
Inês Rodrigues Gomes da Silva
Izabel Soares Ribeiro
Juliana Carvalho Correa
Lilian David
Náide Santos do Nascimento
Nilcéia Correa Antonio
Nilda Cavalcanti Santana
Paloma Novais Chimello
Sheila Souza
Sueli Carvalho
Suédson Ferreira de Oliveira
Valdir Fortunato

Subprefeito de São Mateus: Fábio Santos Silva

Viveiro do Carmo: Thiago

Funcionários da Tonnani: Manuel, Francisco, José, Renato, Frederico, entre outros.

Almoxarifado da Diretoria Regional de Educação de Itaquera: Luciana



Referências Bibliográficas

ANGELO, A. D. O espaço-tempo da fala na Educação Infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: KRAMER, S.; ROCHA, E. A. C. *Educação Infantil: Enfoques em diálogo*. Campinas: Papyrus, 2011.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Programa Mais Educação São Paulo: subsídios para implantação/ Secretaria Municipal de Educação*. São Paulo: SME/ DOT, 2014.

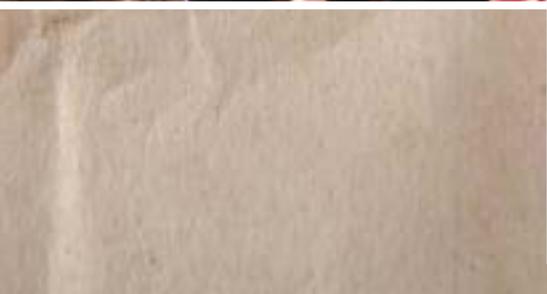


















Categoria 1: Unidades Educacionais

3º Lugar

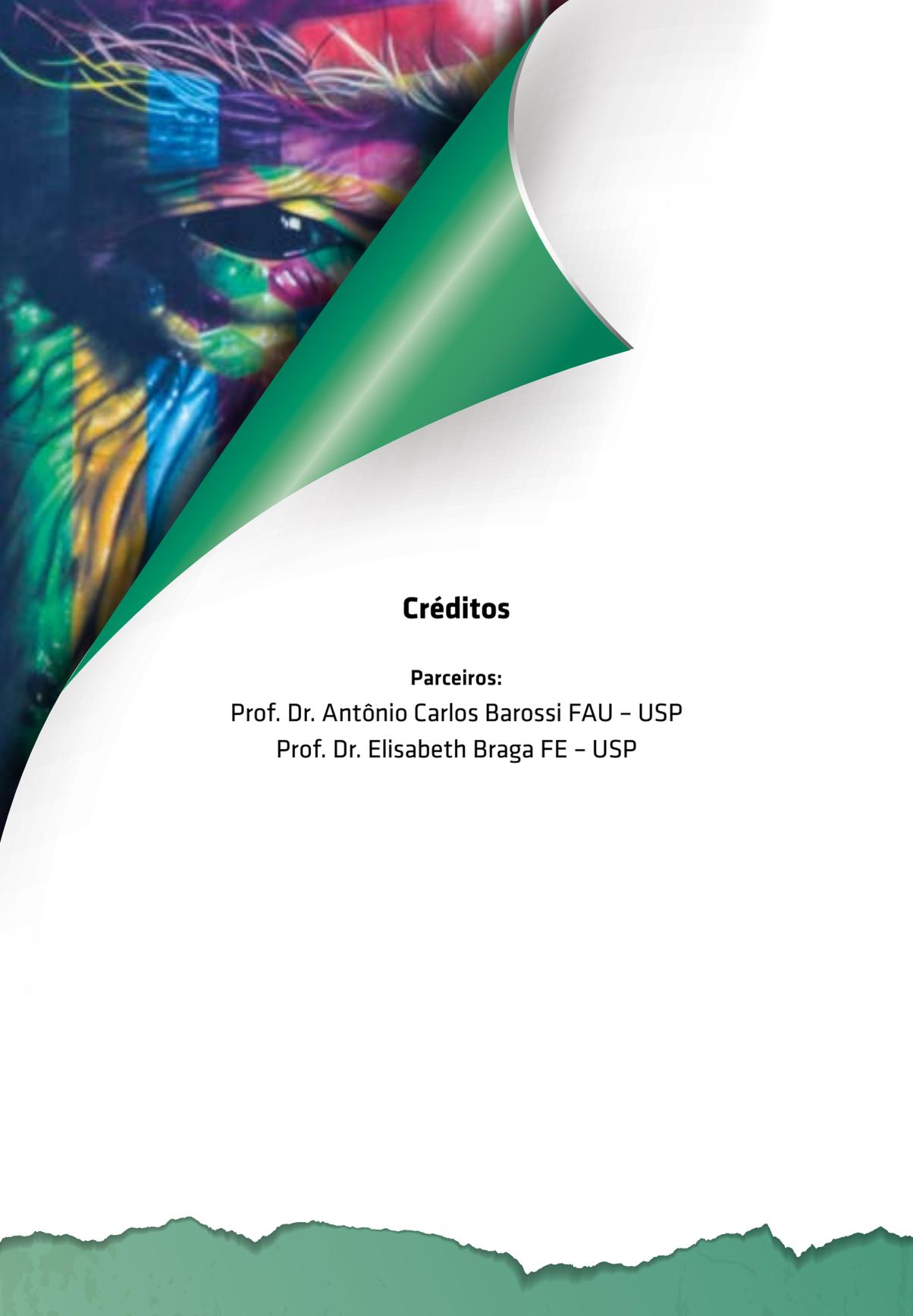
CENTRO DE MEMÓRIA COHAB RAPOSO TAVARES

Autoras:

**Andrea Leão
Mariana Mattos**

Unidade Escolar:

**EMEF Maria Alice Borges Ghion
(DRE Butantã)**



Créditos

Parceiros:

Prof. Dr. Antônio Carlos Barossi FAU – USP

Prof. Dr. Elisabeth Braga FE – USP



Apresentação

No âmbito do *Mais Educação* da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, desenvolve-se na EMEF Maria Alice Borges Ghion um projeto que, por meio do protagonismo dos alunos e da interação da comunidade do entorno da escola, destaca as memórias individuais e coletivas dos moradores do Conjunto PROMORAR – COHAB Raposo Tavares, a fim de valorizar e fortalecer a identidade local na busca por direitos. Neste contexto, o objetivo principal do projeto é a construção do Centro de Memória do bairro, como forma de registrar, documentar e expor a história do conjunto habitacional e a identidade de seus sujeitos, contribuindo para que a memória permaneça viva e que os moradores possam questionar sua realidade, identificando problemas e refletindo sobre possíveis soluções, tornando-se agentes transformadores sociais. Além da memória do bairro, os alunos pesquisadores do Centro de Memória vêm realizando um levantamento documental da escola em comemoração aos 20 anos do prédio. Os documentos e entrevistas recolhidos fizeram parte da Mostra Cultural de 2014 e compõem o acervo documental do Centro.

Desde 2013, por meio de uma experiência-piloto, em que foram levantadas reportagens referentes ao bairro, os alunos pesquisadores perceberam que valorizar a história de lugares significativos em nossas vidas permitem reconhecermos que fazemos parte de um coletivo. A partir dessa verificação, o projeto ganhou corpo, definimos seus objetivos, sua metodologia e estamos fortalecendo o acervo, criando redes de contato entre os moradores para que estes possam pensar conjuntamente nas melhorias do bairro.



Esse trabalho é realizado por alunos-pesquisadores da EMEF Maria Alice Borges Ghion, professores e toda a população local de forma direta e indireta. Entre todos os alunos e pais que se engajaram no projeto, foi unânime a vontade de ter um espaço onde possam ter contato com fontes históricas do bairro, dado ao fato da luta coletiva que levou à conquista do Conjunto Habitacional Raposo Tavares, que foi construído e desenvolvido por meio de lutas sociais de seus moradores desde 1991. Os primeiros moradores, que somaram 77 famílias, foram removidos para o local após terem suas antigas habitações destruídas devido ao desmoronamento do terreno da Favela Nova República (São Paulo), que resultou em 14 mortes. Mais tarde, deslocaram-se outros moradores de áreas de risco para formar o primeiro embrião de casas no terreno cedido pela Prefeitura de São Paulo. Vale ressaltar que em tal terreno, no mesmo período, estavam sendo construídos os prédios da COHAB. O valor dado ao local pelas primeiras famílias está fortemente presente em seus relatos sobre experiências vividas no bairro e suas conquistas que levaram à reconstrução de suas vidas e de um lar para suas famílias.

O projeto visa também o fortalecimento do Conselho de Escola como pólo irradiador de discussões que aproxima a comunidade da escola e vice-versa. Neste sentido, alguns professores participam da formação do CRECE (Conselho de Representantes dos Conselhos de Escola), que é um colegiado que tem como fim o fortalecimento dos conselhos de escola e a efetivação do processo democrático nas Unidades Educacionais e nas diferentes instâncias decisórias, visando à maior qualidade da educação.



1. Justificativa

De acordo com Paulo Freire, “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (1984, p.11). A partir disso, este projeto fundamenta-se na ideia de promover o reconhecimento da identidade social dos alunos a partir de experiências que complementem as atividades da sala de aula, além de tentar resolver uma demanda levantada pelo corpo docente e gestores da escola que tem como meta aproximar a comunidade da realidade escolar. Dessa forma, a criação de um Centro de Memória contempla os objetivos estabelecidos no Plano Político-Pedagógico da escola.

Esse projeto também contribui para ações do Estado que visam à inclusão do conhecimento local como parte importante do currículo escolar, promovendo transformações sociais. A educação existe a partir de uma confluência dos conhecimentos da academia, dos saberes prévios dos alunos e do conhecimento produzido na relação entre escola e uma esfera de ação local, como é o caso da comunidade do bairro COHAB Raposo Tavares. A unidade desses conhecimentos e saberes transpõe sua existência espontânea pertencente a sujeitos de um meio socio-cultural e torna-se concreta por meio de sua organização e exposição no espaço de um Centro de Memória. Este projeto vem ao encontro de propostas de políticas públicas de educação sobre essa nova qualidade de conhecimento criado pela relação escola-comunidade, propondo diretrizes para os currículos oficiais.



2. Metodologia

A metodologia deste projeto possui uma dimensão prática. A partir da utilização de métodos de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento, como Historiografia, Museologia, Arquivística, Geografia, Antropologia e Ciências Sociais e da integração desses saberes, os alunos são orientados a realizarem atividades que proporcionam não somente a construção da história pelo resgate da memória local, mas também o seu desenvolvimento intelectual por meio do acesso às linguagens e técnicas específicas dessas áreas do conhecimento.

A fim de alcançar os objetivos, bases teóricas de autores das áreas do conhecimento supracitadas são pesquisadas. Deste modo, é possível definir conceitos envolvidos na temática do projeto, como memória, oralidade, lugar, paisagem, políticas públicas, cidadania e direitos humanos, complementada por meio de visitas técnicas a centros de memórias, museus como fonte de inspiração e contato com projetos similares.

Trabalhos de campo que promovam a interação entre os alunos e o bairro são realizados concomitantemente, orientados por objetivos educacionais do projeto. Assim, os alunos entram em contato com fontes históricas primárias, fazendo levantamentos de dados e informações; catalogação, fichamento, estudos e organização destes em quadros, tabelas, gráficos e textos-síntese, bem como sua exposição. Com técnicas especializadas, os tipos de fontes históricas são identificadas, analisadas, classificadas e arquivadas pelos alunos pesquisadores.

Para aproximar a comunidade das etapas do projeto e torná-la protagonista, atividades como oficinas e exposições que apresentem

os resultados parciais das pesquisas, bem como as que recolham dados e informações, são desenvolvidas. Além disso, a divulgação do projeto ocorre por meio de *folders*, cartazes, eventos, páginas em redes sociais e sites na internet, garantindo o direito ao acesso à informação.

Por fim, nossa metodologia de trabalho é regida semestralmente por auto-avaliações, valorando objetivos alcançados e reformulando algumas propostas segundo a dinâmica dos rumos tomados por nossas ações.

Algumas atividades realizadas:

- Estudos dos conceitos envolvidos na temática do projeto, como memória, oralidade, lugar, paisagem, políticas públicas e cidadania.
- Estudo de experiências reais de Centros de Memória ou museus de bairros.
- Visita a Memoriais.
- Visita à casa dos moradores da COHAB para catalogação e agendamento de entrevistas e retirada de documentos originais para reprodução.
- Entrevista às lideranças comunitárias.
- Entrevistas e levantamento de fontes materiais do bairro.
- Formação dos professores da unidade escolar com a Prof^a. Dr^a. Elizabeth dos Santos Braga da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo sobre os conceitos de memória e ações colaborativas.
- Organização e exposição da história material e oral em oficinas interativas.
- Processo de classificação e catalogação dos documentos.

- Constituição do espaço provisório do Centro de Memória COHAB Raposo Tavares.
- Catalogação e agendamento de entrevistas e retirada de documentos da unidade escolar.
- Edição das entrevistas com funcionários, alunos e professores da escola. Organização e exposição da história material e oral em oficinas interativas.
- Curso com o “Projeto Tela Brasil”, sobre produção e edição de curtas metragens.
- Estudo de roteiro, sinopse, argumento para produção de filmes, análise de curtas-metragens para produção, desenvolvimento do roteiro, gravação do curta-metragem, montagem de um cineclube, edição do vídeo.
- Desenvolvimento de um projeto arquitetônico do futuro Centro de Memória em parceria com o Professor Antônio Carlos Barossi, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo.



3. Potencial de Impacto

O projeto contempla a participação de diferentes sujeitos do bairro. Lideranças políticas, entidades religiosas, pais, professores e funcionários da escola, outras escolas, antigos e novos moradores, colegas e amigos do convívio externo à escola, todos são participantes dos trabalhos de construção e sistematização da própria história, por meio das memórias individuais e coletivas.



Além disso, é importante evidenciar que a temática do projeto engloba o histórico das políticas públicas que orientaram a organização espacial do bairro. Neste percurso de conquistas, houve a construção de seis instituições de ensino na área da COHAB. Assim, é intrínseco aos estudos e pesquisas do projeto lidar e entender a questão das políticas públicas de educação.

Os resultados são diversos ao longo da trajetória deste projeto. Temos o envolvimento efetivo e afetivo por parte dos alunos, que podem ver suas ações concretizadas e materializadas, principalmente quando dialogam com os moradores, seja nas entrevistas gravadas ou na simples atuação de recolher uma foto de um espaço que se modificou ao longo da história do bairro. Para os moradores, o projeto adquiriu uma importância reveladora, ao ver que suas crianças estão preocupadas com as lutas e conquistas realizadas por eles. Para os membros da comunidade escolar, o projeto vem proporcionando a quebra dos muros institucionais que distanciam a realidade do bairro da realidade escolar.

Outro resultado concreto é o autorreconhecimento da comunidade como agente político-histórico, a partir do momento em que é convidada a reconstituir sua trajetória histórica, por meio dos seus moradores individualmente, levando a uma reflexão e análise de suas ações reivindicatórias no processo de fortalecimento do bairro, criando uma perspectiva para novas ações.

Os projetos político-pedagógicos apresentados desde 2010 pela EMEF Maria Alice Borges Ghion vêm apontando para a necessidade de aproximar a comunidade da escola. Foi detectado, nas avaliações ao longo destes anos, que os pais sentem dificuldade em ajudar seus filhos no seu desenvolvimento cognitivo e em sua formação cidadã, faltando-lhes organização, valorização e acompanhamento das aprendizagens de seus filhos. Tais dificuldades levaram a Unidade Educacional

a procurar trabalhar com a transversalidade, como questões da história, cultura local e respeito às diversidades.

Dentre os objetivos colocados no Plano Político-Pedagógico da Unidade Educacional está a ampliação da relação e integração entre família e escola. Para isso, há total envolvimento e investimento ao Projeto Centro de Memória COHAB Raposo Tavares, uma vez que a comunidade escolar anseia por um trabalho coletivo que busque a melhoria na qualidade da alfabetização dos alunos, pela ampliação do protagonismo e pelo acréscimo do repertório cultural, ajudando-os a descobrirem-se no mundo, desenvolvendo suas competências e habilidades, bem como seus interesses.

Como essa experiência envolve o diálogo entre comunidade e escola, fato de extrema importância no processo pedagógico, é fundamental que tal correlação seja abordada por diferentes ciências e áreas do conhecimento. A interdisciplinaridade oferece amplas oportunidades de aprendizagem e a união da equipe docente, imprescindível no cotidiano escolar. Assim, entre os objetivos do projeto, a participação e o envolvimento de todos os docentes e suas correspondentes disciplinas ampliam o entendimento do que seria a produção de um conhecimento local e popular e a sua correlação ao conhecimento acadêmico.

Matemática, História, Geografia, Ciências Biológicas e outras disciplinas são instrumentos norteadores deste projeto. Estas disciplinas são aplicadas em várias etapas do projeto, seja na elaboração da planta do bairro, no cálculo da área, na criação de tabelas com dados socioeconômicos, na criação de estratégias para divulgação, que se utiliza de técnicas de produção textual, na pesquisa documental, nas mudanças da paisagem, no estudo do meio, nas questões envolvendo a qualidade de vida, o lixo, o consumo e até nas lutas sociais ocorridas ao longo da história do bairro.

Ao realizarmos os levantamentos de dados e informações; catalogação, fichamento, estudos e organização destes em quadros, tabelas, gráficos e textos-síntese, bem como sua exposição, estamos trabalhando com a produção e síntese textual, bem como as competências e habilidades da leitura, da escrita e do raciocínio lógico. Quando se fala de competência leitora, o indivíduo interpreta o mundo em que vive de acordo com o contexto, mas também com tudo aquilo que adquiriu a partir do conhecimento.

A base do acervo do Projeto Centro de Memória está no recolhimento de testemunhos orais, contemplando assim outra grande carência do público estudantil da contemporaneidade: a capacidade de ouvir. Neste mundo cada vez mais breve, as pessoas estão perdendo a capacidade de ouvir e processar as informações com qualidade. Esta competência constitui fator indispensável à aprendizagem da leitura e da escrita e da própria utilização da sintaxe. Em todas as etapas do projeto são utilizadas as Tecnologias de Informação e Comunicação como: datashow, DVD, câmaras filmadoras e fotográficas, microfone, computadores, internet, redes sociais, sites e *blogs*; assim como a formação de competências para utilização dos aparelhos tecnológicos citados, treinamentos para filmagem, edições de vídeos e som, construção de páginas nas redes sociais para compartilhar e divulgar o projeto entre os alunos e os demais moradores. Há também formação em pesquisa na internet, tendo a preocupação de que os alunos aprendam a selecionar as informações apropriadas, verificando e identificando sua origem e quem as criou, as divulgou e qual a intenção delas.

4. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade

Foi unânime, entre os membros da comunidade que se engajaram no projeto, a vontade de ter um espaço onde possam ter contato com fontes históricas do bairro, por isso a reivindicação do Centro de Memória, para que se fortaleça ainda mais o sentimento de pertencimento ao local e se estimule o resgate da memória individual e coletiva.

Desde o início dos trabalhos com a história do bairro, prevemos a concepção de um espaço para abrigar a documentação levantada e permitir a realização das diferentes atividades do projeto. É importante levar em consideração que essa documentação está em processo de construção, novos documentos são sempre incorporados ao acervo, novos conhecimentos vão sendo construídos e se estabelecendo em textos e vídeos. Durante o projeto, capacitamos e envolvemos os alunos a pesquisarem e a buscarem suas histórias individuais e coletivas, o que faz com que tenhamos um arquivo de memória, constantemente nutrido de novos registros. Para isso, uma parceria com o Prof. Dr. Antônio Carlos Barossi, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo foi estabelecida, e desde 2013 vem articulando um projeto arquitetônico para um espaço com multifunções, que, além de abrigar o acervo histórico, será um espaço para uso da comunidade (reuniões comunitárias, ensaios, espaço de cultura, saraus), inclusive para outras escolas locais.



Bibliografia

CONSTANTINO, C. A. S. *COHAB-SP: Uma nova política habitacional*. São Paulo, 2001-2004.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Petrópolis: Vozes, 1984.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

MARADINO, M.; LEAL, M. C. [Org.] *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de Ciência*. Rio de Janeiro: Access, 2003. 233p.

MENESES, U. T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Debate (cont.). Anais do Museu Paulista História e Cultura Material*. São Paulo, n. 3, p. 103-126, 1995.

E-referências

PROJETO MEU BAIRRO MINHA HISTÓRIA. Disponível em: <<http://projotomeubairro-minhahistoriaacm.blogspot.com/>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

<http://www.fgml.itajai.sc.gov.br/pagina_sub.php?id=35&id_sub=30>

<<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalho.htm>>



Fotos do Projeto

Entrevista com os professores sobre a memória da escola



Profª. Andréa D'Santi



Profª. Denise

Definição dos objetivos para 2014 e ensaios para as entrevistas



Espaço Organização do Espaço Provisório (pintura, organização e arquivo)



Curso de Cinema – Tela Brasil

Curso realizado em dois momentos no ano com os alunos do projeto. Teve como objetivo uma formação na produção audiovisual: roteiro, direção, produção, fotografia, arte, som e montagem. A proposta pedagógica da oficina baseia-se na prática, no incentivo à criatividade e no trabalho em grupo. A partir do primeiro dia de aula, os jovens conheceram e operaram equipamentos, experimentaram a linguagem audiovisual e desenvolveram sua capacidade de expressão.



Projeto África – trabalhando a oralidade e a memória



Alunas do projeto apresentaram histórias que remetem à importância da oralidade nas culturas tradicionais. Ao fundo, se encontra a representação do Baobá, uma das árvores mais antigas do mundo que, nas culturas africanas, simbolizam a memória e o conhecimento.

Apresentação do grupo de *hip-hop* infantil da comunidade na escola

O grupo Hip Hop Kidz Br visa realizar um intercâmbio cultural com crianças e jovens das periferias de São Paulo e agregar artistas mirins de várias regiões da cidade que contemplam os quatro elementos do movimento *hip-hop*. Neste contexto, o projeto *Hip-hop – Criança Alegria Conhecimento* estimulou crianças e jovens a desenvolver o potencial criativo e artístico.



Oficina de pintura em telha

O objetivo desta oficina foi a interação e a integração por meio da arte africana. Envolveu professores, funcionários, coordenadores e profissionais de gestão.



Dia da família na escola – Pintura em telha com gravuras africanas

Objetivo da atividade: Integração entre alunos, professores e comunidade.



Visita técnica ao Museu da Resistência

Esta visita teve o objetivo de conhecer tipos de exposição e refletirmos sobre História e memórias, com ênfase nos 50 anos do Golpe que resultou na Ditadura Militar no Brasil.



Visita técnica à Pinacoteca do Estado

Esta visita teve o objetivo de conhecer tipos de acervos e fontes materiais e iconográficas.



Produção do curta-metragem

Luana Dias – entre o passado, presente e futuro



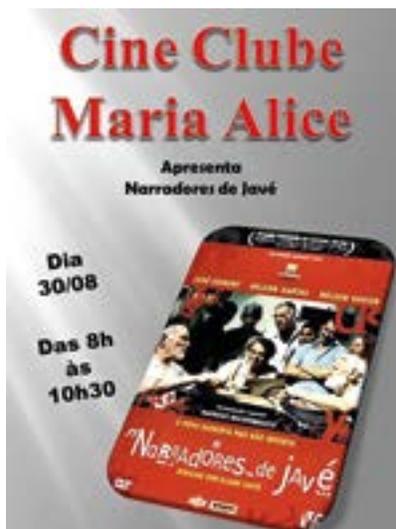
Dinâmicas de grupo

Foram realizadas diversas dinâmicas que trabalharam a memória e a integração do grupo.



Cineclube Maria Alice

Exibição do filme *Narradores de Javé* para os alunos e professores da EMEF Profª Maria Alice. Trabalhamos a importância da memória oral e do arquivo histórico. Exibimos também os seguintes filmes: *Uma história de amor e fúria* e *Uma onda no ar*.



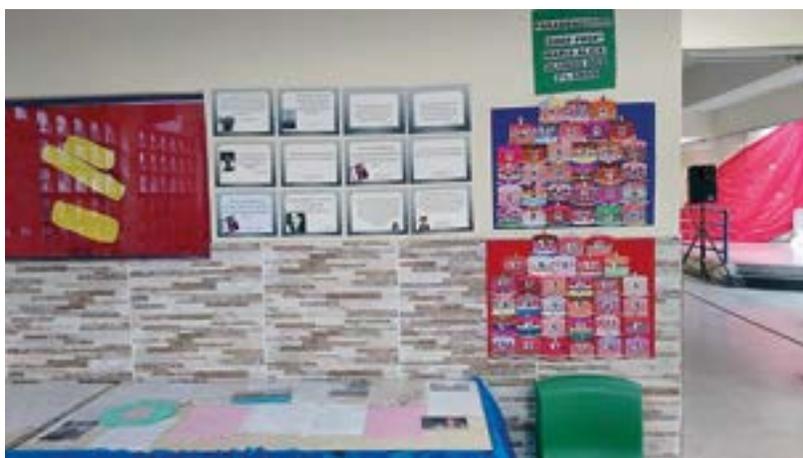
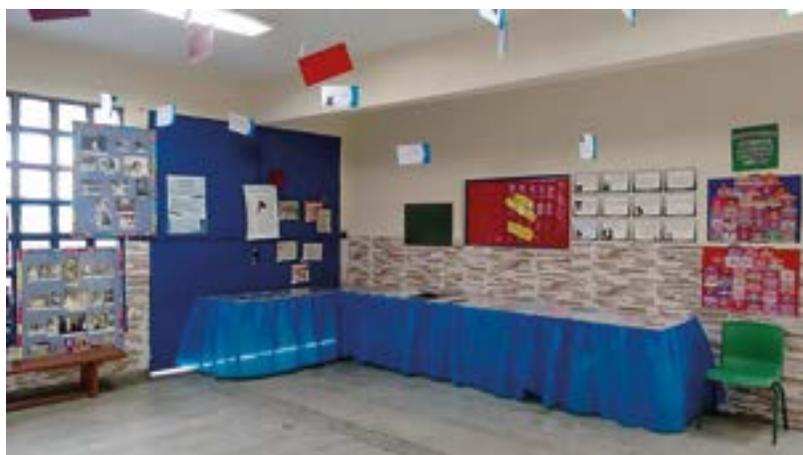
E-referências

PORTAL APRENDIZ. *Três experiências que mostram que educação, direitos humanos e comunidade têm que andar juntos*. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/12/15/tres-experiencias-que-mostram-que-educacao-direitos-humanos-e-comunidade-tem-que-andar-juntos/>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

Exposição na Feira Cultural

Ocorrida no dia 29 de novembro em comemoração aos 22 anos da escola Maria Alice e dos 20 anos do prédio.

- a) entrevistas e mensagens dos professores
- b) exposição
- c) mensagem dos ex-alunos



Formação dos professores e parcerias

Recebemos a visita da Prof^a. Elizabeth Braga, da FE-USP, que apresentou uma palestra teórica sobre pesquisa e ação.



ANEXO 1.

Projeto de extensão da FE-USP da Prof^a. Elizabeth Braga, em que ela menciona o apoio dado ao projeto.

Caderno do Pré-Projeto Arquitetônico

Espaço permanente do Centro de Memória, criado em parceria com o Prof. Antônio Barossi da FAU USP – Fotos do projeto. Anexo II – Pré-projeto.





Categoria 1: Unidades Educacionais

Menção Honrosa

ASSEMBLEIAS ESCOLARES

Autora:

Irene Garcia Costa de Souza

Unidade Escolar:
**EMEF Victor Civita
(DRE Pirituba)**



Créditos

EQUIPE DOCENTE:

Adailde Nerys de Oliveira
Amanda Régia da Silva Costenaro
Clayton Daniel Anastacio
Diego batista dos Santos
Elisabete Santana Godliauskas
Erica Regina Zerbati
Ioni da Silva Souza
Glaucia Cruz de Souza
Jacson Nunes dos Santos
Jaqueline Leite de Araujo
Katia Guimarães Apratto
Luciana Simões de Almeida
Marco Aurelio da Silva Cruz
Nilda Ribeiro Santana Citraro
Nilton Benedito Antunes
Rachel de Oliveira Pinheiro Kaneko
Raimunda Pereira da Costa

Regina Carlos Eliziário
Rosilene Donha Fernandes
Sílvia de Oliveira Dias dos Santos
Thiago Mena
Valquíria Beverari
Viviane Aparecida C. de Camargo
Wagner Cardoso Pereira

EQUIPE TÉCNICA- PEDAGÓGICA:

Irene Garcia Costa de Souza
Nazaré Santos de Genaro
Nádia dos Santos Piau

EQUIPE ADMINISTRATIVA E DE APOIO:

Roseli Orbolato Rodrigues
Alex dos Santos Vieira
Dulcelina Francisco dos Anjos Soares
Odete Pereira dos Passos
Maria Cristina Ribeiro
Regiane Machado Leite
Paulo Jose da Silva
Maria do Carmo Arruda Leite
Valdir Pereira Pinheiro
João Batista Vieira

EQUIPE DE APOIO TERCEIRIZADA:

Antonia Solange Carvalho Eduardo
Noemia de Oliveira Eduardo
Divina Benedita de Salles
Santina Cavalcanti da Silva
Rilza Cruz Nascimento
Mirian Moreira da Silva Rosário
Silvany G. Carvalho da Silva
Lucilene Pedroso do Rosario Silva
Doraci Vieira da Silva



Apresentação

O Projeto Assembleias Escolares da EMEF Victor Civita é uma iniciativa pautada na reflexão coletiva dos profissionais da Unidade Educacional. Foi a estratégia adotada para avançar nas discussões sobre disciplina e aprendizagem, entendendo-se que estas são faces da convivência escolar e que envolvem não apenas os alunos, mas todos os profissionais que atuam no interior da escola. Tem por pressuposto a gestão participativa, a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico, a formação docente em contexto, o currículo em suas múltiplas dimensões e linguagens.

Este projeto visa à formação cidadã ao dar voz aos alunos e capacitá-los para fazer uso deste direito de forma competente não apenas no espaço escolar, mas, como cidadãos, em todos os espaços em que se encontrem. O projeto tem como objetivos:

- Desenvolvimento da gestão participativa.
 - Valorização da participação dos diferentes segmentos da comunidade escolar.
 - Desenvolvimento do diálogo como estratégia coletiva de resolução de problemas e conflitos.
 - Cultivo da cultura da paz.
 - Incentivo às relações pessoais respeitadas.
- 



1. Justificativa

A EMEF Victor Civita localiza-se no bairro do Jaraguá, numa das faces do Pico do Jaraguá, a Vila Homero. Se a compararmos com outra EMEF paulistana, é considerada uma escola pequena, com apenas sete turmas em cada período. Localizada numa região residencial que tem crescido nos últimos anos com a criação de conjuntos habitacionais e áreas de invasão habitacional em processo de urbanização, a escola está numa região em crescimento da periferia da cidade.

A comunidade atendida é formada basicamente por famílias de trabalhadores que enfrentam desafios comuns relacionados a emprego, renda, oferta de serviços públicos, etc. De maneira geral, a comunidade valoriza a escola. Os alunos e alunas matriculados são crianças e adolescentes do entorno que permanecem quase todos matriculados por todo o Ensino Fundamental nesta Unidade Educacional.

A escola, com pouco mais de 20 anos de funcionamento, tem uma equipe em processo de consolidação, ou seja, os profissionais têm, em sua maioria, permanecido na equipe. Dessa forma, as iniciativas de formação continuada têm avançado e as conquistas, de um ano para outro, permanecido.

O contexto geral desta Unidade Educacional pode ser avaliado positivamente. Isto, no entanto, não significa que tudo é fácil ou que não haja problemas. Ao contrário, há desafios que exigem que a equipe escolar esteja atenta e disposta para enfrentá-los.

Nos anos de 2011 e 2012, temas relacionados à indisciplina permearam os debates e estudos dos profissionais, particularmente professores.



Estes manifestavam desagrado com várias posturas de alunos e com o resultado das avaliações de aprendizagem. Argumentavam que estes dois elementos estavam relacionados e que havia a necessidade de que a escola se posicionasse a respeito. Logo, no entendimento de que ações deveriam ser adotadas para harmonizar o ambiente escolar tornou-se pauta de debates.

Mas, havia insatisfações também entre os estudantes. As reclamações eram as mais diversas: de colegas que atrapalhavam as aulas ou agiam com desrespeito e/ou agressividade, de professores que não demonstravam interesse por seus problemas e particularidades, dos profissionais em geral que não tinham disposição para ouvi-los, entre outras.

Esses elementos, ou seja, as queixas vindas de diferentes segmentos, foram reunidos e problematizados pela equipe gestora, que planejou intervenções. Estas englobavam ao mesmo tempo formação docente e partilha da gestão de conflitos. Optou-se por uma abordagem que permitisse aos profissionais, particularmente aos professores, aprofundar elementos da própria formação docente que subsidiassem a participação na construção de soluções para os problemas vivenciados.

Este é o cenário em que nasce o Projeto Assembleias Escolares², que busca inicialmente conciliar as diferentes demandas em uma única proposição: a escola como espaço de convivência e participação. O projeto objetiva o desenvolvimento da gestão participativa e a valorização dos diferentes segmentos da comunidade escolar, e o desenvolvimento de relações interpessoais respeitadas.

2 Embora discutido com todos os profissionais e pensado para toda a escola, a implementação deste projeto em 2013 acontece primeiramente nas turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, que frequentam a escola no turno da tarde. Em 2014, os anos iniciais, do turno da manhã, são introduzidos no projeto.

Assim, este projeto constituiu um importante instrumento no processo de construção do diálogo na escola, pois, além de proporcionar a abertura para a participação dos alunos, favoreceu o engajamento de todos numa busca coletiva por soluções aos problemas identificados, reforçando o papel de cada agente envolvido na construção do conhecimento.

Assim, o projeto tem, de um lado, uma dimensão de formação dos profissionais para a gestão de conflitos; de outro, uma dimensão de formação discente para a participação, a democracia e a cidadania. Em ambas as dimensões, há uma preocupação ética de desenvolvimento dos sujeitos com base no respeito às suas subjetividades.



2. Metodologia

A primeira ação desenvolvida a partir das demandas de professores e alunos aconteceu em reuniões de formação dos profissionais com diálogo aberto sobre o que a equipe vinha observando, dos problemas percebidos e das possibilidades de intervenção vislumbrados.

A este diálogo inicial somou-se o estudo de texto sobre convivência e resolução de conflitos na escola:

- ➔ Livro “*Conflitos na Escola: modos de transformar, dicas para refletir e exemplos de como lidar*”³.

³ CECCON, C. et al. *Conflitos na Escola: modos de transformar, dicas para refletir e exemplos de como lidar*. São Paulo: CECIP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.





- Texto “Resolução de conflitos e assembleias escolares”⁴, do professor Ulisses F. Araújo.
- Caderno “Convivência Democrática: protagonismo juvenil”⁵.

Outros estudos foram realizados sobre a adolescência, particularmente a partir do “Programa Café Filosófico”, palestra de Ivan Capelato “Adolescência, ontem, hoje e amanhã”⁶, e de Roseli Sayão, “A história da educação dos filhos”⁷. Também do programa “Fronteiras do pensamento”, “Diálogos com Zygmunt Bauman”⁸ foi material de estudo, pois apresenta uma perspectiva da Sociologia sobre a pós-modernidade. A partir dessas palestras, o grupo avançou na compreensão da situação das crianças e adolescentes na sociedade atual e das características desta a partir do conceito de pós-modernidade. Isto permitiu ao grupo aproximar-se de um novo referencial para a compreensão das manifestações e comportamentos dos alunos no cotidiano escolar.

Assim, encaminha-se a discussão coletiva objetivando a implementação de instrumentos que possibilitassem o diálogo que os alunos tanto desejavam, integrando a latente necessidade de um espaço para partilhar os problemas observados na escola e o buscar de soluções exequíveis em conjunto.

4 ARAÚJO, U. F. Resolução de conflitos e assembleias escolares. *Cadernos de Educação*. Pelotas. v. 31, p. 115-131, jul./dez.2008.

5 BRASIL. *Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: protagonismo juvenil*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

6 Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/wp/2012/08/24/adolescentes-ontem-hoje-e-amanha-ivan-capelatto/>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

7 Disponível em: <<http://www.cpfcultura.com.br/wp/2012/08/31/a-historia-da-educacao-de-filhos-rosely-sayao/>>. Acesso em: 28 mar. 2015.

8 Disponível em: <<http://www.frenteirasdopensamento.com.br/videos/player/?13,113>>.

Paralelamente, encaminhava-se junto aos alunos discussão sobre suas reivindicações. Estes se demonstravam desejosos por uma abertura que lhes possibilitasse maior participação na tomada das decisões da escola.

Os alunos imaginaram, num primeiro momento, que a implantação de um grêmio estudantil daria conta de atender a suas necessidades. Porém, após um estudo mais detalhado desse tipo de organização desenvolvido por dois professores junto às turmas, concluíram que um grêmio não era exatamente do que eles precisavam, pois queriam “discutir as coisas da escola”, como costumavam falar. E explicavam que queriam participar da organização e das decisões da escola.

Entre os profissionais, estudos e reflexões subsidiaram a adoção de mecanismos de intervenção, que foram identificados como ações imediatas e ações de medição. As primeiras tinham o objetivo de estabelecer procedimentos para a atuação dos profissionais na prevenção da violência interpessoal por meio da orientação, como também de ações que pudessem ser tomadas quando a violência se fizesse presente no interior da escola. As ações de mediação teriam o objetivo a médio e longo prazo de criar um mecanismo de participação dos alunos na vida da escola, incluindo a resolução dos conflitos de convivência. Isto se dá pela proposição das Assembleias Escolares.

Após esta decisão, inicia-se o processo de planejamento efetivo da ação nos momentos de estudo em que os professores durante a jornada de trabalho e em reuniões pedagógicas. Nesses momentos, o aprofundamento do tema incluiu o documentário “Assembleias Escolares”⁹, de Roberto Machado, que traz a apresentação deste projeto em uma escola da cidade de Campinas. Algumas decisões foram tomadas:

9 MEC TV ESCOLA. *Assembleias escolares*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dU-Q8otoJhzE>>. Acesso em: 28 mar. 2015.



- 1) O trabalho deveria iniciar com as turmas do Ciclo II.
- 2) As pautas deveriam ser pensadas coletivamente entre os professores, considerando o que cada turma apontasse como assunto de pauta.
- 3) A primeira assembleia teria como objetivo a discussão do próprio projeto.
- 4) As formas de participação também deveriam ser definidas coletivamente.
- 5) Os coordenadores de turma deveriam ser responsáveis pelas assembleias em suas respectivas turmas.
- 6) As assembleias deveriam ser conduzidas por pelo menos dois professores e contariam com a presença de outros funcionários da escola.
- 7) Para cada assembleia realizada, o grupo de professores deveria discutir os conteúdos debatidos, permitindo, assim, o ciclo de planejar, fazer e rever.

Segue-se, então, a elaboração, organização e realização da primeira assembleia de classes com os seguintes objetivos:

- 1) Explicar o funcionamento de uma Assembleia: o que deveria caracterizar uma assembleia e como fazê-la.
- 2) Levantar a preocupação sobre convivência escolar: necessidade de critérios de confiança¹⁰.
- 3) Definir a pauta dos assuntos a serem debatidos.

¹⁰ Estes critérios foram elaborados pela equipe a partir de diálogos com os alunos ainda antes da efetivação da primeira assembleia de classe. Foram elencados três critérios que norteariam as intervenções dos professores e suas decisões: o aluno deveria ser capaz de não colocar-se em risco, não colocar em risco outras pessoas e não colocar em risco o objetivo das atividades de aprendizagem.

Além dos objetivos acima, alguns cuidados foram adotados: na organização do espaço, todos os participantes, alunos e funcionários, deveriam sentar-se em círculo, de forma a facilitar a participação. Uma regra geral foi adotada: que apenas atitudes deveriam ser discutidas e os nomes das pessoas não deveriam ser citados, protegendo, assim, a integridade de cada um.

As discussões que aconteceram em cada turma, nessa primeira assembleia, foram levadas à sala dos professores, onde foram discutidas e analisadas. Algumas conclusões foram sistematizadas: que as turmas tiveram modos de funcionamento/envolvimento diferenciados e as discussões, a partir das pautas propostas, tiveram pontos em comum: bagunça × aprendizagem, direito de aprender, medo de se expor, crítica à postura do professor.

Uma segunda assembleia foi planejada com o objetivo de retomar a primeira assembleia, aprofundar as discussões dos temas levantados e escolher representantes de cada turma para uma assembleia com todas as turmas envolvidas no projeto, chamada de “Assembleia de Representantes”. A reflexão desta segunda assembleia de classe permitiu o planejamento da Assembleia de Representantes. Esta última foi planejada para ser dirigida pela diretora de escola e contar com a presença da coordenação pedagógica, além de cinco professores como representantes docentes, de representantes da equipe de apoio e de cinco alunos representantes de cada turma.

A Assembleia de Representantes foi planejada para aprofundar a discussão dos temas latentes, permitir que os diferentes pontos de vistas sobre elas fossem compartilhados e para ter um caráter propositivo. No desenrolar desta assembleia, o ponto escolhido para aprofundamento pelos presentes foi “os alunos que bagunçam”. Entre os profissionais,

isto causou certa apreensão: estariam os alunos a encaminhar uma demanda por punição? Estariam esperando uma resolução rápida para um problema tão complexo?

Contudo, ao permitir que os alunos verbalizassem seus pontos de vista, percebeu-se um olhar compreensivo e uma postura preocupada. A explicação que eles construíram explicava a “bagunça” como reflexo de uma dificuldade de aprender e de realizar as tarefas. A solução que viam era o estudo em grupos. E justificavam, quando se reuniam para estudar, que um conseguia explicar para o outro e, às vezes, o aluno tem um jeito de falar diferente do professor, que é mais fácil de ser entendido. A demanda, portanto, era de que na escola o trabalho em grupos fosse mais utilizado.

Retornando ao ciclo “fazer, rever e planejar” proposto neste projeto, os professores saíram desta assembleia de turno com um desafio: compreender e planejar trabalhos em grupo como estratégia para suas aulas. A necessidade de estudos, aprofundamento teórico e metodológico impuseram-se para o atendimento da demanda apresentada na assembleia de turno.

O trabalho com as assembleias continuou no ano de 2014, enfrentando as dificuldades do cotidiano escolar sempre dinâmico e, muitas vezes, imprevisível. Nas turmas do ciclo autoral (7º, 8º e 9º anos), as assembleias de classe foram retomadas, mas não na frequência desejada. Por outro lado, houve avanços, e foi possível iniciar este projeto com as turmas do Ciclo de Alfabetização e Interdisciplinar (do 1º ao 5º ano).

2. Potencial de impacto

O projeto “Assembleias Escolares” proporcionou aos profissionais reflexões relevantes sobre o cotidiano escolar. A partir das discussões realizadas, os professores passaram a ter um olhar diferenciado sobre situações do cotidiano escolar, desenvolvendo a empatia; compreenderam com maior profundidade o pensamento dos alunos sobre várias questões, podendo propor intervenções mais adequadas não apenas dentro das atividades deste projeto. Ouvir os alunos tornou-se um exercício constante que desafia e instiga a todos.

Com relação aos alunos, também é possível perceber manifestações positivas. Eles manifestam que se sentem valorizados por ter um espaço para falar e percebem que suas opiniões são respeitadas; podem sugerir mudanças e participar de decisões sobre assuntos que os envolvem.

O Projeto Assembleias Escolares integra-se ao projeto político-pedagógico da escola, articulando gestão participativa, formação de professores pautada pelo respeito ao professor, sua história e seus saberes, o currículo concebido como constituído de múltiplas dimensões e a convivência escolar. Almeja, como já explicitado, a formação cidadã, além do cultivo da cultura da paz e do respeito aos sujeitos envolvidos no processo como base da construção do coletivo.

3. Perspectivas de continuidade e sustentabilidade do trabalho

O trabalho foi avaliado positivamente por toda a comunidade escolar e tem se aperfeiçoado pelo tempo e pelas experiências. Esse não é um trabalho fácil, visto que a cada ano a escola recebe novos alunos e funcionários que precisam ser inseridos nesse processo, sendo necessária a conscientização de todos como co-participantes do universo escolar, não meros expectadores, e isso exige certa reconstrução de hábitos, muitas vezes enraizados na constituição das pessoas.

Assim, a perspectiva é que esse trabalho continue e vá se aperfeiçoando ao longo do tempo, constituindo-se como parte integrante e fundamental da cultura escolar da EMEF Victor Civita.

O exercício do diálogo permanece como algo possível, mas, também, como um desafio para todos. Falar e ouvir de forma respeitosa, comunicar-se e abrir-se para a relação com o outro. Assim, todos – direção, professores, funcionários, alunos e familiares – estão, de certa forma, aprendendo um novo modo de ser e construindo algo novo, quiçá um novo jeito de ser escola.

Assembleia de Classe







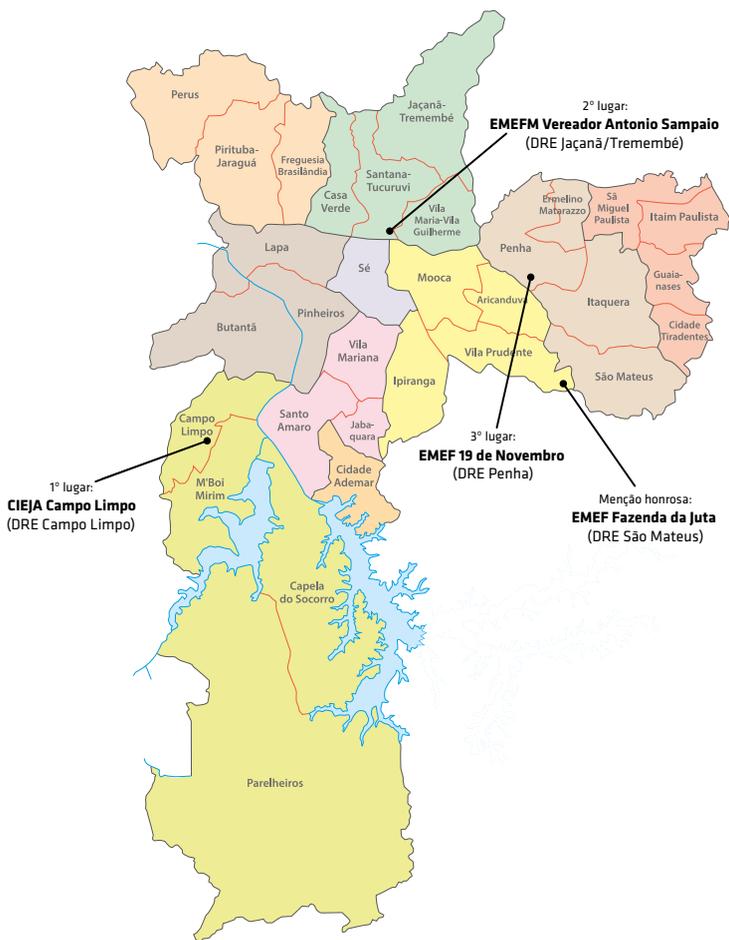
Assembleia de Representantes



Roda de Conversa









Categoria 2:

Professores

Ganhadores:

1º lugar:

“Café terapêutico”

Severino Batista da Silva

2º lugar:

**“Uma jornada pela Diáspora Africana –
A journey through the African Diaspora”**

Luiz Fernando Costa de Lourdes

3º lugar:

**“Educação física escolar e os Direitos Humanos: estímulo
ao pensamento crítico no contexto da escola pública”**

Daniel Teixeira Maldonado

Menção honrosa:

**“Na trilha dos mestres: identidades, histórias e culturas
afro-brasileiras pelos princípios da Pedagogia Griô”**

Renato Brunassi Neves dos Santos







Categoria 2: Professores

1º Lugar

CAFÉ TERAPÊUTICO

Autor:

Severino Batista da Silva
(professor Billy)

Unidade Escolar:
CIEJA Campo Limpo
(DRE Campo Limpo)



Créditos

Gestora do CIEJA Campo Limpo:

Êda Luiz

AVEs – auxiliares de vida escolar:

Elaine Lima

Lusiania Maria

Agente escolar:

Antonia de Lourdes

Aluno voluntário:

Diego Oliveira

Inspetor de alunos:

José Caldeny Santana



Apresentação

Precisamos contribuir para criar uma escola que é aventura, que marcha que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa em que se cria em que se fala em que se advinha a escola que apaixonadamente diz sim a vida. (Paulo Freire)

O Café Terapêutico é uma tecnologia social constituída por profissionais, pais, alunos e comunidade em busca de uma sociedade realmente inclusiva, com o propósito de criação de rede solidária com os seguintes objetivos:

- ➔ Propagar a troca em que as diferenças, em virtude das deficiências, sejam minimizadas e esclarecidas.
- ➔ Difundir a rede solidária entre pais, filhos, amigos, profissionais e comunidade.
- ➔ Propiciar discussão e reflexão de temas variados como, por exemplo: cidadania, identidade, solidariedade, direitos humanos, saúde, afetividade, educação inclusiva, políticas públicas, meio ambiente, escola de todos e para todos.
- ➔ Discutir a relação entre diferenças × deficiências para quebra de preconceitos.
- ➔ Divulgar e esclarecer as práticas educativas e processos de aprendizagem para alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA (CIEJA), pessoas com deficiência e vulnerabilidade social.
- ➔ Multiplicar formação e circulação de informações.

1. Justificativa

O projeto surgiu em 14.03.2008, a partir da necessidade do professor Billy de conhecer e interagir junto aos familiares dos alunos jovens e adultos com deficiência matriculados no CIEJA Campo Limpo, com o objetivo de realizar seu trabalho pedagógico em sala, de forma que este aproveitasse e valorizasse a bagagem que o aluno possuía e, quando necessário, pudesse adaptá-la de forma conjunta com seus familiares.

Com as atividades desenvolvidas no projeto Café Terapêutico, a equipe de profissionais envolvida na realização do projeto busca efetivar a parceria entre família e escola visando à melhoria no atendimento escolar de seus filhos que, por estarem matriculados no CIEJA na modalidade de EJA, implica aceitar que em sua caminhada escolar as expectativas de aprendizagem não foram atendidas.

Por outro lado, temos também a intenção, e esta faz parte dos objetivos do Café Terapêutico, de formar e informar os participantes sobre seus direitos humanos e fundamentais para sua sobrevivência, instrumentalizando-os e capacitando-os para exigí-los e conquistá-los.

Para isso, ao longo dos seis anos de atividades ininterruptas, contamos com atividades bem diversificadas e com o auxílio de diversos parceiros.

3. Metodologia

Recursos humanos

Os trabalhos são realizados por uma equipe constituída por:

- Professor Billy – idealizador e coordenador dos trabalhos
- Êda Luiz – gestora do CIEJA Campo Limpo
- Elaine Lima e Lusiania Maria – AVEs – auxiliares de vida escolar
- Antonia de Lourdes – agente escolar
- Diego Oliveira – aluno voluntário
- José Caldeny Santana – inspetor de alunos

Recursos pedagógicos

Utilizamos vários recursos pedagógicos e materiais como, por exemplo:

Flipchart, *notebook*, máquina fotográfica digital, *scanner*, impressora, *datashow*, materiais de escritório – canetas, lápis, borrachas, régua, cartolina, papel sulfite, etc. – amplificadores e caixas de som, microfone com e sem fio, cartazes, gravuras variadas, *slides*, vídeos do Youtube, vídeos produzidos junto aos pais e alunos, livros, textos diversos etc.

Atividades desenvolvidas

As atividades são diversificadas, pois trabalhamos a partir de temas sugeridos pelo grupo e das necessidades que percebemos ao longo dos encontros. Realizamos palestras motivacionais, sensibilização, atividades com dinâmicas de grupo variadas, leituras dramatizadas, textos reflexivos, momentos de bate-papo dirigido, explanação de temas específicos sobre Direitos Humanos com parceiros, como por exemplo:

- Violência contra mulher: CDC – Centro de Direitos e Cidadania Mulheres Vivas
- Direitos Previdenciários: Advogado Dr. Marcos Raul
- Direitos da criança: PUPA – Projetos por Amor à Infância
- Diversidade e gênero: Léo Áquilla
- Direitos da pessoa com deficiência: Antonia Yamashita e Guga Dorea
- Direito ao esporte: atletas paralímpicos André Brasil e Claudio Portilho
- Direito à saúde: Equipe do APD – Acompanhante da Pessoa com Deficiência do Jardim Marcelo; UBS – Unidade Básica de Saúde do Parque Maria Helena e Jardim Lídia
- Direito à Educação: Professor Billy, Êda Luiz e outros parceiros
- Direito ao trabalho:
 - ⇒ APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de SP
 - ⇒ APABB – Associação de Pais e Amigos das Pessoas com Deficiência do Banco do Brasil
 - ⇒ FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

- ➔ Inclusão social pelo esporte: Instituto Olga Kos
- ➔ Qualidade de vida:
 - ➔ Ana Raia – Raia Coaching
 - ➔ Andreas Martin – OBB – Outward Bound Brasil

Discutimos no grupo temas como inclusão, processos de aprendizagem, sexualidade, direitos das pessoas com deficiência, cidadania, identidade, solidariedade, Direitos Humanos, saúde, afetividade, profissionalização, educação integral, educação inclusiva, políticas públicas, meio ambiente, relação homem e animais de estimação, qualidade de vida, parceria entre família e escola, etc.

O foco central do projeto é a efetivação da parceria entre escola, família, serviços e comunidade para a construção de uma sociedade realmente inclusiva, em que seus direitos sejam garantidos.



3. Potencial de Impacto

A participação

A efetivação do que está legitimado sobre a parceria entre escola e comunidade.

Um exercício diário de uma gestão democrática e participativa onde todos os atores possuem o direito de falar, ser ouvido e ser respeitado



em todas as suas diferenças. Um verdadeiro sentido de participação cidadã buscando soluções em conjunto para o bem-estar de todos.

4. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

O projeto já tem seis anos de atividades ininterruptas.

Teve início em 14.03.08 e, nos primeiros cinco anos, aconteceu às sextas-feiras, no horário das 9h30 às 11h00.

A partir de 2014, os encontros aconteceram de 15 em 15 dias por ocorrerem também em outros locais que nos convidam, como escolas, Unidades Básicas de Saúde, faculdades, etc.

Anualmente há o encontro de aniversário no Teatro Oscarito – CEU Casa Blanca, com os seguintes temas ao longo dos seis anos do projeto:

1º Aniversário – 29.05.09

“Sou especial porque sou feliz. Ser diferente é normal. Eu sou.”

2º Aniversário – 30.04.10

“Mães que fazem a diferença.”

3º Aniversário – 25.03.11

“Parceria: Com você tudo é alegria e, sem você, nem aqui eu estaria.”

4º Aniversário – 27.04.12

“Somos todos iguais na diferença.”

5º Aniversário – 27.04.13

“A inclusão que temos e a inclusão que queremos.”

6º Aniversário – 17.05.14

“A inclusão se faz com mãos. Nossas mãos. Mãos que fazem a diferença.”

Daremos continuidade ao trabalho, pois contamos com uma equipe comprometida e competente e com o apoio de amigos e parceiros que acreditam em nosso trabalho.

O principal de tudo é que temos na equipe pessoas que vivem a exclusão social nos mais variados segmentos da sociedade e que estão dispostas a unir forças para lutar e participar da construção de uma sociedade realmente inclusiva.



5. Outras observações

Conseguimos uma abrangência ampliada dos trabalhos por meio da divulgação e do registro dos encontros em nossos *blogs*: <www.projetocafeterapeutico.blogspot.com>, <www.blogdociejacampolimpoblogspot.com>, página do projeto no Facebook <<https://www.facebook.com/Cafeterapeutico>> e publicações de matérias e entrevistas

- ➔ Palestras proferidas em faculdades, seminários, cursos de formação de professores.
 - ➔ Participação ativa em eventos de inclusão – plenárias, debates e feiras como REATECH e Unidiversidades – com participação de pais, alunos e equipe do Café Terapêutico.
- 

Participação e recebimento de prêmios

Construindo a Nação 2012 (Instituto da Cidadania) – Ficamos classificados entre os 12 melhores projetos de cidadania do Brasil com o 2º lugar na Categoria EJA.

Prêmio Milton Santos 2013 – Classificação – 12º lugar

Prêmio Paulo Freire 2013 – Menção Honrosa

Professor Destaque – SME – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Delegacia Regional de Educação de Campo Limpo – 1º lugar na categoria EJA.

Resultados obtidos

Escola, família e comunidade como protagonistas de mudanças que possam ocorrer para o bem de todos, participando do processo de criação de uma sociedade realmente inclusiva, juntas em um espaço democrático onde o fazer é mais importante que o falar e os agentes são envolvidos como participantes de um processo de mudança na educação, que nos mostra que outro mundo é possível e que, mesmo sendo diferentes, juntos podemos fazer e ser a diferença.



Café Terapêutico



Grupo de pais, alunos e amigos do



CIEJA Campo Limpo, em busca de uma
sociedade realmente inclusiva.

Nossos objetivos:

- Promover a troca onde as diferenças em virtude das deficiências sejam minimizadas e respeitadas;
- Difundir a rede solidária entre pais, filhos, amigos e profissionais;
- Propiciar discussão e reflexão de temas sobre cidadania, identidade, solidariedade, saúde, afetividade, educação inclusiva, escola de todos e para todos;
- Discutir a relação entre diferenças x deficiências para quebra de preconceitos;
- Divulgar e esclarecer os processos de aprendizagem e práticas educativas do CIEJA Campo Limpo;
- Multiplicar formação e circulação de informações.

Como dizia Paulo Freire...

"Escola é o lugar onde se faz amigos".

CIEJA CAMPO LIMPO

Lugar de cantos, encantos, contos e encontros.

Blog do CIEJA: www.blogdociejacampolimpo.blogspot.com

Blog do Café: www.projetocafeterapeutico.blogspot.com











Café Terapêutico

Grupo de pais, alunos e amigos de

CDEJA Conço Limpó, em busca de
sociedade realmente inclusiva.

Nesses objetivos:

- **Propagar** e criar mais as diferenças são vitais das dificuldades enfrentadas;
- **Divulgar** e não só entre pais, filhos, amigos e professores;
- **Propiciar** discussões e a troca de ideias entre estudantes, pais, alunos, professores, técnicos de ensino, médicos, fisioterapeutas e outros;
- **Discutir** e reduzir essas diferenças e dificuldades para quem;
- **Divulgar** e incentivar as pessoas da aprendizagem, em parceria com o Conço Limpó.









Categoria 2: Professores

2º Lugar

**UMA JORNADA PELA
DIÁSPORA AFRICANA –
A JOURNEY THROUGH
THE AFRICAN
DIASPORA**

Autor:

Luiz Fernando Costa de Lourdes

Unidade Escolar:

**EMEFM Vereador Antonio Sampaio
(DRE Jaçanã/Tremembé)**



Créditos

Parceiros:

Adriana Vasconcellos Vieira de Oliveira Luiz e Museu Afro-Brasil,
Prince Georges African American Museum and Cultural Center,
CVPA Suitland High School

Luiz Fernando Costa de Lourdes, Adriana Vasconcellos Vieira,
Maria Josenita Viana (EMEFM Vereador Antonio Sampaio)

Neide Ap. de Almeida (Núcleo de Educação Museu Afro Brasil)

Cintia Ribeiro Domingos (Núcleo Comunicação Museu Afro Brasil)

Aliança Americana de Museus (American Alliance of Museum)

Chanel Compton (PGAAMCC – Prince George’s African
American Museum & Culture Center)

Maria Saldanha (CVPA Suitland High School)

Claudinei Roberto da Silva (Artista e professor)

Reinaldo Reis Alves (Arte educador)

Apresentação

O Projeto Uma Jornada pela Diáspora Africana (A Journey Through the African Diaspora – JTAD) foi uma parceria entre a EMEFM Vereador Antonio Sampaio e o Museu Afro-Brasil com o *Prince George's African American Museum and Culture Center* e a *CVPA Suitland High School*. O foco era a partir de uma produção artística e comunicativa entre museus e escolas públicas sobre a diáspora e cultura africana, estimular o protagonismo juvenil estabelecendo um diálogo entre diferentes realidades culturais e sociais, as quais encontram suas semelhanças e diferenças. O projeto contou com o apoio do programa *Museums Connect da American Alliance Museum* do Departamento de Estado dos Estados Unidos, para dar formação aos alunos sobre a diáspora africana, seus impactos e permanências nas culturas locais, em específico na cidade de São Paulo – Brasil e Maryland – EUA. O objetivo foi ampliar o conceito de cidadania, de protagonismos e inclusive perceber as contradições desta e daquela realidade a fim de que pudessem lutar pelo seu espaço na sociedade brasileira e mundial. Também foi objetivo estimular a construção da autoestima e a promoção do combate ao preconceito e discriminação por meio das atividades do projeto.

Aos alunos brasileiros foi oferecida uma formação em Artes e História Africana, Afro-Brasileira e Afro-Americana, aulas de Língua Inglesa e Cultura Americana. Aos americanos, formação em Artes e História Africana, Afro-Americana e Afro-Brasileira, aulas de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira. A cada dois meses as turmas trocavam informações via Skype sobre o que tinham aprendido.

Ao final da formação, a equipe de alunos americana que participou do projeto, chamada “*Culture Keepers*”, veio ao Brasil pintar um painel que representava a experiência, tanto da cultura afro-americana, quanto da cultura afro-brasileira pesquisada no projeto e vivida na semana de intercâmbio. Em maio de 2014, os alunos brasileiros, cuja equipe se chamava “Ónarìn Kojá”, com o esforço em conjunto da escola, do museu e do consulado americano, viajaram aos Estados Unidos (ao todo 10 alunos) e conheceram *in loco* a cultura e história afro-americana e pintaram um painel que representava a luta dos afrodescendentes por igualdade social e cidadania.



1. Justificativa

Em conversas com os alunos sobre cidadania e direitos humanos, pude ouvir a queixa de alunos sobre preconceito e discriminação que sofriam na escola. Depois de muitas conversas, decidi averiguar a profundidade e a extensão dos casos, ou como isso se configurava no imaginário coletivo dos alunos e, para tal, realizei alguns questionários *on-line* sobre preconceito, discriminação e sobre violência na escola.

Para investigar e transformar essas questões em trabalho pedagógico, desenvolvi ações que culminaram em um projeto que visava promover a autoestima dos alunos negros e mestiços e combater o preconceito racial, além de incentivar boas práticas de convívio social a partir da construção de saberes sobre sua identidade. Como resultado dessa ação, criamos um grupo de pesquisas e divulgação cultural, tempos depois chamado de Ónarìn Kojá, que significa “Andando pelos caminhos dos nossos antepassados”, cujo objetivo é estudar, preservar e valorizar a



cultura negra e sua memória, combater a discriminação racial e de classe e ainda promover a autoestima entre a população negra, em especial entre jovens e mulheres.

Apesar dos avanços sociais no Brasil nos últimos doze anos, bem como a admissão da Lei 10.639/03 que tornou obrigatória a introdução da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, o preconceito e o racismo estão presentes no cotidiano de diversos cidadãos, inclusive dos alunos envolvidos no Projeto JTAD. Uma das formas de combater o preconceito e o racismo é disseminar e valorizar os conhecimentos sobre a cultura africana e suas contribuições para a formação da identidade brasileira. Este projeto traz esses benefícios, uma vez que os alunos envolvidos e seus pares tomam conhecimento com uma parte da cultura brasileira sempre silenciada e/ou negada tanto nos espaços institucionais quanto nos inter-relacionais. Esses jovens, ao se conectarem com sua cultura e potencializarem relação de alunos de outro país, no caso dos EUA, tiveram uma dimensão de cidadania nunca experimentada. As histórias e realidades distintas, das quais encontram suas semelhanças e diferenças, deram a esses jovens a possibilidade de expressar suas ideias, construindo um conceito de cidadania que envolve o protagonismo e respeito mútuos a diferenças culturais e o pertencimento ao espaço local, regional, nacional e internacional. Também puderam perceber as contradições desta ou daquela realidade.

Os objetivos do projeto foram estimular o protagonismo juvenil na produção de conhecimentos e objetos artísticos e culturais sobre a cultura afro-brasileira e a diáspora africana; produzir elementos artísticos e epistemológicos sobre essa temática, além de ampliar o referencial cultural e artístico dos estudantes a partir dos estudos realizados; definir a criação de uma linguagem artística atenta e voltada para as discussões sobre os afro-brasileiros; produzir um painel/mural que retratasse a

experiência vivida e também sobre a diáspora africana, seus impactos e permanências nas culturas locais; promover o reconhecimento dos alunos de sua identidade afro-brasileira a partir dos conhecimentos e vivências do projeto; estimular a construção da autoestima e a promoção do combate ao preconceito e a discriminação por meio das atividades do projeto e, por fim, que os alunos fossem multiplicadores dessa experiência para os seus pares.

A EMEFM Vereador Antônio Sampaio trabalha com estudantes da Zona Norte de São Paulo, oriundos em sua maioria da comunidade denominada Zaki Narchi próxima ao Parque da Juventude (antigo Presídido do Carandiru) e à Favela do Gato (área que está à beira da Marginal Tietê, em frente ao Sambódromo do Anhembi). A comunidade Zaki Narchi cresceu sobre um antigo lixão, sendo constantemente ameaçados de despejo pelos problemas ambientais, somente em 2006 foram entregues unidades habitacionais do CDHU. Na comunidade do Gato também foram construídos conjuntos habitacionais da COHAB em uma antiga área de ocupação. Além destas comunidades, nossa escola também tem estudantes do município vizinho devido à proximidade com os limites da cidade de Guarulhos e o Ensino Médio atende aos alunos surdos advindos de diversas regiões de São Paulo.

Tanto a comunidade da Zaki Narchi como a comunidade do Gato são conhecidas por terem baixo acesso aos bens culturais municipais e são tidas pelos munícipes como comunidades violentas. A grande maioria dos alunos atendidos na escola são afro-descendentes caracterizados pelos dados do IBGE como pretos e pardos vindos destas comunidades.

2. Metodologia

O projeto desenvolveu-se em estreita parceria com o Museu Afro-Brasil. Os alunos tiveram uma formação em três campos distintos que dialogavam e agiam em interdisciplinaridade: o campo de História e Cultura Africana, afro-brasileira e afro-americana. A finalidade foi oferecer formação nos temas que envolviam a diáspora africana, suas causas e consequências na história do Brasil e norte-americana, bem como estimular a construção da identidade dos alunos envolvidos no projeto.

A escola desenvolveu, como contrapartida, atividades de formação e de estímulo ao interesse pelos temas. Assim, iniciaram-se as oficinas ministradas por mim, Luiz Fernando Costa de Lourdes, e pelas professoras voluntárias Profa. Maria Josenita Viana (História) e Profa. Adriana Vasconcellos Vieira de Oliveira Luiz (Geografia). As Artes foram o segundo campo orientado pelo artista plástico Claudinei Roberto da Silva, com o objetivo de sensibilizar e instrumentalizar os alunos para produzir sua arte por meio do conhecimento adquirido nas oficinas e estudos sobre arte produzida pelos negros no Brasil e nos EUA. Já o terceiro campo Comunicação e Pesquisa, coordenado pela educadora do museu Cíntia Ribeiro Domingos, cujo objetivo foi capacitar e instrumentalizar os alunos para interagirem com os outros grupos envolvidos no projeto e também facilitar e ampliar os canais de comunicação, uma vez que foi também articulada uma parceira com o *Prince George's African American Museum & Cultural Center* e a *CVPA Suitland High School*.

As atividades do projeto ocorriam no mínimo duas vezes por semana no contraturno dos alunos: às quintas-feiras e às sextas-feiras, das 12h às 17h30. Nas etapas entre o mês de julho e agosto, as atividades foram

dadas na escola com as temáticas do campo de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Afro-Americana temas como o continente Africano e sua diversidade de países, a história do Período Colonial, o continente africano antes do século XIII, modos de vida dos povos, a religiosidade e o comércio transatlântico, a percepção da diferença na construção da identidade, cidadania e igualdade étnico-racial, etc.

Após esse período introdutório, as atividades dividiram-se da seguinte maneira: às quintas-feiras, aulas de Inglês e Cultura Americana na escola, com o apoio da *Oxford University Press*, que doou material didático para todos os alunos e às sextas-feiras oficinas de artes no museu. No final de setembro, tivemos nossa primeira videoconferência para as equipes se conhecerem e apresentarem os seus estudos.

Nas etapas seguintes as atividades de campo tiveram início, os alunos visitaram o acervo do Museu Afro-Brasil integrando os conhecimentos adquiridos sobre a Diáspora Africana e as oficinas de artes. Conheceram os trabalhos de artistas negros brasileiros como Estevão da Silva, Rubem Valentim, Rosana Paulino e outras personalidades importantes na História do Brasil, como os irmãos Rebouças, Luiz Gama, Luiza Mahin, Ruth Souza e Carolina Maria de Jesus. No mês de novembro de 2013, o grupo acompanhou as atividades do Novembro Negro da SME-SP e da DRE/JT. Uma das atividades marcantes foi a peça intitulada “*Navio Negroiro*” apresentada no CEU Jaçanã. Em dezembro ocorreu a segunda videoconferência, em que os temas abordados versaram sobre as personalidades afro-brasileiras e afro-americanas e suas contribuições para as suas localidades. Já em 2014, em fevereiro, foi realizada a atividade de campo chamada *São Paulo negra e cultural*, em que foram feitas visitas de metrô e ônibus aos bairros da Barra Funda (operário), Higienópolis (Clube Piratininga), Santa Cecília (loja de artigos religiosos), Largo do Arouche (Monumento de Luiz Gama), República (Galeria dos Pretos, do

Rock – onde surgiram os primeiros salões de beleza e estética negra e eles existem até hoje, Largo do Paissandu (Monumento à Mãe Preta, Irmandade e Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos – A importância da irmandade para a resistência à opressão da época), Livraria Kalil (a mais antiga e especializada em Brasil) e a Casa de Mário de Andrade e seus estudos sobre a cultura popular, além da análise das obras de artes de artistas afro-brasileiros ou em homenagem aos negros.

Em abril de 2014, os alunos americanos chamados de *Culture Keepers*, vieram ao Brasil para conhecer a cultura e realidade afro-brasileira. Visitaram nossa escola, conversaram com os alunos do Ensino Médio sobre a realidade escolar americana. Os alunos do ensino fundamental realizaram uma apresentação cultural, em conjunto com os estudantes brasileiros que tiveram uma semana intensa de atividades como conhecer os equipamentos culturais da cidade, o SESC, o Parque da Juventude e a história do Presídio do Carandiru, a relação entre o racismo e a população carcerária, o rap, o *hip-hop* nacional e os negros, também visitas aos museus Afro-Brasil, Pinacoteca, Língua Portuguesa, Centro Cultural São Paulo para compreenderem a representação do negro nas artes e a Galeria dos Pretos, Largo do Paysandú, Igreja do Carmo, Nossa Senhora dos Aflitos, Nossa Senhora das Almas dos Enforcados, Praça da Força (atual Praça da Liberdade), Praça João Mendes, locais de memória da história dos negros na cidade de São Paulo. Após essas vivências, os alunos foram pintar o painel que representava a experiência vivida.

Em maio de 2014 foi a vez de os alunos brasileiros do EMEFM Vereador Antonio Sampaio terem a mesma experiência – conhecer a vida típica dos afro-americanos no Condado de Maryland, visitando Washington DC e conhecendo os museus de História Nacional Americana, de História Nacional Afro-americana, Newseum, *Prince Georges African American*, *Martin Luther King Memorial*, *Lincoln Memorial*, *Riversdale House Museum*

and The Plummer Family, African American Civil War Museum e a Casa Branca. Após essa experiência, pintaram um mural intitulado *Walking with purpose*, ou seja, “Andando com um propósito”.

Os recursos pedagógicos utilizados foram aulas expositivas e leitura de texto, atividades de campo, pesquisa iconográfica e bibliográfica, painel de debates, videoconferências, palestras, atividades *on-line*, produção de quadros, imagens, textos e hipertextos. Materiais e instrumentos utilizados para comunicação – mídias sociais (Facebook, Whatsapp, Skype), ferramentas de internet (portais de conteúdo, *blogs*, *sites* de pesquisa, livros *on-line*), conteúdos *on-line*, diário de campo, livros didáticos e paradigmáticos de Inglês, História e Cultura Africana. Para artes, materiais como madeira reciclada, E.V.A, tinta guache, tinta acrílica, tinta serigráfica, madeirite, MDF, revistas, jornais.

Produção dos Alunos

Os alunos produziram quadros e painéis que traziam a reflexão sobre a condição dos negros no Brasil e sua trajetória pessoal dentro do projeto.

No Brasil, foram feitos dois painéis, um com dimensões de 198 cm x 240 cm e outro com 700 cm x 300 cm, desmontáveis e itinerantes, com o objetivo de oferecer às escolas da Rede Municipal de Ensino oficinas para alunos sobre o tema da diáspora africana e seus impactos e permanências na cultura brasileira.

O primeiro painel feito de materiais de escritório e recicláveis foi aplicado pelo arte-educador Reinaldo Reis. Ele iniciou as oficinas falando sobre a importância das experiências e as formas de expressar as vivências sobre a cultura afro-brasileira. Cada integrante do Ónarin Kojá trouxe

um objeto significativo para si e mostrou ao grupo; depois, foi realizada uma atividade de relaxamento e concentração, os alunos se reuniram em minigrupos e foi dito que se desenhasse algo significativo relacionado ao projeto. Havia várias imagens estimulando a releitura do projeto: alguns desenharam cabelos, outros o baobá, outros o punho cerrado. Chegou-se ao resultado final do mural, com a utilização de duas técnicas do mosaico e guache e o material disponível na escola, mostrando que é possível realizar um trabalho artístico de qualidade sem precisar de materiais requintados e caros para os padrões disponíveis nas escolas da Rede Municipal de Ensino.

O painel tem as seguintes características: Foi montado em cartolina com as seguintes medidas, 198 cm x 240 cm. A imagem principal é um baobá estilizado, sua copa é um punho cerrado e suas folhas e frutos são dez máscaras com cabelos diferentes, suas raízes proeminentes se destacam no painel, o tronco e as raízes foram pintados no pincel e guache, em torno da árvore foi colado um mosaico colorido, os significados do painel são as raízes profundas na África, berço da humanidade. A força e a vitalidade da raiz de onde veio a diversidade cultural conquistada com muita luta e resistência contra a discriminação e racismo, as dez máscaras africanas, comuns em algumas culturas do Subsaara africano, foram pintadas de um lado de preto e de outro branco, indicando que o Brasil é um país mestiço, mostrando o olhar da igualdade (mesmo buscando a igualdade os cabelos são diferentes, pois representam a identidade, a individualidade de cada sujeito).

3. Potencial de Impacto

Os impactos dessas iniciativas e do projeto na escola foram percebidos na procura dos professores por esses temas para incluir em avaliações e conteúdos de aula, como no caso da professora de Língua Portuguesa que utilizou a mitologia da criação do mundo para interpretação de texto na prova multidisciplinar da escola, ou o convite feito para a professora orientadora da sala de leitura de um curso de formação em Literatura Afro-brasileira para receber material sobre o tema como piloto de um projeto de divulgação da cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

O interesse dos alunos por esse tema foi despertado após a visita dos alunos americanos a nossa escola, bem como a mobilização voluntária de professores e alunos para apresentarem aos alunos americanos um pouco da nossa cultura popular e de massa na dança. O mural de boas-vindas foi idealizado pelos alunos para quem que quisesse deixar um recado para os *culture keepers*. Houve a formação de um grupo de professores de autogestão na Diretoria Regional de Educação que trabalham com os aspectos da cultura africana e afro-brasileira em suas escolas na Zona Norte de São Paulo e a organização do fórum sobre a cultura afro-brasileira em novembro de 2014.

Outro impacto foi a transformação pessoal dos alunos, orgulhosos de sua identidade, e a vontade de levar o que aprenderam para outros alunos, como na fala de uma das alunas do projeto A. M. S., 16 anos: “Eu sempre falo isso, a cada palestra, a cada casa que eu vou, eu não faço parte do projeto, o projeto faz parte de mim, eu quero ver a mudança, eu faço a mudança, seja em *blog* ou em uma conversa no ponto de ônibus, eu amo o que eu faço, o projeto me levou de conquista acadêmica à

conquista pessoal, eu realizei sonhos no projeto”. Ainda sobre como o projeto mudou a forma de ver o mundo, como no caso do aluno Lucas Oliveira, 18 anos “Antes do projeto eu via as pessoas na Rua no Brasil e não reparava que a maioria era negra, agora eu vejo, apesar das dificuldades tenho orgulho da minha cultura, antes eu era negro, agora sei o peso e o que significa ser negro no Brasil”. Outro exemplo é o da aluna V. S. R., 15 anos: “O projeto também mudou minha visão do mundo, eu vejo o mundo de outra forma hoje em dia, o que me faz ter mais orgulho de ser negra, pra mim, antes eu nunca tinha sofrido um ato de racismo, mas quando eu parei pra pensar, o racismo me percorria totalmente, na maioria das vezes tinha racismo e eu não percebia. Mas, com o projeto, eu consegui perceber isso, e agora eu posso lutar contra isso, eu entro em todos os lugares de cabeça erguida, não tenho vergonha de ser quem eu sou não tenho vergonha de mim, não tenho vergonha da minha cor”. Os impactos foram e são muitos e, como professor coordenador/ orientador, ainda estou avaliando os caminhos para o projeto.



4. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

A possibilidade de continuidade é grande, já que os alunos estão engajados e ansiosos. Atualmente, como coordenador, tenho procurado editais que incentivam essas práticas para elaborarmos a continuidade e a expansão para outros alunos e escolas, houve convites de diversas escolas para falar sobre o projeto, e eu, professor Luiz, estou tentando, junto à nossa DRE, a logística para levar o painel aos lugares, além do



material para as oficinas, ao passo que depende da estrutura hierárquica da escola o apoio e a organização da vida escolar desses alunos.

O Museu Afro Brasil, representado pela figura da diretora do Núcleo de Educação, está disponível para a realização de atividades, assim, o projeto tem possibilidade de continuar sendo desenvolvido. A continuação dependerá da reunião dos agentes envolvidos para formalizarem as parcerias e encaminharem as ações. Nesse sentido, o grupo Ónarìn Kojá já se apresentou numa atividade de formação dos professores no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, em parceria com a Diretoria Regional de Educação Jaçanã/Tremembé. Seguimos aguardando outros convites.



5. Outras observações

Para acompanhar a trajetória do projeto, seguem alguns *links*

<www.onarinkoja.blogspot.com>

<www.emefmvas.blogspot.com>

<www.facebook.com/journeyafricandiaspora14>

<www.facebook.com/onarinkoja>

<www.facebook.com/emefmvas>

<www.museuafrobrasil.org.br>

<www.pgaamcc.org>

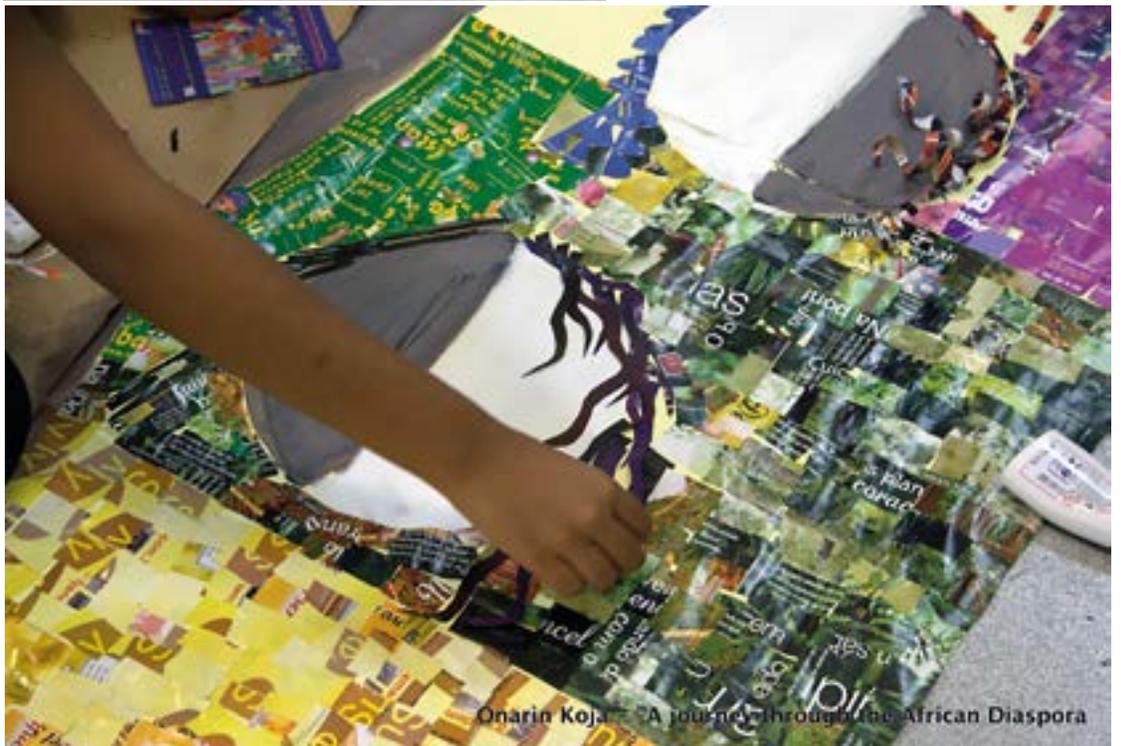




Onarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"



Onarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"



Onarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"



Ónarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"



Ónarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"



Onarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"



Onarin Kojá - "A journey through the African Diaspora"





Onarin Kojá - "A Journey through the African Diaspora"





Onarin-Kojã - "A journey through the African Diaspora"





Categoria 2: Professores

3º Lugar

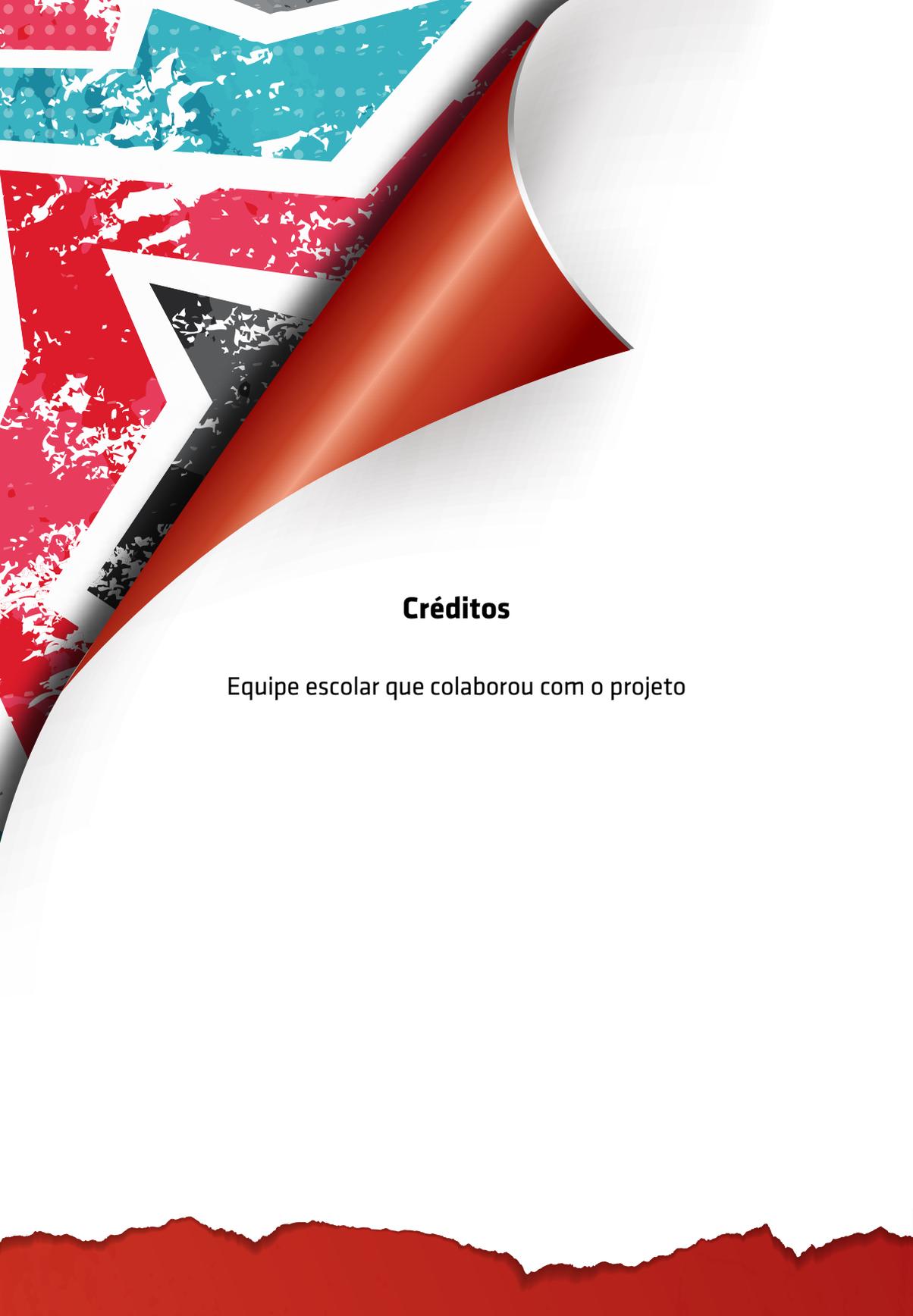
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS DIREITOS HUMANOS:

**Estímulo ao pensamento
crítico no contexto da
escola pública**

Autor:

Daniel Teixeira Maldonado

Unidade Escolar:
**EMEF 19 de Novembro
(DRE Penha)**



Créditos

Equipe escolar que colaborou com o projeto

Apresentação

No início do ano de 2014, os professores de todas as disciplinas da Escola Municipal de Ensino Fundamental “19 de Novembro” decidiram em conjunto que o projeto político-pedagógico desta unidade escolar iria discutir sobre as novas expressões culturais dos jovens, pois, durante as férias, em São Paulo, os adolescentes realizaram “rolezinhos” em *shoppings* da cidade e também se organizaram para realizar manifestações contra a Copa do Mundo e a favor de melhorias estruturais na cidade. Nas discussões de planejamento, os docentes mencionaram a importância de compreender melhor as ações dos jovens que vivem no século XXI, principalmente no local onde eles passam grande parte do seu dia, na escola. Nesse sentido, a disciplina de Educação Física deveria selecionar conteúdos e estratégias que também atingissem esses objetivos.

Além disso, a Prefeitura de São Paulo possui três ciclos de escolarização nos dias atuais (alfabetização, interdisciplinar e autoral). No ciclo autoral, os alunos devem ser considerados atores ativos de processo de ensino-aprendizagem e esse ciclo é composto pelos discentes do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.

Em 2014, estou lecionando para todos os anos de escolarização do ciclo autoral e tenho como desafio respeitar o projeto político-pedagógico da escola e utilizar estratégias de ensino que se fundamentem nas características do ciclo autoral. Nesse sentido, ao planejar quais manifestações da cultura corporal de movimento (dança, lutas, jogos, brincadeiras, esporte e ginástica) deveriam ser estudadas com os alunos, decidi, em conjunto com os discentes, que estudaríamos sobre

os esportes coletivos e esportes para deficientes com os alunos dos 9^{os} anos, e sobre esportes radicais e jogos de tabuleiro com os alunos do 7^o e 8^o anos.

Ao tematizar essas manifestações da cultura corporal de movimento, meu maior desafio foi mostrar aos alunos como as discussões relacionadas aos Direitos Humanos estiveram presentes em minhas aulas. Então, os temas dos debates nas aulas de Educação Física foram: o preconceito racial no esporte; o preconceito contra a mulher nas atividades esportivas, o olhar negativo das pessoas em relação aos atletas que praticam esportes radicais; o fato de as pessoas com deficiência não serem respeitadas pelas políticas públicas realizadas no nosso País; os gastos públicos enormes realizados com a Copa do Mundo no Brasil; e a indústria bilionária das propagandas de TV que influencia as crianças a comprarem jogos e brinquedos dos quais muitas vezes nem gostam ou acham que gostam pela influência da mídia.

Todas as estratégias e ações didáticas utilizadas em aula tiveram relação com os temas citados, com o objetivo central de respeitar o projeto político-pedagógico da escola, as características do ciclo autoral e os objetivos específicos que a disciplina de Educação Física apresenta como componente curricular obrigatório da Educação Básica.



1. Justificativa

Ao analisar como as manifestações da cultura corporal de movimento são realizadas e discutidas pela sociedade, não vejo a possibilidade de estudar essas manifestações na disciplina de Educação Física sem discutir sobre as relações de gênero, as diferentes etnias e sua cultura, as pessoas



com necessidades especiais, os gastos públicos com megaeventos e a relação da mídia com o consumo exacerbado das crianças.

Portanto, todos os conteúdos que são estudados na escola durante as aulas de Educação Física não podem privilegiar apenas a dimensão procedimental desses conteúdos (praticar na quadra as manifestações da cultura corporal de movimento). Também é preciso privilegiar a dimensão conceitual (conhecer sobre essas manifestações) e a dimensão atitudinal (debater de forma crítica sobre a atitude das pessoas relacionadas com essas manifestações).

Essa forma de compreender o ensino de Educação Física Escolar vem sendo discutida há muito tempo pelo meio acadêmico, mas, infelizmente, ainda é pouco praticada no “chão das escolas”. Essas discussões nascem no seio da Universidade principalmente quando Paulo Freire começa a escrever sobre uma educação que privilegie o pensamento crítico das pessoas, com a intenção de diminuir a gritante desigualdade social existente no Brasil e no mundo. A Educação Física também passa a debater sobre essa forma de entender a Educação e inicia-se a elaboração de propostas com a intenção de formar alunos críticos, que possam transformar a sociedade quando pensamos nas manifestações da cultura corporal de movimento, respeitando cada vez mais os direitos dos seres humanos.



2. Metodologia

O projeto iniciou-se com a escolha das manifestações da cultura corporal de movimento que seriam estudadas na escola. Nas discussões realizadas com os discentes no diagnóstico inicial e pelas experiências



anteriores com essas turmas, decidi que estudaríamos os esportes coletivos e individuais e esportes para pessoas com deficiência com os 9^{os} anos e sobre os esportes radicais e os jogos de tabuleiro com os alunos dos 7^o e 8^o anos. Essas manifestações foram escolhidas com a intenção de respeitar o projeto político-pedagógico da escola.

Para iniciar as nossas aulas, realizei algumas aulas expositivas, com a intenção de explicar sobre a história das manifestações da cultura corporal de movimento escolhidas e as suas principais características. Discuti com os alunos sobre diversos esportes coletivos e individuais, esportes para pessoas com deficiência, esportes radicais e jogos de tabuleiro nas diferentes séries/anos de nossas turmas.

Para que os alunos compreendessem melhor essas manifestações, também foram utilizados vídeos da internet com praticantes reais dessas modalidades. Os discentes também realizaram pesquisas na sala de informática. O mais interessante desse momento foi a grande variedade de temas identificados pelos alunos. Todos apresentaram os trabalhos pesquisados para o restante da turma durante as aulas, além de entregarem o texto escrito do que foi pesquisado com a sua respectiva interpretação.

Depois de enfatizar os conteúdos conceituais planejados, os discentes praticaram as manifestações da cultura corporal de movimento que seriam estudadas. Porém, acredito que a escola não é palco de reproduzir as práticas corporais exatamente como elas são realizadas, como já apontava o professor Francisco Eduardo Caparroz em 2007, no seu livro intitulado *“Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola”*. Além disso, pautamos a nossa prática pedagógica na dimensão procedimental de acordo com a explicação de Kunz (2001). Para o autor, o SE-MOVIMENTAR humano é caracterizado como a relação que o sujeito estabelece com a cultura a partir do seu repertório,

informações/conhecimentos, movimentos e condutas, de sua história de vida, de suas vinculações socioculturais e de seus desejos. Nesse sentido, cada aluno realiza as diversas práticas corporais propostas nas aulas de Educação Física de acordo com as experiências que obteve na sua história de vida.

Nesse sentido, criei algumas estratégias para realizar movimentos que se aproximavam das manifestações da cultura corporal de movimento que tematizei nas aulas, com a intenção de que todos os alunos conseguissem participar das aulas de forma significativa. Alguns exemplos dessa realidade serão explicados a seguir.

Realizamos um rapel em uma das aulas de esportes radicais – os alunos desceram de rapel da trave de um dos gols da quadra. Para realizar o *Parkour*, montamos um circuito na quadra onde os alunos tiveram de fazer diversos tipos de saltos com distâncias diferentes entre eles. O *Goalball*, um esporte realizado exclusivamente por pessoas que possuem deficiência visual, foi praticado com uma bola de basquete envolvida por um plástico, e os alunos foram vendados com uma venda elaborada com EVA. Todos os jogos de tabuleiro foram desenvolvidos pelos alunos nas aulas, e muitos dos esportes coletivos e individuais realizados foram criados pelos próprios discentes.



Figura 1 – *Parkour*



Figura 2 – Rapel



Figura 3 – Jogos de Tabuleiro



Figura 4 – Goalball

Todas as adaptações realizadas tiveram como principal objetivo facilitar a participação de todos os alunos na aula e diminuir os riscos de praticar essas modalidades. Acredito que obtive sucesso nessas adaptações, pois, em todas as aulas, os alunos participaram de forma efetiva e ninguém se negou a realizar as práticas corporais que foram desenvolvidas.

Durante todo o processo, também foi debatido com os discentes sobre a questão do preconceito racial no esporte, o preconceito contra a mulher nas atividades esportivas, o olhar negativo que as pessoas possuem com os atletas que praticam esportes radicais, sobre o fato de a pessoa com deficiência não ser respeitada pelas políticas públicas realizadas em nosso País, sobre os gastos públicos enormes com a Copa do Mundo no Brasil e sobre a indústria bilionária das propagandas de TV que influenciam as crianças a comprarem jogos e brinquedos dos quais muitas vezes nem gostam ou acham que gostam pela influência da mídia. Essas discussões sempre foram realizadas após a exibição de algum filme na sala de vídeo ou a apresentação de pesquisas realizadas na sala de informática, em debates realizados na sala de aula ou em rodas de conversa realizadas em sala de aula ou na quadra.

A avaliação dos alunos foi realizada de acordo com a participação deles na aula (sem cobrança de técnicas esportivas específicas), pela produção de textos e charges realizadas pelos alunos, pela análise de filmes que assistimos durante as aulas, pela construção dos jogos de tabuleiro e pelos debates realizados com os alunos no processo de ensino.



Figura 1 – Reflexões sobre o preconceito racial no esporte



Figura 2 – A influência das propagandas nos jogos e nas brincadeiras.



Figura 3 – Benefícios da atividade física para pessoas com deficiência.



Figura 4 – Preconceito contra a mulher nos esportes radicais.



Figura 5 – Reflexões sobre a Copa do Mundo no Brasil.



Figura 6 – Reflexões sobre a Copa do Mundo no Brasil.



Figura 7 – Reflexões sobre a Copa do Mundo no Brasil.

O trabalho pedagógico foi avaliado pela participação e relato dos alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem, pelas discussões realizadas com a coordenadora pedagógica sobre o processo educativo, com as conversas realizadas com outros professores de Educação Física da nossa unidade escolar e com colegas que atuam em outras escolas e costumam trocar experiências sobre a prática pedagógica desenvolvida em seus contextos de trabalho.

3. Potencial de Impacto

Acredito que os alunos que participaram das minhas aulas de Educação Física passaram a apresentar um pensamento crítico sobre as manifestações da cultura corporal de movimento e, por consequência,

a pensar na melhor forma de lutar para que os direitos humanos sejam respeitados.

O que tentamos conquistar é uma comunidade que luta pelos seus direitos e que respeite diferentes culturas e as pessoas que estão inseridas nessa diversidade cultural da cidade de São Paulo. Acredito que a disciplina de Educação Física não pode alcançar esse grandioso objetivo sozinha, mas pode contribuir para que esse sonho de um mundo mais igual e justo seja alcançado.

Este trabalho já está sendo realizado na escola há quase cinco anos e percebo que os alunos e toda a comunidade escolar respeitam essa forma de se estudar Educação Física. Embora existam muitas dificuldades no cotidiano da escola pública e as conquistas ocorram de forma lenta, acredito que os frutos estão sendo colhidos, principalmente quando encontramos na comunidade os alunos que já se formaram na escola e conversamos sobre os temas discutidos em aula.



4. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

Esse projeto continuará na escola pelo tempo em que eu estiver lecionando nesta unidade escolar, até porque todas essas discussões são realizadas durante as minhas aulas que estão dentro do currículo, para todos os alunos que fazem parte das turmas para as quais leciono.



5. Outras observações

Gostaria de mencionar as dificuldades que enfrento todos os dias para que a Educação Física na escola seja realizada, com o estímulo do pensamento crítico dos alunos em relação às manifestações da cultura corporal de movimento. Enquanto realizamos um esforço enorme para discutir as relações de gênero, etnia, consumo, orientação sexual e desigualdade social nas aulas, muitos professores ainda treinam os melhores alunos para competir em campeonatos e excluem diversos alunos que não apresentam habilidade necessária para participar dessas competições.

Decidi enviar esse projeto para o Prêmio de Educação em Direitos Humanos para mostrar que também é possível pensar a Educação Física na escola de outra forma e contribuir para que o futuro seja menos desigual, mais justo e que todas as pessoas um dia possam viver em paz e com respeito.





An abstract geometric artwork on the left side of the cover, featuring a torn paper effect. The artwork consists of various colored shapes (green, yellow, orange, pink, grey, blue) with black outlines and some white highlights, creating a layered, collage-like appearance.

Categoria 2: Professores

Menção Honrosa

NA TRILHA DOS MESTRES:

**Identities, histórias e
culturas afro-brasileiras
pelos princípios da
Pedagogia Griô**

Autor:

Renato Brunassi Neves dos Santos

Unidade Escolar:
**EMEF Fazenda da Juta
(DRE São Mateus)**

The image features a vibrant, abstract graphic design on the left side, composed of various geometric shapes like triangles and circles in shades of green, yellow, orange, and red, all outlined in black. A prominent red, ribbon-like shape curves across the page, partially overlapping a white, curved surface that resembles a page being turned. The background is white, and the bottom edge of the page has a jagged, torn red border.

Créditos

Fotografias:

Josenilda Maria Silva

Verônica de Souza Pereira

Renato Brunassi Neves dos Santos

Apresentação

A implantação do Programa Mais Educação São Paulo, ferramenta indispensável para fortalecer os novos rumos que a educação e a cultura vêm tomando no País, e seu ciclo interdisciplinar, possibilitou que um professor especialista como eu pudesse assumir aulas nos 4^{os} anos da escola onde atuo. Resolvi então testar uma ideia gestada desde 2012. Este projeto é o responsável pela alegria de um professor em se reencontrar com a própria vocação ao tomar contato com a produção artístico-discursiva, política e educativa que é a Pedagogia Griô¹¹, cheia de vitalidade e força crítica, investindo contra os muros arruinados da instituição escolar para trazer algum sentido à formação de nossos jovens, para além do que propõe a educação bancária, aculturada, tecnicista e aliada do mercado que hoje se mostra hegemônico.

Teorizada por Lillian Pacheco e Márcio Caires¹², é uma proposta educativa inspirada nas expressões culturais de tradição oral, principalmente de raízes afro-indígenas. Nascida de uma sopa comunitária promovida pelas mulheres da cidade, transformou-se nas oficinas e vivências que até hoje acontecem na sede da entidade, hoje Ponto de Cultura, em Lençóis/BA. Tem como missão potencializar a educação, a cultura, o desenvolvimento sustentável das comunidades de periferias

11 A Pedagogia Griô tem como referenciais teóricos e metodológicos a educação biocêntrica, de Ruth Cavalcante; a educação dialógica, de Paulo Freire; a educação para as relações étnico-raciais positivas, de Vanda Machado; a arte educação comunitária, de Carlos Petrovich; a educação que marca o corpo, de Fátima Freire. Informações sobre a ONG podem ser conseguidas pelo endereço eletrônico <<http://www.acaogrio.org.br/>>.

12 Presidente do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Cultura, presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, membro do Conselho Nacional de Políticas Culturais e griô aprendiz do Projeto Grãos de Luz e Griô em Lençóis, Bahia.

e rurais para a celebração da vida, da identidade e da ancestralidade do povo. Neste quadro, os educadores, esperançosos, vão beber do caldo da cultura, vão ao encontro do movimento social da cultura e de seus pontos de criação e conexão, em um círculo que pretende *se assumir e fazer isso de forma soberana. Quem encontrou a sua potência¹³ age e faz um novo país, uma nova educação para a consciência solidária*. E esta construção só pode acontecer de baixo para cima.

Mestres do conhecimento oral de diversas correntes da cultura brasileira, xavantes, bororós, karajás, ianomâmis, sambadores, capoeiristas, caboclos, yás, babás, mestres da fala e do canto, descendentes e detentores da história e da memória de povos tradicionais, incessantemente apagadas e desprivilegiadas dos espaços de legitimação e reconhecimento da sociedade, numa ocupação crítica do espaço institucional, podem se deslocar para fora do lugar-comum da educação formal e encher de vida a todos os que desta experiência puderem participar. Este projeto tem buscado viver esta experiência de aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de uma maneira rica em formas e sensações.

Nosso meio

Nossa escola está localizada num bairro de urbanização recente, o Jardim Santa Adélia, na região de São Mateus. A EMEF Fazenda de Juta foi construída mediante solicitação da comunidade, devido ao grande número de famílias que ocuparam a região com crianças em idade escolar e tinham que se locomover até outras escolas da região. Os moradores encontravam dificuldades em conseguir vagas e reclamavam da distância

13 TURINO, C. *Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima*. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010, p. 255.

que as crianças tinham que percorrer. Além disso, a precariedade do terreno sem pavimentação foi um dificultador, principalmente nos dias de chuva. Em virtude de órgãos públicos somente poderem ser construídos em terrenos públicos, os moradores e as entidades de bairro solicitaram à proprietária do terreno que fizesse a doação de parte dessas terras aos moradores, para construção de uma escola emergencial. Desta maneira, a escola foi criada em meados de 1998 e permaneceu fechada até a chegada dos primeiros funcionários em 1999. A EMEF Fazenda da Juta não possui patrono e durante o 1º ano de funcionamento firmou o nome “Fazenda da Juta”, escolhido por todos os segmentos que compõem a Escola. Por determinação da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 2009, a Unidade Educacional foi transferida para um novo prédio com espaço e condições mais favoráveis, situado na Rua Lucas Lossius, 95.¹⁴

A maioria de nossos alunos mora na “Juta”, nome pelo qual é conhecida a região. Segundo dados do censo de nossa EMEF, promovido pelos professores Jhonny Juliani, de História, e Patrícia Giope, professora orientadora de Informática Educativa no primeiro semestre de 2014, o alunado atendido pela unidade escolar pertence às classes C (minoritariamente), D e E. Destes, 55% participam de algum tipo de programa de auxílio governamental (43% são do Bolsa Família), 40% têm três ou mais irmãos, 57% consideram a região insegura, sendo que 66% das famílias já sofreram assaltos no entorno, 67% tem como única área de lazer as áreas comuns dos prédio (construídos pela CDHU e pelos mutirões da década de 1990) e a própria rua, 82% tem celular em casa e 40% se declaram evangélicos. A falta de saneamento básico é um dos problemas mais graves enfrentados pela escola, graças ao córrego a céu aberto que margeia o local. Além disso, o tráfico de drogas tem grande influência na região, contaminando as relações estabelecidas

14 Histórico relatado no Projeto Político-Pedagógico da Unidade, ano 2014.

dentro e fora da escola. Porém, esta realidade não representa nenhuma novidade. A vida na periferia das grandes cidades brasileiras tem sido muito documentada por diversos meios e seu dia a dia é bem conhecido de todos. É contra esse desperdício da experiência, como argumenta Boaventura Souza Santos, avolumado nessa época em que a carência se alastra e se repete cada vez mais e a um maior número de pessoas pelo mundo, fazendo-nos ficar paralisados frente aos absurdos da vida, que se faz imperativo recuperar nossa capacidade de espanto e de indignação. Uma proposta de educação e produção de conhecimento para o inconformismo, que, em vez da técnica pela técnica, remeta a uma aplicação edificante da Ciência, ao contrário do conhecimento como regulação, o conhecimento como emancipação, que combata o imperialismo cultural e promova o multiculturalismo, tendo como canção e imagem objetiva a solidariedade¹⁵.



1. Metodologia

Para a concretização desta proposta pedagógica, foram utilizadas múltiplas estratégias educativas, promovendo-se a inovação e ao mesmo tempo mantendo firmes as conquistas da boa educação.

1º bimestre: Aulas planejadas com material disponível no portal “A Cor da Cultura” do canal Futura, produzidos anteriormente à homologação da Lei nº 10.639/03 e utilizados nos primeiros anos de implantação pela SME-PMSP. Para isso, utilizamos a estratégia do desenho de animação e das fábulas africanas. Curtas-metragens animados recontando as histórias de livros infantis e infantojuvenis como *Bichos da África*, de

¹⁵ SANTOS, B. S. *A Crítica da Razão Indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.



Rogério Andrade Barbosa, *O Menino Nito*, de Sônia Rosa, *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, *A botija de Ouro*, de Joel Rufino dos Santos, *Berimbau*, de Raquel Coelho e o longa *Kiriku e a feiticeira*, de Michel Ocelot, foram assistidos e debatidos pelos alunos, cumprindo a etapa de sensibilização quanto aos assuntos desenvolvidos durante o ano. Um pequeno vídeo informal captou a reação de dois alunos aos curta-metragens sobre a capoeira.

2º bimestre: Foco nas temáticas de produções culturais africanas e sua reverberação na cultura brasileira. Neste módulo, pretendeu-se promover a compreensão do “outro” como ser produtor de culturas, conhecimentos e sociabilidades possíveis, aceitáveis e desejáveis dentro de uma perspectiva intercultural. Para isso, tratou-se de temas relacionados nos conteúdos previstos para o ensino de história da África, incluindo-os nas quatro problemáticas epistemológicas apontadas por Carlos Moore Wedderburn em seu artigo “Novas Bases para o Ensino da História da África no Brasil”: África como berço da humanidade, berço das primeiras civilizações, alvo da escravidão racial e dos tráficos negreiros transoceânicos e alvo dos mitos ligados à questão racial. Utilizou-se como disparador dessas discussões em sala o infográfico produzido pela revista *Nova Escola* “África: o berço da humanidade”. Diversos conteúdos foram trabalhados, sempre com o auxílio dos recursos visuais necessários (como as fotos, tabelas e infográficos), privilegiando o primeiro aspecto apontado por Wedderburn. Esse tipo de atividade tem forte adesão e defesa pela grande maioria dos alunos, o que reitera a tese do costume hegemônico dentro da escola ainda ser o do uso de estruturas formais tradicionais de ensino-aprendizado.

3º bimestre: Foco no empoderamento e protagonismo juvenil pela produção de apresentações diversas, tais como exposições, peças de teatro, dança, multimídia etc. Formulação de sínteses do conteúdo

trabalhado por meio de múltiplas linguagens. Neste ano, trabalhamos a contação interciclos de histórias tradicionais da cultura africana, na qual os alunos dos 4^{os} anos escolhiam de nosso acervo uma história que gostariam de ler e recontar para os alunos dos anos iniciais. Assim, formamos parceria com o projeto vitorioso do “Prêmio Escola de Leitores”¹⁶ em andamento na escola e encabeçado pelas Professoras Nelci Silveira e Lucimara Borges.

Com a linguagem teatral, pretendeu-se ter como foco uma apresentação na Mostra Cultural da escola, em 11 de outubro do reconto teatralizado de “O coração do Baobá”, incluída no livro *Mãe África*, de Celso Sisto.

Visitas a espaços educativos

Ocorreram no decorrer do ano, de acordo com as possibilidades de traslado ofertadas pela Diretoria Regional de Ensino de São Mateus, duas visitas ao Museu Afro Brasil, mediadas por membros de seu excelente departamento educativo ocorridas nos dias 11 e 25 de setembro. As visitas tiveram como foco os temas “Festas: O sagrado e o profano”, “Trabalho e escravidão: tecnologia e conhecimento africano” e “As religiões afro-brasileiras”.

4º bimestre: Início das parcerias com mestres das culturas orais afrodescendentes, nas quais mestres e professores compartilham a regência da aula. Considerado um dos cinquenta melhores planos de aula produzidos como trabalho de conclusão para o 1º Curso de Formação para professores promovido pela UNICAMP por conta da Olimpíada

16 Noticiado em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/detalhe-noticia.aspx?id=2630>>.

Nacional de História do Brasil, o prêmio comprova a relevância e a atualidade dessa proposta.¹⁷

Essas atividades aconteceram como consequência direta da relação estabelecida entre a escola e os novos atores do processo, interlocutores privilegiados das tradições populares. Graças à parceria construída com a Fábrica de Cultura Sapopemba e seu departamento educativo, representado pela assistente de formação cultural Verônica Maisha, o mestre de capoeira Fernando Pirata e seus alunos visitaram a EMEF Fazenda da Juta durante todo o mês de outubro. Foi uma experiência enriquecedora que comprovou a potência desta proposta pedagógica. O que era um momento planejado apenas para as três salas dos 4^{os} anos alcançou cinco salas no total, além de contar com o apoio e a participação de mais cinco colegas professores. A brincadeira, o jogo, a malandragem e o axé contagiaram o espaço escolar naquelas tardes de outubro.

Avaliação

O processo avaliativo elencou os seguintes critérios:

- ➔ **1º bimestre:** Participação e interesse. Momento inaugural do projeto, foco nas relações interpessoais, sem produção escrita.
- ➔ **2º bimestre:** Participação, produção no caderno do aluno sobre as aulas expositivas. Uma avaliação em formato de prova com questões optativas e produção textual foi aplicada versando sobre História da África e Cultura Afro-brasileira e reconto escrito de uma das histórias trabalhadas no primeiro bimestre.

17 Plano de aula disponível para consulta em <http://www.olimpiadadehistoria.com.br/1-curso/planos_de_aula/plano/948>.

- ➔ **3º bimestre:** Análise da dinâmica dos trabalhos produzidos pelos alunos para a peça teatral *O Coração do Baobá*, divididos em três eixos: musicalidade e corporeidade, figurino/cenário e personagens da história.
- ➔ **4º bimestre:** Autoavaliação escrita de no máximo 20 linhas, respondendo à seguinte pergunta: “Como me sentia antes, como me senti durante e como me sinto depois das oficinas com os mestres”.



2. Potencial de Impacto

O projeto tem buscado vivenciar com os alunos aspectos da cultura africana no Brasil para que se busque entender a diversidade formativa do povo brasileiro e sua relação endêmica com a história do continente africano e com o mundo atlântico. Tem-se suscitado questões de caráter identitário pela valorização da cultura africana e afro-brasileira, quase sempre ausente do espaço escolar pelas vias formais; tratou-se do conteúdo de história da África de forma transversal, privilegiando o aspecto sensibilizador que é necessário ter para com este tema, na perspectiva ampla de quebra de preconceitos e real apropriação pelos alunos deste universo cultural tão presente em nossas vidas e ao mesmo tempo desprivilegiado na formação institucional da maioria de nós. Disputa-se, por meio de nossa prática educativa em sala de aula, o espaço institucional da educação formal, pela condução aos grandes objetivos da educação popular do educador Paulo Freire. Tem-se reconhecido e valorizado a oralidade como forma privilegiada de transmissão de conhecimentos para a vida, promovendo o encontro dos alunos com mestres do saber



informal, da fala e da oralidade, além de rodas de conversas com seus avós, que frequentam a escola em espaços de trocas de experiências com os mais novos. Promove-se o trabalho com conteúdos em História da África dentro de perspectivas que respeitam a produção do conhecimento ético e solidário sobre as questões de cidadania e Direitos Humanos. O protagonismo dos jovens nas apresentações teatrais para a comunidade na mostra cultural e o estreitamento de laços promovido pelas mediações de leitura para os ciclos iniciais, atividades já efetivadas e documentadas neste relato, demonstram a riqueza e o impacto positivo do caminho que escolhemos e de todas as suas possibilidades.

Essa perspectiva nega os ecos do modelo romântico, que dominou o pensamento histórico e político do país nos séculos XIX e XX pretendendo ser conciliador das diferenças em prol de uma artificiosa unidade nacional. A intenção atual é compor, para o sentimento de pertencimento pela ancestralidade, contra a desterritorialização e o apagamento dos traços culturais característicos de nossas terras e fazer frente ao ataque da cultura hegemônica solapadora de diferenças.¹⁸

É preciso valorizar a cultura viva tradicional dos povos originários e formadores da nação para que não nos percamos nos labirintos da globalização neoliberal acachapante, dela sobrevivamos e a superemos enquanto indivíduos, comunidades e povos do Brasil. Trata-se de produção simbólica que busca o empoderamento dos grupos sociais herdeiros do mesmo processo histórico e social escravista, no caminho que hoje chamamos “interculturalidades atlânticas”, pela descolonização de corpos e mentes.

18 LIBRANDI-ROCHA, M. “A Carta Guarani Kaiowá e o direito a uma literatura com terra e das gentes” (texto inédito).

3. Perspectivas de Continuidade e Sustentabilidade do Projeto

O projeto foi pensando para aplicação no ciclo interdisciplinar. A maneira com que foi conduzido privilegiou o jogo pedagógico que existe com os alunos dos 4^{os} anos. O sucesso foi notório e, portanto, pretendo continuar a acompanhar as turmas como seu professor especialista de projeto para o ciclo interdisciplinar também no quinto ano. Para isso, a estrutura modular é mantida (sensibilização, conteúdo, produção e oficinas com os mestres), o que permite revisitar e remanejar no decorrer do processo. O bem-sucedido projeto em Educomunicação na Unidade Escolar, o FACEJUT, um mural com a cara da rede social mais popular entre os jovens, será interligado ao Projeto Na Trilha dos Mestres. É possível criar pontes entre os dois e aproximá-los numa relação profícua. Ambos os projetos trabalham principalmente com mídias impressas e audiovisuais. A escola dará condições de continuidade ao garantir ao professor e alunos máquinas fotográficas e filmadoras, sistemas de projeção e som, modos alternativos de uso do espaço e abertura para parcerias com outros atores da educação e da cultura, para além do espaço escolar e dos profissionais da educação formal, além da boa vontade de fazer um projeto de educação em Direitos Humanos.

Assim a escola trabalha desde o final do ano de 2013, elaborando o Projeto Político-Pedagógico que hoje está em fase de implementação: *Direitos e Deveres Sociais – Aprender para Transformar*. Essa proposta pedagógica favorece o desenvolvimento humano mediante o exercício da responsabilidade, da solidariedade, da tomada de decisões, bem como a apropriação e o manejo do conhecimento culturalmente acumulado

com a responsabilidade de transformação social. Por isso, creio que temos todos os requisitos para a continuidade do projeto, elencando de fato a Lei n. 11.645/08 como seu mote e ampliando o espectro das culturas contempladas para vivenciarmos experiências da temática ameríndia e a questão dos povos autóctones.

Aumentar cada vez mais o reconhecimento de nossos alunos e comunidade de sua ancestralidade e dos traços culturais diferenciadores que carregam, incentivando o brilho da beleza de todas as culturas formativas de nossas identidades e de nossas histórias, é um audacioso objetivo que merece todo o apoio, reconhecimento e desenvolvimento.



Referências Bibliográficas

- ADICHIE, C. *O perigo da única história*. Palestra realizada em 2009 dentro do projeto TEDTalks Video Site. Trad. Erika Barbosa. Disponível em: <www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em: 28 mar. 2015.
- ALENCASTRO, L. F. *O trato dos viventes – Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. 525p.
- APPADURAI, A. *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.
- CAPUTO, S. G. *Educação nos Terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CAVALCANTE, R. *Educação biocêntrica: um movimento de construção dialógica*. Fortaleza: Edições CDH, 2001.
- _____. *Educação biocêntrica: aprendendo e ensinando na pedagogia do encontro – Vivenciando a biodança*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2004.
- FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. *Educação como prática de liberdade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- 

- _____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMES, N. L. Educação e identidade negra. In: BRITO, Â. M. B. B.; SANTANA, M. M. (Orgs.). *Kulé Kulé – Educação e identidade negra*. Maceió: ADUFAL, 2005, p. 8-17.
- HELLER, A. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,
- HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003a.
- KI-ZERBO, J. [Coord.]. *História geral da África*. v. I. São Paulo: Ática, 1982.
- MACHADO, W. *Ilé Axé: vivências e invenção pedagógica*. Crianças do Afonjá. Salvador: Edufba/SMEC, 2000.
- MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F. *Trabalhando com Projetos: Planejamento e Gestão de Projetos Educacionais*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MUNANGA, K. *Origens africanas do Brasil Contemporâneo*. Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações. São Paulo: Global, 2009.
- PACHECO, L. M. O. *Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.
- _____. [Org.]. *Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro*. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2009.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. *Subsídio de Implantação Programa Mais Educação São Paulo*. São Paulo: SME/DOT, 2014.
- TURINO, C. *Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima*. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.
- YEMONJÁ, M. B. *Caroço de Dendê, a sabedoria dos terreiros – como ialorixás e baba-lorixás passam conhecimento a seus filhos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.

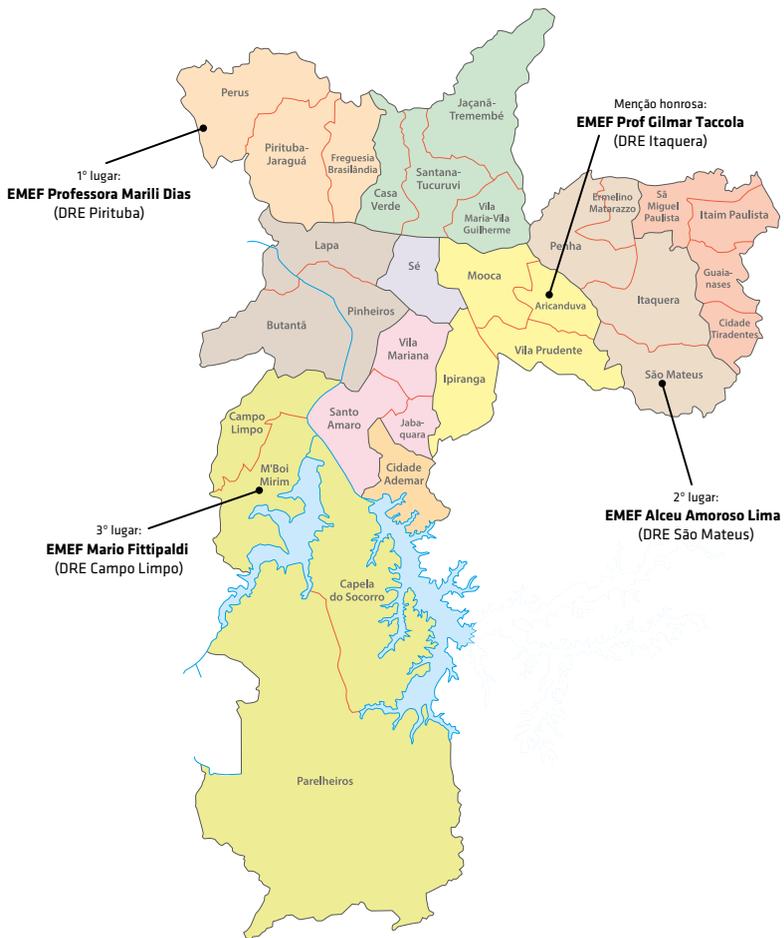














Categoria 3:

Estudantes

Ganhadores:

1º lugar:

“Nas ondas do Marili”

Cícero Ivanilson Silva Gonçalves

2º lugar:

“Jornal Novas Ideias”

Thauanna Maia da Fonseca

3º lugar:

“Rádio Fitti”

Samuel da Silva Alexandre

Menção honrosa:

“Acessibilidade”

Camila Aparecida Garcia (professora)







Categoria 3: Estudantes

1º Lugar

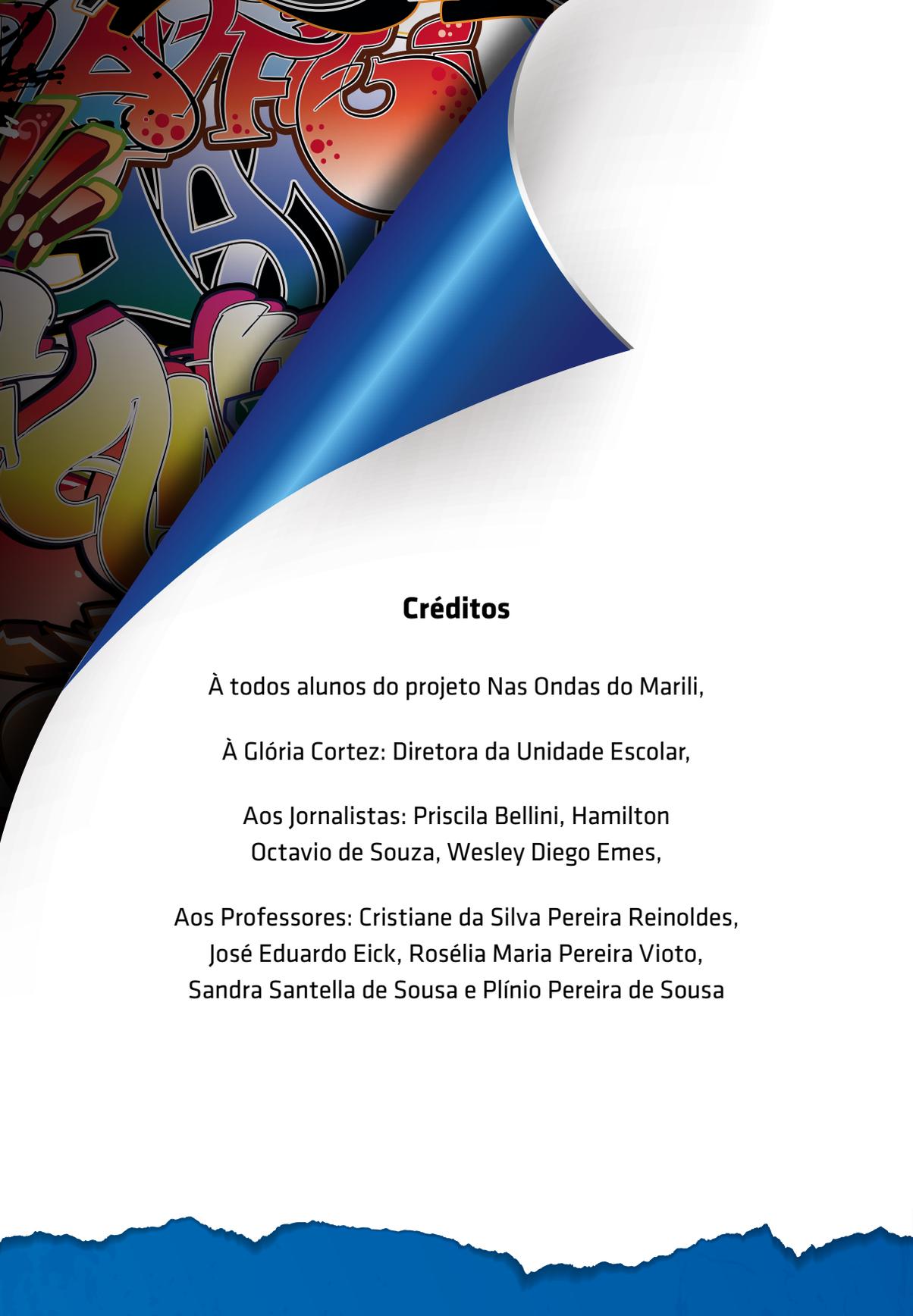
NAS ONDAS DO MARILI

Autor:

Cícero Ivanilson Silva Gonçalves

Unidade Escolar:

**EMEF Professora Marili Dias
(DRE Pirituba)**



Créditos

À todos alunos do projeto Nas Ondas do Marili,

À Glória Cortez: Diretora da Unidade Escolar,

Aos Jornalistas: Priscila Bellini, Hamilton
Octavio de Souza, Wesley Diego Emes,

Aos Professores: Cristiane da Silva Pereira Reinoldes,
José Eduardo Eick, Rosélia Maria Pereira Vioto,
Sandra Santella de Sousa e Plínio Pereira de Sousa



Apresentação

Os alunos da Imprensa Jovem “Nas Ondas do Marili” participaram do “*Workshop Jornalismo Para Todos*” no dia 16 de agosto de 2014 e se prepararam para produzir um material de reportagem publicado pela revista *Digital Contexto* na edição de setembro de 2014. Os debates giraram em torno do Direito à Comunicação.

O que é jornalismo e quem o faz? Quem pode fazer jornalismo? O jovem pode exercer seu papel de cidadão e participar ativamente na mídia? Essas foram as questões que envolveram o debate. A resposta poder ser conferida na edição de setembro da revista, onde os alunos publicaram suas reportagens sob orientação da revista.

A *Contexto* é uma revista *on-line* bilíngue sobre política, movimentos sociais e cultura, patrocinada pela “Qatar Foundation International”, organização do Oriente Médio com foco em educação. Como parte do trabalho desenvolvido pela revista, são realizados *workshops* para jovens que têm interesse em seguir nessa área e, mais do que isso, mostrar que eles podem ser agentes de mudança e podem retratar o que acontece em sua comunidade.

Em resumo, o *workshop* busca explicar aos jovens o que se torna matéria, o que vira história em jornal. Desde entender o porquê de buscar fontes até entender melhor a estrutura do texto (apresentar *lead*, entrevistar pessoas, etc.), tudo com a ajuda do Hamilton Octavio de Souza, professor da PUC-SP, ex-editor da revista *Caros Amigos* e atualmente um colaborador da *Vírus Planetário*.



O resultado desse trabalho segue com a confecção de uma reportagem que foi traduzida para inglês e árabe e publicada juntamente com a revista de setembro de 2014. A edição está disponível para visualização, confira no *link*: <http://issuu.com/priscilabellini/docs/contexto_9>.



1. Justificativa

A comunicação está vinculada ao relacionamento entre as pessoas, à transformação social, à compreensão das culturas, ou seja, perpassa toda a construção de uma sociedade, e hoje no mundo contemporâneo e capitalista o que se destaca é a comunicação.

O uso da comunicação é um instrumento de grande poder e percorre todas as áreas do conhecimento humano. Para Paulo Freire, a verdadeira

educação só é possível por meio de uma verdadeira comunicação, toda sua obra é construída tendo como base a comunicação dialógica, quando fala de uma educação para libertar o ser humano de qualquer situação de opressão – social, política, econômica, cultural – está falando de um processo que tem como base sujeitos ativos (FREIRE, 1983).

Ainda nesse sentido, apontamos para a grande preocupação da formação do indivíduo crítico e do aluno cidadão, indivíduos que respondam aos desafios das mudanças apresentadas pela sociedade, das mudanças que levam em conta um mundo globalizado e acelerado, no que diz respeito a questões de aprendizagem e conhecimento, principalmente no contexto educacional. O professor e pesquisador Ismar de Oliveira Soares (2011) aponta que, para formar pessoas capazes de transformar a realidade:

O que urge é, na verdade, garantir ao jovem a possibilidade de sonhar, não exatamente com o mundo fantástico e seguro que lhe seja dado pelos adultos, mas com um mundo fantástico que ele mesmo seja capaz de construir, a partir de sua capacidade de se comunicar. É o que a educação tem condições de propor ao sistema educativo formal. (SOARES, 2011, p. 53)

Trata-se de uma abordagem em que o pesquisador e os grupos populares constroem conhecimento, criam e recriam a realidade, participam do direito e do poder de pensar, produzir e dirigir os usos de seus saberes, reposicionando-se no contexto histórico.

2. Metodologia

As atividades de oficinas do projeto educomunicativo *Nas ondas do Marili* têm como meta a melhoria das relações interpessoais e a busca da identidade. Concentramos nossas ações para as mudanças da educação, no que diz respeito à área das linguagens e suas tecnologias, tendo a comunicação como meio e como objeto do ensino, transformada em instrumento para o acesso a uma cidadania plena.

Assim, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vem fortalecer as habilidades e competências do aluno. Discutir como desenvolver uma programação de TV, escolher a programação da TV aberta e como avaliá-las é parte do processo do trabalho desenvolvido. Fomentar o debate sobre a relação do público frente às mídias e à realidade se faz necessário para uma percepção crítica do meio, com objetivo de exercer a cidadania no que se refere ao uso das TICs.

O projeto busca, a partir das vivências dos alunos e suas propostas, articulação de conhecimentos que buscam uma rede de significados envolvendo toda a comunidade.

As mídias que compõe o trabalho são: o Jornal-Mural “*Nas Ondas do Marili*”, a rádio “*Nas Ondas do Marili*” e o jornal impresso “*MARLILI (é notícia todos os) DIAS*”, com periodicidade semestral e distribuída a toda a comunidade e a Imprensa Jovem, que veicula todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, noticia as ações culturais promovidas pelo grupo e realiza cobertura de eventos oficiais da Secretaria Municipal de Educação. Os recursos utilizados foram o veículo de comunicação virtual <portalmarilidias.blogspot.com> e a rede social <www.facebook.com>

nasondasdomarili.com>, que neste momento se apresentou como forte instrumento de mobilização. Nesse contexto, as tecnologias da informação e comunicação foram ferramentas importantes, pois facilitaram o acesso a diversas fontes de informação.



O “*Workshop Jornalismo para Todos*” contou com a colaboração do jornalista Hamilton Octavio de Souza, que compartilhou com os alunos do 8º e 9º anos da EMEF Profª. Marili Dias suas experiências na área do jornalismo.

A fim de incitar o debate, Souza levantou questões como “O que é jornalismo e quem o faz?”; “Quem pode fazer jornalismo?”; “O jovem pode exercer seu papel de cidadão e participar ativamente na mídia?”, que posteriormente também fomentariam os trabalhos/reportagens de autoria dos alunos.

Após o *workshop*, os educandos dividiram-se em quatro grupos com aproximadamente seis integrantes. Os trabalhos/reportagens elaborados tiveram seus temas definidos coletiva e internamente, versando sobre assuntos relacionados ao cotidiano dos próprios alunos.

Elaboração dos trabalhos

Com vistas a aplicar o que aprenderam durante o *workshop*, as atividades dos quatro grupos contaram com os seguintes passos: pesquisa sobre o tema, entrevistas áudio-gravadas ou por e-mail (com sujeitos diretamente ligados às temáticas pesquisadas), registros imagéticos/fotográficos dos sujeitos entrevistados, e, em última instância, redação das reportagens que estarão na próxima edição da *Revista Contexto*.

Segue a descrição das atividades realizadas em cada grupo.

GRUPO A

Tema: SÃO PAULO × ÁGUA: a crise hídrica que afetou a região

Sujeitos entrevistados: Dona Aparecida, Gildete e Joselita, donas de casa moradoras do bairro Vila dos Palmares; Reginaldo Prado, técnico da Sabesp e membro do Projeto Educação Comunitária na região Anhanguera.

Este primeiro grupo trabalhou com a crise hídrica que incidiu sobre a Região Sudeste nos últimos meses, pesquisando e localizando sujeitos que vivenciassem o contexto da crise e pudessem colaborar com as entrevistas.

Nas entrevistas realizadas com as donas de casa do bairro em que a escola está localizada, os alunos puderam ouvir as opiniões e vivências destas em relação à falta de água. Puderam ainda obter explicações sobre o contexto técnico sobre a questão, em entrevista com Reginaldo Prado, técnico da Companhia de Saneamento Básico do estado de São Paulo – Sabesp.



Entrevista com técnico da Sabesp Reginaldo Prado.

A reportagem está disponível em: <<http://revistacontexto.org/2014/09/12/sao-paulo-x-agua-a-crise-hidrica-que-afetou-a-regiao-sudeste-brasileira/>>.

GRUPO B

Tema: Mostra Fotográfica *Palmares Vive*

Sujeitos entrevistados: Wesley Diego Emes, Tayná Diego Emes.

Durante o primeiro semestre letivo, na EMEF Prof^a. Marili Dias ocorreu a *Oficina de fotografia e edição de imagem*, na qual os alunos do Ensino Fundamental II puderam aprender conceitos e técnicas relacionados ao *fotojornalismo*, por meio da colaboração do jornalista Wesley Diego Emes e da fotógrafa Tayná Diego Emes.



Oficina de fotografia.

Ao longo da referida, foi levantado pelos alunos o debate sobre a importância do conhecimento/levantamento de questões relativas ao bairro Vila dos Palmares, resultando na ida dos alunos a campo e registro fotográfico do bairro. Vale ressaltar que esta etapa também contou com o acompanhamento e a orientação técnica tanto do jornalista Wesley, quanto da fotógrafa Tayná.

Tendo como mote a mostra fotográfica e a fim de compreender melhor o fotojornalismo, o trabalho dos fotógrafos, bem como a opinião destes em relação à experiência no trabalho com os jovens, o Grupo B realizou entrevistas com Wesley e Tayná.

A oficina culminou na Mostra Fotográfica *Palmares Vive*, que exibiu na própria escola os registros feitos pelos alunos. A ideia era fazer um memorial da escola coletando biografias do bairro, ou seja, o trabalho de campo consistia na coleta de nomes das personalidades que deram nomes às ruas.



Foto da Mostra Palmares Vive.

Nessa fase, destacamos o olhar crítico do aluno sobre o mundo, que alterou o objetivo inicial e resultou na Mostra Fotográfica *Palmares Vive* apresentada no 1º Fuzuê dos Palmares. Esta focou os problemas do bairro vividos pelos alunos sob a perspectiva da realização de um fórum participativo, com o intuito de buscar melhorias para o lugar onde vivemos e amamos.



Encontro com o Subprefeito de Perus Carlos Roberto Massi.

A reportagem está disponível em: <<http://revistacontexto.org/2014/09/12/mostra-fotografica-palmares-vive/>>.

GRUPO C

Tema: A Cidade é Toda Nossa

Sujeitos entrevistados: Jacqueline Teixeira, antropóloga da Universidade de São Paulo (USP); pesquisadora do Núcleo de Antropologia

Urbana (NAU), José Soró, ativista cultural, membro do Coletivo Comunidade Cultural Quilombaque.



Entrevista com a antropóloga Jacqueline Teixeira.

Inicialmente, este grupo pretendia trabalhar com a juventude na/da periferia (esta última concebida enquanto espaço geográfico), tendo como foco o fenômeno social popularmente conhecido como “rolezinho”.

Assim como os grupos anteriores, este realizou pesquisas, especificamente acerca da origem do termo “periferia” e da definição que este adquiriu atualmente.

Diante das falas dos entrevistados e o consequente entendimento de que a juventude na/da periferia está imersa em contexto abrangente, indo além da compreensão do fenômeno social supracitado, uma das características deste trabalho foi a mudança de foco durante o percurso de pesquisa.

As entrevistas e a compreensão dos alunos revelaram a periferia não somente enquanto espaço geográfico, mas também como categoria discursiva.

Cabe aqui ressaltar que, como espaço geográfico, a periferia está restrita aos arquétipos que lhe são atribuídos. Entretanto, ao ser vista como categoria discursiva, configura-se enquanto centro de produção de cultura e tomada de decisões políticas. Conseqüentemente, a juventude desta/nesta periferia é composta por sujeitos ativos, produtores de cultura e capazes de influenciar a tomada de decisões políticas.



Entrevista com o ativista cultural José Soró.

A reportagem está disponível em: <<http://revistacontexto.org/2014/09/12/a-cidade-e-toda-nossa/>>.

GRUPO D

Tema: *Rap*: Muito Além do Ritmo e Poesia

Sujeitos entrevistados: Wesllen de Souza, graduando em Ciências Sociais e membro do grupo IDL – Informação Disseminada Letalmente; Isaac Dee, integrante do Grupo Salmos.



Wesllen, integrante do grupo IDL e Grupo Salmos.

Este grupo desenvolveu o trabalho de pesquisa relacionado ao ritmo musical *rap*, buscando suas origens, influências e, em última instância, exemplos de manifestações de *rap* presentes no cotidiano dos próprios alunos.

As entrevistas realizadas com Wesllen e Isaac revelaram diferentes aspectos do gênero *rap*, sendo, no entanto, possível observar semelhanças quanto ao percurso de vida dos artistas entrevistados. Wesllen tem dedicado sua vida à militância política, tendo no *rap* uma forma de expressão de suas ideologias, enquanto Isaac encontrou no *rap* um veículo de expressão de sua fé. É necessário, porém, ressaltar que o

rap constitui para ambos uma poderosa ferramenta de transformação social, principalmente em relação aos jovens da periferia, imersos em um cotidiano de violência e discriminações.

O trabalho jornalístico realizado pelo Grupo D aproximou os alunos da realidade de outros jovens, contribuindo para a formação de uma identificação/solidariedade com atores sociais e políticos com voz ativa nas comunidades em que vivem.

A reportagem está disponível em: <<http://revistacontexto.org/2014/09/12/rap-muito-alem-do-ritmo-e-poesia/>>.



Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. S. Cultura de periferia na periferia. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=995&PHPSESSID=29a4a091c2abd7268b2e0focc7118db9>> consultado em 21/03/2014>. Acesso em: 29 mar. 2015.

AQUINO, J. G. Da (contra) normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. *Outros Temas*, v. 41, n. 143, p. 456-484, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n143/a07v41n143.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COELHO, T. *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa* [1983]. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIBÂNEO, J. C. *A democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PEREIRA, A. B. *A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia / FFLCH – USP.



PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Portaria SME N. 5.792/09*. Define normas complementares e procedimentos para a implementação do “Programa nas Ondas do Rádio”, nas Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEIs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEFs, Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos – CIEJAs, Escolas Municipais de Educação Especial – EMEEs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio – EMEFMs, e dá outras providências. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/Legislacao-1>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

SOARES, I. O. *Educomunicação: o conceito o profissional a aplicação/ contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

E-referências

<<http://www.portalmarilidias.blogspot.com.br/>>

<<https://www.facebook.com/nasondasdo.marili>>

<<https://www.facebook.com/pages/Nas-Ondas-do-Marili/1421253531475130>>

<<https://www.youtube.com/channel/UCXHgQLGg3jDWge5hMCLOpMA>>

<http://issuu.com/priscilabellini/docs/contexto_9>





Categoria 3: Estudantes

2º Lugar

JORNAL NOVAS IDEIAS

Autoras:

Thauanna Maia da Fonseca
Rafaela Vitorino Bueno
Laiza Kassia Silva santos
Bianca de Oliveira

Unidade Escolar:

EMEF Alceu Amoroso Lima
(DRE São Mateus)



1. O que é o projeto

Trata-se do *Jornal Novas Ideias*. Projeto desenvolvido pelos alunos com o objetivo de melhorar a comunicação entre alunos, direção e toda comunidade escolar por meio do jornal.

2. Por que o projeto foi realizado

Os alunos sentiram a necessidade da criação de mais um recurso de comunicação dentro da escola, que facilitasse o contato com a direção a comunidade e os próprios alunos.

3. Como o projeto foi realizado

A criação do jornal aconteceu em 2012, quando um grupo de alunos procurou os professores com a ideia de montar um jornal na escola.

Surgiu, então, a ideia de um concurso para formar uma Comissão Editorial, composta por fotógrafos, repórteres e chargistas.

O desafio foi lançado. Em pouco tempo os alunos elaboram textos, reuniram fotos e charges sobre os temas estipulados: **Mulher, Beleza e Violência**.

Para participar do concurso, era necessário apenas ser aluno da escola e ter interesse em assumir um dos cargos à disposição: três vagas para repórter, três vagas para fotógrafo e três vagas para chargista. Os trabalhos deveriam ser enviados para o e-mail da Professora Orientadora de Informática Educativa – POIE, e um grupo de professores ficaria responsável pela apreciação dos trabalhos e pela seleção dos alunos que comporiam a equipe editorial.

Realizadas essas tarefas, a equipe editorial foi incumbida de escolher um nome e um símbolo para o jornal.

E, assim, surgiu o *Jornal Novas Ideias*, cujo símbolo era uma lâmpada brilhando acesa.



A primeira edição começou a ser elaborada e teve como destaque uma entrevista com uma das mais conhecidas figuras do bairro, importante para o desenvolvimento da região como a construção do posto de saúde e a própria EMEF Alceu. A mesma edição também trazia a biografia do patrono da escola e sua importância para a sociedade, além dos textos, fotos e charges dos alunos vencedores do concurso.

A segunda edição do jornal saiu em 2013, seguindo a mesma estrutura da edição original. Desta vez, a entrevistada foi a mãe de um funcionário da escola que viu seus filhos e netos se formando na EMEF Alceu. O jornal contou com reportagens sobre música e esporte, além de charges e crônicas elaboradas pelos alunos.

Em 2014, com uma tiragem de 1.000 cópias, circulou a terceira edição do jornal. O destaque foi uma entrevista com a ex-diretora, que trabalhou nesta comunidade por 15 anos, além de fotos da exposição de trabalhos realizados pelos alunos dos 9º anos, poesias, reportagem sobre a Copa do Mundo, sobre a vacinação HPV e outros assuntos de interesse para a comunidade escolar.



1ª edição – 2012



2ª edição – 2013



3ª edição – 2014

4. Pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade

Com a elaboração e circulação do jornal na escola e no entorno, foi possível perceber uma interação maior entre alunos, pais de alunos e professores. A curiosidade em conhecer ainda mais o bairro onde moram, bem como outros assuntos, despertou o interesse nas pesquisas e entrevistas realizadas para a produção do jornal. O projeto auxiliou também no desenvolvimento dos alunos em diversas disciplinas que exigem pesquisa, escrita, reflexão e comunicação.

5. Chance de continuação do projeto?

O *Jornal Novas Ideias* tem sido muito bem apreciado dentro e fora da escola, e os alunos estão demonstrando cada vez mais interesse em sua produção. Dessa forma, nossa unidade escolar vê 100% de chance em continuar com este valoroso trabalho.

6. Outras observações

Já está em andamento a 4ª edição do *Jornal Novas Ideias*.

Obs. Na data da entrega do II Prêmio, a quarta edição já estava em circulação e trazia fotos de toda programação do mês de outubro, como a comemoração do Dia das Crianças e do Dia dos Professores, além da entrevista com o Secretário da Educação, César Calegari, e com o cantor e compositor Pankada Rootz, parceiro das atividades do bairro. Destaque para o IDEB e para as olimpíadas estudantis, em que nossa escola foi premiada.

Professores envolvidos

Professora Elaine Aparecida dos Santos

Professor Fernando de Souza

Professora Márcia Maria Siribeli

Professor Kelvin Teixeira Menezes de Araujo

Professor Rogerio Martins de Oliveira

DRB



PIRATAS
M.D.R.
CREW

LITORAL
NORTE

"DON"







Categoria 3: Estudantes

3º Lugar

RÁDIO FITTI

Autor:

Samuel da Silva Alexandre

Unidade Escolar:

**EMEF Mario Fittipaldi
(DRE Campo Limpo)**



1. O que é o projeto

O projeto é uma ação pedagógica da nossa escola com o objetivo de acelerar o processo de ensino-aprendizagem, relacionado à leitura, escrita e comunicação. Na Sala de Informática, duas vezes por semana, alunos inscritos no Projeto Nas Ondas do Rádio/Rádio Fitti e professores regentes: Aline Rosa Gilg, Marise Maringues e Sonia Caires, são desafiados a executar tarefas diversas: pesquisar sobre vários temas, ler informações diversificadas, produzir programas de rádio de acordo com cada pauta criada para este programa, editar áudios, escolher músicas, preparar e cuidar de equipamentos eletrônicos, manuseio dos programas: Zara Rádio, Audacity e outros do pacote Office. Aprendemos a entrevistar articulando bem as palavras, impostando a voz, entre outras coisas. Os programas são compartilhados no intervalo dos recreios e no *blog* da escola.

2. Por que o projeto foi realizado

Para nos lançarmos como protagonistas em comunicação, e, também, para criarmos um espaço de lazer e diversão, onde podemos ser ouvidos e valorizados.

3. Como o projeto foi desenvolvido

O projeto foi iniciado em 2010 com a professora Sonia Caires. Seu intuito era tornar os alunos mais participativos nas aulas de informática, visando à construção de atores protagonistas de suas próprias histórias. Desde então, todos os anos este projeto é incluído ao projeto especial de ação da nossa unidade educacional que resgata a nossa identidade, a nossa história, a história do bairro, da nossa escola e etc.

Sáimos para entrevistar pessoas importantes do nosso bairro, como o Padre Jaime, da Paróquia Santos Mártires, e a Diretoria Jucileide Rodrigues Mauger, personagens que contaram um pouco da história de lutas e conquistas da juventude da nossa região. A partir disso, produzimos alguns programas de rádio divulgando estas informações.

4. Pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade

Os pontos positivos para a escola são muitos. Passamos a ler e a escrever melhor. Melhoramos nossa comunicação com professores e colegas. Eles passaram a nos olhar de maneira diferente – somos importantes, podemos expressar com liberdade o que pensamos e queremos.

Para a comunidade, prestamos serviços de cobertura e divulgação de eventos e atividades que acontecem no CEU Guarapiranga.

O ideal seria se nossa rádio pudesse alcançar o CEU todo ou, quem sabe, até mesmo o bairro todo.

5. Chance de continuação do projeto

Para os meus colegas dos anos anteriores, há todas as chances do mundo, porque este projeto é muito querido por todas as pessoas da escola. Para mim, que estou no 9º ano, as chances diminuem. Mas, tenho sonhos relacionados a este projeto para a minha vida: montar uma rádio comunitária, ou uma *web* rádio, ou ainda, quem sabe trabalhar profissionalmente com isso.

6. Outras observações

Como este é um projeto escolar, não faço nada sozinho, somos uma equipe e nos dividimos em muitas atividades. Sou o locutor e editor de áudios, já que a rádio é uma parte do Projeto Nas Ondas do Rádio e Imprensa Jovem. Além disso, mantemos um jornal-mural com todas as atividades da rádio na imprensa e na escola.

Nossa equipe é composta por:

- ➔ Eric Vidal de Negreiros – 7ºD
- ➔ Rayara Rodrigues Silva – 7ºD
- ➔ Rebeca Claudino Fernandes dos Santos – 7ºD
- ➔ Nathaly França da Silva – 7ºE

- ➔ Anne Beatriz R. Simão – 8ºB
- ➔ Geovanni Siqueira Santos – 8ºB
- ➔ Tania Cristina Aguiar Paes – 8ºB
- ➔ Abisai da Costa Conceição – 9º A
- ➔ Igor Costa Oliveira – 9ºA
- ➔ Talita S. Tiense – 9ºB
- ➔ Andressa Mota Silva – 9ºC
- ➔ Diego Campos Brito – 9ºC
- ➔ Thais da Silva Neri – 9ºC
- ➔ Valter Vinicius de Jesus Dias – 9ºC
- ➔ Isabele de Souza Carneiro – 9ºD
- ➔ Luana Silva – 9ºE
- ➔ Samuel da Silva Alexandre – 9ºE



Repórteres Mirins da Rádio Fitti entrevistando o Padre Jaime. Neste dia, ele nos contou como ajudou a diminuir a violência no bairro do Jardim Ângela.



Entrevista com a Diretora Jucileide Rodrigues Mauger sobre a diminuição da violência na região do Jardim Ângela nas décadas de 1980 e 1990.



Equipe da Rádio Fitti 2014: Eric Vidal de Negreiros (7º D), Rayara Rodrigues Silva (7º D), Anne Beatriz R. Simão (8º B), Tania Cristina Aguiar Paes (8º B), Talita S. Tiense (9º B), Isabele de Souza Carneiro (9º D), Samuel da Silva Alexandre (9º E), Kennedy Julio Gilo (7º E).



Alunas Anne Beatriz R. Simão (8º B) e Tania Cristina Aguiar Paes (8º B) explorando o Audacity nas aulas de formação de rádio.



Alunos Kennedy Julio Gilo (7º E) e Eric Vidal de Negreiros (7º D) explorando o Audacity nas aulas de formação de rádio.



Alunas do Ciclo Interdisciplinar estreado na Rádio Fitti em 2014. Bruna Mota Barbosa, Nicoly Silva Ribeiro, Isabella Correia Dorfler, Ana Beatriz Lima Costa do (4º B) e Fernanda Elloise Souza Santos (4º A).



Aluno entrevistando Luís Henrique Medina, campeão de tênis de mesa na Bional em 2012.



Cobertura jornalística da Paralimpíadas Escolares em 2012.



Alunos entrevistando Anderson Severiano, Diretor da EMEF José Saramago na Conferência Municipal de Educação em 2012.



Alunas do Ensino Fundamental I iniciando como repórteres mirins em 2013.



Inauguração da Sala de Rádio em 2012. Coordenadoras Luana Heringer e Sílvia Tavares, Diretora Sônia Aparecida, Assistente de Direção Amarildo Marques e alunos.





Categoria 3: Estudantes

Menção Honrosa

ACESSIBILIDADE

Autores:

Camila Aparecida Garcia (professora)

Alunos:

Guilherme Lisboa Abreu

Gustavo Gabriel Fonseca

JeanCarlo Azevedo

Matheus da Silva Constantino

Orlando da Silva Norões

Claudia dos Santos Barbieri

Letícia Giovana Arzillo Sarilho

Unidade Escolar:

**EMEF Professor Gilmar Taccola
(DRE Itaquera)**



Créditos

Guilherme Lisboa Abreu

Gustavo Gabriel Fonseca

JeanCarlo Azevedo

Matheus da Silva Constantino

Orlando da Silva Norões

Claudia dos Santos Barbieri

Letícia Giovana Arzillo Sarilho

1. O que é o projeto

O Trabalho Colaborativo de Autoria –TCA é um trabalho que se inicia no 7º ano por meio da realização de um projeto de intervenção social. No final do 9º ano, esse projeto deve ser concluído e apresentado. A partir deste ano de 2014, torna-se obrigatório para a conclusão do Ciclo Autoral (do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental). Este ciclo caracteriza-se pela construção de conhecimento a partir de projetos curriculares comprometidos com a intervenção social e concretiza-se com o TCA, elaborado pelo aluno e acompanhado sistematicamente pelo professor orientador de projeto.

A partir da solicitação da realização do Trabalho Colaborativo Autoral, com o envolvimento de todos os docentes, e, envolvendo os discentes dos 9ºs anos da unidade escolar, foi proposta a oferta dos temas pelos professores e a escolha destes pelos alunos, por meio de uma conferência inicial. Por interesse no tema e na forma como ele seria apresentado, foi formado o grupo, com sete alunos dos 9ºs anos A, B e C, para a realização do TCA, com as fases de pesquisa, reflexões, registros, sistematização do conteúdo e apresentação.

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR950), a Acessibilidade é definida como “a condição para utilização com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação por uma pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”.

Ela é essencial para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, independentemente do ambiente, na cidade ou no campo, em serviços e instalações abertos ao público ou de uso público.

O trabalho em grupo consistiu na observação, registro (foto e filmagem), análise, reflexão e registro do entorno, acesso e estrutura da escola EMEF Prof. Gilmar Taccola sob a perspectiva da acessibilidade, realizado pelos alunos do 9º ano do grupo de TCA.



2. Por que o projeto foi realizado

O trabalho surgiu a partir da solicitação da realização do Trabalho Colaborativo Autoral, com envolvimento de todos os docentes e, envolvendo os discentes dos 9^{os} anos da Unidade Escolar. Foi proposta uma oferta de temas pelos professores e escolha destas pelos alunos, por meio de uma conferência inicial. Por interesse no tema e na forma como ele seria (será) apresentado, foi formado o grupo para a realização, sob a orientação sistemática da professora Camila.

Tema de importância social, a Acessibilidade está presente em todos os locais, mesmo que não se discuta sobre ela. E, a partir da reflexão gerada na realização desse trabalho, altera nos alunos a visão acerca desse tema, pensando criticamente sobre a acessibilidade de cada local que passam, principalmente a própria escola e seu acesso. Por meio da apresentação final, foi passado para os colegas a experiência do trabalho, seu processo e conclusão, com o objetivo de ampliar as reflexões da comunidade escolar, da situação atual e da análise das possibilidades futuras.



3. Como o projeto foi desenvolvido

A partir do resultado da conferência da escolha dos temas, foi realizada a primeira reunião do grupo, em que foram esclarecidas as dúvidas sobre como seria feito o trabalho. Na roda de conversa inicial, com base no vídeo apresentado “*Mundo Adaptado*”, sob a orientação da professora, foi discutido com os alunos sobre o que eles conheciam sobre o tema e o que os alunos gostariam de estudar e realizar nesse trabalho. O foco do trabalho de TCA de acessibilidade foi dado à pesquisa de campo, surgiram questões como “como deve ser a rotina de um cadeirante?”, porém, os alunos não teriam a possibilidade de realizar um estudo de caso, analisando a vida de um cadeirante e sua rotina. E então, a partir de questionamentos como “O que nós vamos construir juntos?”, “Quais nossas possibilidades para o trabalho?”, os alunos decidiram gravar um vídeo, a partir das fotos e fatos, destacando o que há, o que falta e como deveria ser a acessibilidade da e na escola.

Para embasar as muitas ideias, foi estudado pelos alunos “Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência”, buscando destacar a acessibilidade, e então, ao ler o artigo 9, os alunos surpreenderam-se, ao verificar que rampa não é sinônimo de acessibilidade, surgiram questionamentos como “Então, quem são os deficientes?”, e os alunos foram então em busca de resposta, para compreender o Direito à Informação e Comunicação, sinalização, além das estruturas físicas, de locais de uso público aos deficientes.

Os alunos saíram a campo para observar e registrar em foto e filmagem o entorno, o acesso e a estrutura da EMEF Prof. Gilmar Taccola e, foram percebendo a realidade e refletindo sobre como poderiam ou

deveriam ser as estruturas físicas, o acesso, a acessibilidade do entorno e da escola e foram em busca de normas técnicas. E, em grupo, realizaram uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa.

Os alunos refletiram, trazendo para a discussão em grupo questionamentos sobre o tempo dos semáforos, o tamanho das rampas, a ausência de rampas, a ausência de barras de apoio, o ônibus acessível (E se fosse cego? E se fosse surdo?).

Dessa forma, deu-se o processo de construção desse trabalho, que foi inscrito para essa premiação, na fase de compilação e construção do vídeo com as constatações, reflexões e análises, o produto final e, depois, no mês de novembro, a apresentação da pesquisa e do vídeo, para escola, colegas e professores, para avaliação final do TCA no ano de 2014.



4. Pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade

A partir da realização desse trabalho, os alunos envolvidos puderam presenciar e tomar partido de aspectos importantes da acessibilidade. Este trabalho foi divulgado, apresentado aos colegas de turma, de classe, de escola, além de pais, parentes e conhecidos, com o objetivo de estimular toda a comunidade escolar a ter outra visão sobre as necessidades para o acesso de todos.

Dessa forma, o projeto contribuiu para mudanças culturais e atitudinais, incentivando a luta para a aplicação das legislações vigentes,



fiscalização e implementação de programas e políticas públicas, para que seja efetivamente garantido o direito de todos.

5. Chance de continuação do projeto

Além da possibilidade de contato com órgãos como a Subprefeitura, a Diretoria Regional de Educação e a própria Prefeitura, para reivindicação, cobrança e acompanhamento para a solução, criação, correção, implementação ou fiscalização de itens para a acessibilidade no entorno da unidade escolar, como: rampa, ponto de ônibus, tempo do semáforo para travessia. Durante a realização desse trabalho, na análise apenas do entorno e do acesso à escola surgiram questões sobre como seria a acessibilidade nos locais de diversão, entretenimento e atendimento médico. Dessa forma, esse projeto não esgota aqui suas possibilidades, outros grupos de alunos apresentam ainda infindáveis análises a respeito do tema Acessibilidade, com infinitas possibilidades de aplicação e busca para uma efetiva inclusão de todos na sociedade, igualdade de oportunidades, de direitos e, principalmente, cidadania.

6. Outras observações

As fotos e vídeos dos registros dos alunos

Conferência Escolha do tema / orientador



ACESSIBILIDADE
É um direito de todos!

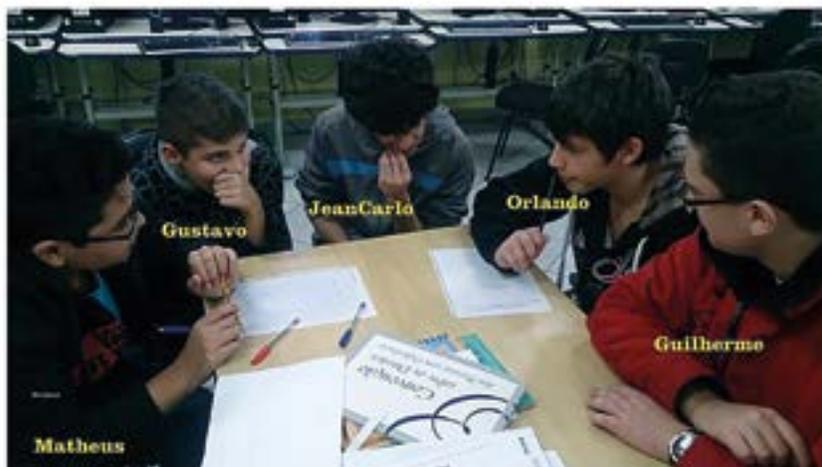


Siga esta ideia!

www.mec.gov.br



9º ano



“A fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida, ...”



"...os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação,..."

vídeo



"... inclusive aos sistemas e tecnologias a da informação e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural..."

vídeo



“...Essas medidas, que incluirão a identificação e a eliminação de obstáculos e barreiras à acessibilidade, serão aplicadas, entre outros a :
a) edifícios, rodovias, meios de transporte e outras instalações internas e externas, inclusive escolas, residências, instalações médicas e local de trabalho; ...”



a) edifícios, rodovias, meios de transporte e outras instalações internas e externas, inclusive escolas, residências, instalações médicas e local de trabalho; ...”

video



“... b) Informações, comunicações e outros serviços, inclusive serviços eletrônicos e serviços de emergência;”

[Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência]

video



“Ainda em processo de construção da apresentação final, refletimos o que vimos que existe. Está de acordo? Por exemplo, há rampa, mas, e a sinalização para cegos? E se chega o pai de um aluno surdo, alguém sabe Libras? E se uma mãe de aluna é cadeirante, alcança aquela campainha? Com que autonomia ela sobe pelas escadas a caminho da secretaria? Só o elevador resolve todas as questões? O que deixamos é essa inquietude nos demais para que sigam outros estudos.”



Bibliografia

FONSECA, D. P. *Mundo Adaptado*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MmBM7R5_RuA>. Acesso em: 29 mar. 2015.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria dos Direitos das Pessoas com Deficiência. *Convenção sobre o Direito das Pessoas com Deficiência*. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

Sites visitados:

<<http://portal.mec.gov.br>>

<<http://www.abnt.org.br>>

<<http://www.acessibilidade.org.br/>>

<<http://www.acessibilidadelegal.com>>

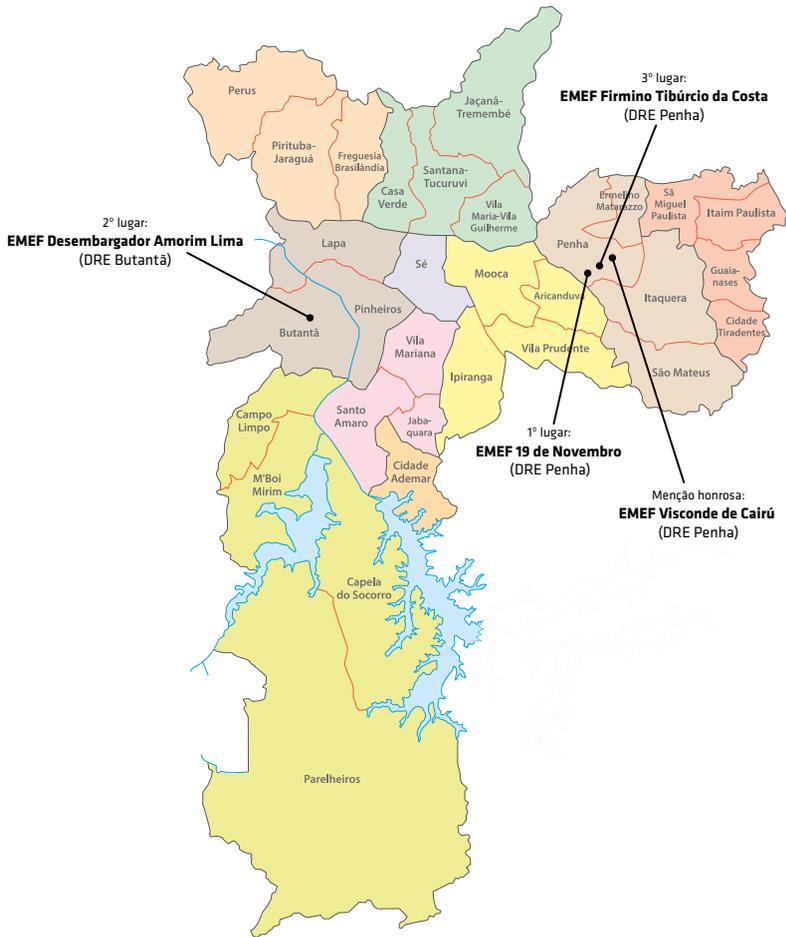
<<http://www.fnde.gov.br/acessibilidade>>

<<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br>>











Categoria 4:

Grêmios Estudantis

Ganhadores:

1º lugar:

“Grêmio estudantil em ação: conhecendo o passado para fortalecer o futuro”

Andréia Lourdes de Souza
[Grêmio Estudantil Nelson Mandela]

2º lugar:

“Grêmio estudantil: experiência de criação e consolidação”

Sávio Campos de Souza
[Grêmio Estudantil Amorim Lima]

3º lugar:

“Projeto Convivência Cidadã”

Robson Teruo Watanabe
[Grêmio Estudantil Unidos do Firmino]

Menção honrosa:

“Bicicletário”

Lucineide Bispo dos Santos
[Grêmio Protagonismo Juvenil]







Categoria 4: Grêmios Educacionais

1º Lugar

GRÊMIO ESTUDANTIL EM AÇÃO:

Conhecendo o passado para fortalecer o futuro

Autores:

Professores:

Andréia Lourdes de Souza

Daniel Teixeira Maldonado

Alunos:

Maria Eduarda Romani Cardoso, Nathália

Danielle Magalhães, Thalita de Freitas

Alves, Gabrielle Gomes da Silva, Gabriele

de Lima dos Santos, Beatriz Nunes dos

Santos, Tainá Lopes Thenório de Abreu,

Aliky Mancini da Silva, Gabrielly Gonçalves

dos Anjos, Bianca de Souza Silva, Ana

Cheila Oliveira Souza, Matheus Cardoso

da Cruz e Niccolas Silva de Moraes

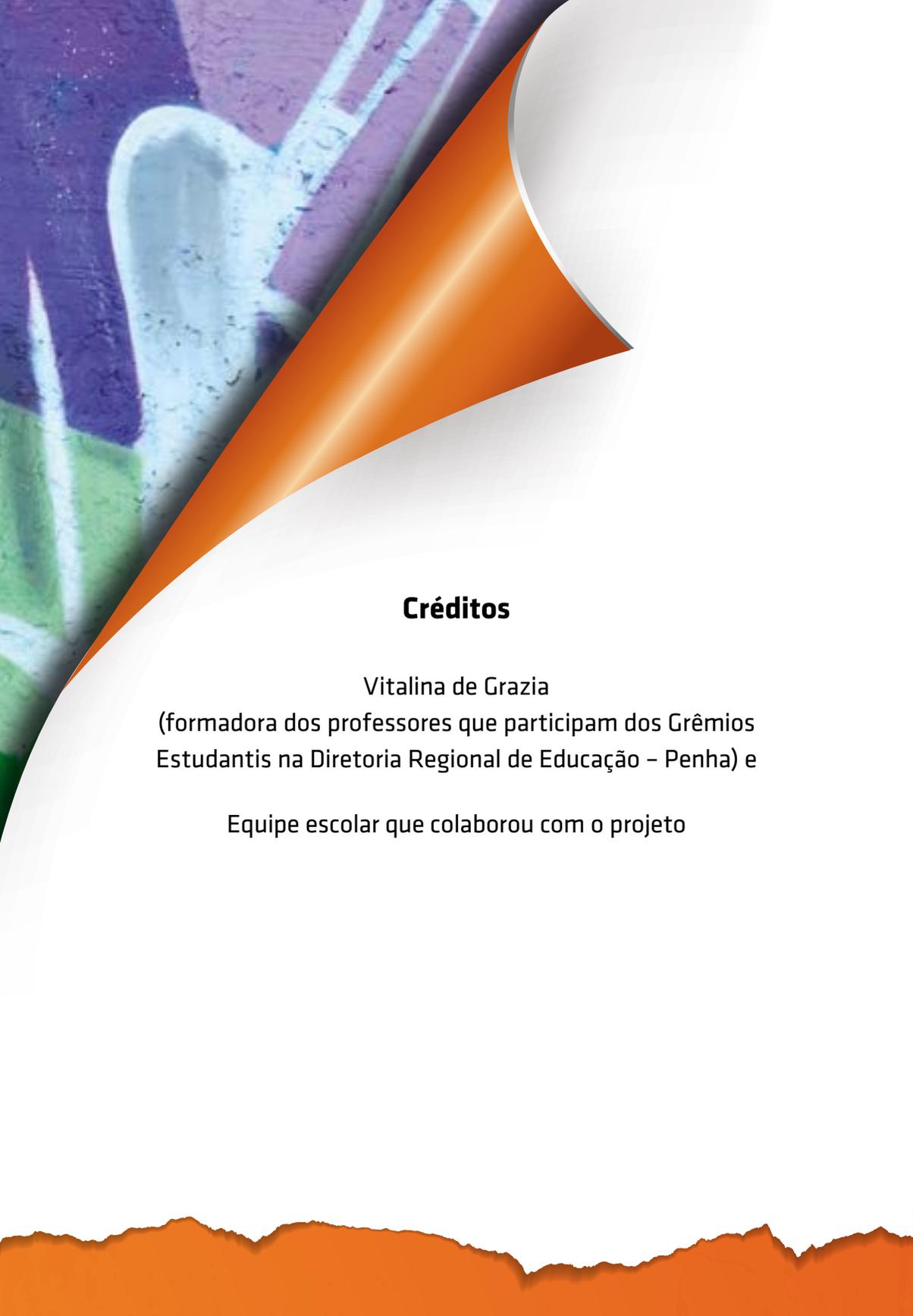
Nome do Grêmio::

Grêmio Estudantil Nelson Mandela

Unidade Escolar:

EMEF 19 de Novembro

(DRE Penha)



Créditos

Vitalina de Grazia
(formadora dos professores que participam dos Grêmios
Estudantis na Diretoria Regional de Educação – Penha) e

Equipe escolar que colaborou com o projeto

1. O que é o projeto

Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados pela sua personalidade, não pela cor de sua pele. (Martin Luther King)

Ao iniciar o ano de 2014, o Grêmio Estudantil Nelson Mandela decidiu que todas as suas ações estariam relacionadas com os Direitos Humanos. Assim, em diversos momentos nas reuniões, foram realizados debates sobre a desigualdade social no Brasil e no mundo e foram discutidos diversos acontecimentos ocorridos durante a história da humanidade que não respeitaram os direitos das pessoas.

Em um dos debates os integrantes do Grêmio tiveram a ideia de realizar um evento na escola que retratasse situações que não respeitaram os Direitos Humanos em diferentes países e momentos históricos.

Decidimos então realizar o “Projeto Grêmio Estudantil em Ação: Conhecendo o passado para fortalecer o futuro”. Trabalhamos durante três meses para conhecer o que ocorreu durante:

- ➔ o **Apartheid** na África do Sul;
- ➔ o **Nazismo** na Alemanha;
- ➔ a **Ditadura Militar** no Brasil;
- ➔ o **Tráfico de Órgãos**;
- ➔ a **Prostituição Infantil**;
- ➔ a **Violação dos Direitos das Mulheres**.

Os integrantes do Grêmio realizaram pesquisas durante o 1º semestre de 2014 sobre esses temas e prepararam um evento em um dia de reposição de aulas para todos os alunos da EMEF 19 de Novembro. Essa reposição foi realizada em um sábado para completar os 200 dias letivos anuais obrigatórios para o Ensino Fundamental. Nesse evento, foram apresentadas as pesquisas e todos os discentes da escola realizaram um relatório do que foi assimilado dos temas desenvolvidos.



2. Por que o projeto foi realizado

Os integrantes do Grêmio Estudantil Nelson Mandela perceberam que na comunidade onde moram muitos direitos humanos não são respeitados como deveriam. Durante as discussões realizadas no Grêmio ficava claro que em muitas situações as mulheres não eram respeitadas e, muitas vezes, era reproduzido um discurso machista entre as próprias meninas dessa comunidade. Muitos adolescentes sabiam de casos relacionados com a prostituição infantil e, após muitos debates e pesquisas, chegamos à conclusão que essa realidade ainda ocorre em muitos estados brasileiros. O tráfico de órgãos era uma realidade um pouco distante desses discentes, mas, como este tema foi tratado nas aulas de ciências na Unidade Escolar, os alunos do Grêmio também decidiram dialogar sobre esse tema com a comunidade escolar.

O *Apartheid*, o Nazismo e a ditadura militar acabaram entrando nos debates por serem eventos históricos lamentáveis ocorridos na história da humanidade, que não podem ser esquecidos para que não se repitam, além da questão de que a ditadura militar estava completando 50 anos no momento do projeto.



Por conta de toda essa problematização alunos e professores que fizeram parte do Grêmio Estudantil Nelson Mandela em 2014 decidiram realizar um outro evento para dialogar com a comunidade escolar, com a intenção de que as pessoas conhecessem com maior profundidade e criticidade esses temas e passassem a olhar com maior clareza a importância de se respeitar os direitos da pessoa humana em todos os contextos e momentos da humanidade.



3. Como o projeto foi desenvolvido

Após decidir que o projeto seria realizado, os integrantes do Grêmio Estudantil foram separados em seis grupos, cada um com um tema selecionado a partir dos debates realizados durante as reuniões (*Apartheid*, Nazismo, Ditadura Militar, Prostituição Infantil, Tráfico de Órgãos e Violação dos Direitos das Mulheres).

Os grupos realizaram as pesquisas no próprio horário de reunião do Grêmio Estudantil, que acontecia às segundas e terças, das 12h00 às 13h25, e, também, realizaram algumas reuniões em dias e horários diferentes do habitual. Utilizamos a sala de informática e a sala de leitura como espaços para pesquisar sobre os temas selecionados.

Ao comentar sobre o projeto para o grupo de professores da unidade escolar em uma reunião pedagógica, eles foram convidados a colaborar e ao longo do semestre, foram recebidos textos, livros, filmes e revistas desses docentes. Esses materiais também compuseram as pesquisas e foram utilizados no dia do evento.



Após três meses de pesquisa, foi realizado pelos integrantes do Grêmio Estudantil um evento na escola para dialogar com a comunidade escolar sobre os temas estudados. O evento foi realizado num sábado, já que no primeiro semestre de 2014 houve alguns dias de aula aos sábados para respeitar o calendário de dias letivos. Nesse dia, todos os discentes e professores que participavam do Grêmio Estudantil, com a ajuda de alguns docentes e funcionários da escola, montaram estações em diferentes espaços da unidade escolar. Os alunos do Grêmio Estudantil apresentaram as suas pesquisas para todas as pessoas que vieram apreciar o evento, principalmente os outros discentes da escola, seus familiares e as pessoas que moram na comunidade em que a escola está inserida.

Todos os alunos que frequentam a escola realizaram um relatório sobre os seis temas que estavam sendo desenvolvidos pelos alunos do Grêmio Estudantil e entregaram esse material ao final da visita, compondo a sua presença naquele dia letivo. Os alunos do 9º ano do ciclo auctoral, além de realizar esse relatório, escolheram um desses temas para estudarem no seu Trabalho Colaborativo de Autoria (trabalho que visa a intervenção social com a sua comunidade, para encerrar o Ensino Fundamental). Abaixo, mostraremos algumas fotos do evento.





Foto 1 – Alunos explicando sobre o *Apartheid*.



Foto 2 – Alunos explicando sobre a Ditadura Militar.



Foto 3 – Alunos explicando sobre o Nazismo.



Foto 4 – Alunos explicando sobre a violação dos direitos da mulher.



Foto 5 – Alunos explicando sobre o tráfico de órgãos.



Foto 6 – Alunos explicando sobre a prostituição infantil.



Foto 7 – Comunidade escolar prestigiando o evento.

4. Pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade

Os integrantes do Grêmio Estudantil Nelson Mandela se envolveram bastante na realização do projeto. Os discentes permaneceram na escola mais tempo do que o obrigatório em sua grade curricular e realmente levaram a sério as pesquisas que realizaram e a apresentação do que foi estudado para a comunidade escolar.

Alguns professores e funcionários da escola também se envolveram no projeto e ajudaram nas pesquisas, trazendo diversos materiais para que os estudantes pudessem manusear e pesquisar sobre os temas selecionados. Esse foi um ponto positivo porque é muito difícil ter o envolvimento de um grupo de docentes, coordenador pedagógico e

da equipe de apoio num projeto na escola. Esse envolvimento ocorreu tanto na construção quanto na realização do evento.

A comunidade escolar também se envolveu, e muitas das pessoas que estavam presentes na Unidade Escolar no dia do evento realizado pelo Grêmio Estudantil comentaram que nunca tinham visto tantos alunos num sábado para realizar uma reposição de aula. Também foi percebida a presença de muitos familiares dos discentes e esse envolvimento demonstrou o interesse da comunidade nos temas selecionados pelos alunos.

Os professores de Sala de Leitura e Sala de Informática também se envolveram, e no dia do evento selecionaram alguns filmes que discutiam sobre os Direitos Humanos para que os discentes da escola assistissem. Depois das sessões, foi realizado um debate entre docentes e discentes sobre o conteúdo dos filmes e foi reconhecida a importância desses professores no processo de construção do conhecimento nessa Unidade Escolar.



5. Chance de continuação do projeto

O Grêmio Estudantil Nelson Mandela decidiu continuar estudando temas relacionados com os Direitos Humanos após a realização desse evento e os integrantes do Grêmio Estudantil notaram um grande envolvimento de alguns discentes na escola com os temas que foram debatidos no evento. O projeto continua colhendo frutos.

Os alunos do 9º ano desenvolveram os seus Trabalhos Colaborativos de Autoria sobre os temas debatidos durante o projeto (*Apartheid*,



Nazismo, Ditadura Militar, tráfico de órgãos, prostituição infantil e violação dos direitos das mulheres) e essas pesquisas têm a intenção de ampliar ainda mais o olhar desses adolescentes sobre os temas relacionados com os Direitos Humanos.

Os docentes da EMEF 19 de Novembro que trabalham com temas relacionados com Direitos Humanos em suas aulas notaram que muitos discentes trocaram ideias sobre o que viram e ouviram durante o evento organizado pelo Grêmio Estudantil, e isso acabou facilitando a compreensão dos seus conteúdos e tornando as discussões realizadas em aulas mais ricas e satisfatórias, sempre buscando uma reflexão sobre os Direitos Humanos e sonhando para que um dia esses direitos sejam realmente respeitados.



6. Outras observações

Foram deixados vários recados para os integrantes do Grêmio Estudantil Nelson Mandela, parabenizando-os pelo projeto no dia do evento. Essa manifestação positiva deixou os integrantes do Grêmio Estudantil certos de que todo o trabalho valeu a pena, pois houve uma participação positiva da comunidade escolar.

Os integrantes do Grêmio Estudantil também gostariam de agradecer nesse texto o envolvimento da coordenação pedagógica, docentes e discentes que ajudaram no desenvolvimento do projeto e tornaram ainda mais rica as experiências realizadas na EMEF 19 de Novembro no ano de 2014.



Os gremistas ainda querem deixar registrado um agradecimento especial aos alunos Henrique Rojas Sanz e Gustavo Denisio Pereira pela realização dos desenhos que foram utilizados no dia em que os integrantes do Grêmio Estudantil Nelson Mandela realizaram o evento de Direitos Humanos na escola.

Para finalizar, os integrantes do Grêmio Estudantil Nelson Mandela sabem que o projeto desenvolvido na EMEF 19 de Novembro colaborou para a reflexão de toda a comunidade escolar sobre os Direitos Humanos, mas que ainda são necessárias muitas políticas públicas para que todos os seres humanos sejam tratados com direito e respeito. Cada um precisa fazer a sua parte.

*Uma criança, uma professora, uma caneta e um livro
podem mudar o mundo. (Malala Yousafzai)*







Categoria 4: Grêmios Educacionais

2º Lugar

GRÊMIO ESTUDANTIL:

Experiência de criação e consolidação

Autor:

Sávio Campos de Souza

Nome do Grêmio:

Grêmio Estudantil Amorim Lima

Unidade Escolar:

**EMEF Desembargador Amorim Lima
(DRE Butantã)**



Créditos

Grêmio Estudantil Amorim Lima

Apresentação

O presente projeto descreve a história de formação do Grêmio Estudantil da EMEF Desembargador Amorim Lima, nossas experiências e projetos de ações. Ao participar de atividades comunitárias, defendeu-se e aprimorou-se o projeto inovador desta escola. Acendeu o fogo das vozes dos alunos na defesa dos Direitos Humanos.

1. Justificativa

A criação do Grêmio nasceu da necessidade de valorizar as vozes dos alunos, tendo como meta conquistar benfeitorias para a escola, para a região ou até mesmo para o País.

Tomamos consciência de que é necessário sair da inércia e cumprir com o dever, exercendo o direito de reclamar, de expressar-se, manifestar-se e ser livre, que foi conquistado no decorrer da nossa história brasileira.

Relato:

No início do mês novembro de 2010, foram abertas inscrições para a formação de chapa do Grêmio, para hoje estarmos aqui escutando cada chapa apresentando suas propostas; em seguida, haverá um momento de perguntas de uma chapa para a outra, amanhã e depois de amanhã

será dada continuidade às apresentações. Três dias depois. Hoje é dia da eleição (sinto que muitos votam por amizade, mas sei o que será válido para mim é o voto nas propostas e a estratégia política das propostas, pouco citadas nas apresentações, eles dizem o que fazer mas não como). A comissão eleitoral: os professores, estão junto às urnas. Depois de sete minutos... — Pronto! Já votei. Não te digo em quem foi porque é confidencial... Câmbio — Professora: saiu o resultado da eleição.

Em 2011 também não houve eleição. Os alunos ficaram ociosos por um ano, sem as atividades do grêmio. Com a iniciativa de três alunos da sétima série aconteceu a escolha da nova chapa do grêmio e, no ano de 2013, com a motivação e o acompanhamento do professor Ibsen Wilde Dalla Déa Junior, fundamos o grêmio EPL (Estudantes em Primeiro Lugar) do Ensino Fundamental, utilizando a vaga discente no Conselho de Escola e participando das reuniões pedagógicas, bem como arrecadando para a escola ventiladores, cestas de basquete, *wi-fi*, conserto do telhado para acabar com as goteiras do salão, tudo por meio do encaminhamento por meio do grêmio. As atividades desenvolvidas incluem a participação no Conselho de Escola; criação da rádio da escola, cuja aparelhagem foi adquirida pelo Grêmio junto com o grupo responsável pela comunicação; confecção do mural do Grêmio; o empréstimo de bolas e a organização dos horários das quadras no intervalo, benefícios conseguidos por meio de várias discussões.

O grêmio organiza-se assim: presidente, vice-presidente, tesoureiro, ministro da biblioteca, do banheiro, dos esportes (quadra), do salão e havia os representantes do Grêmio no Conselho de Escola e nas reuniões pedagógicas (levando e trazendo ideias de ações, informativos e atualidades da escola).

Composição do Grêmio Estudantil (2013)

Alessio Stephan Maranto; André Augusto Ferreira Santos; Andre Fonseca Chapuis Fonseca; Arthur Cabral Nagamine; Ian Cabral Nagamine; Caio de Souza Estevam; Francisco Bergamim Rodrigues; Gabriela Rosa de Souza Silva; Gabriela Tonetti do Espírito Santo; Gustavo Augusto Debeus de Souza; Gustavo Falzoni Cipelli; Igor Savioli Conidi; José Bergamim Rodrigues; Joaquim Bergamim Rodrigues; Julia Franciulli; Larissa da Silva Verstandig; Leticia de França Barbosa; Letícia Rocha Castilho; Juliana Franciulli Martins Fereira; Mauro Azevedo Marques; Saulo Campos de Souza; Sávio Campos de Souza; Vitor Fraga Marques.



Professor Ibsen ajuda os estudantes a entenderem a função do Grêmio Estudantil (2013).

Em 2013, ocorreu a primeira participação do Grêmio no FOCA (Fórum da Criança e do Adolescente) ocorrido no CEU Butantã. Assistimos à apresentação do Projeto Municipal Mais Educação São Paulo, e, em seguida, discutimos como ter uma escola melhor.

Divulgamos os temas discutidos no FOCA, nas rodas de conversas organizadas no colégio.

Grêmio Estudantil (2014)

A posse foi realizada no dia 30/04/2014, com os seguintes componentes: Sávio Campos de Souza; Mauro de Azevedo Marques; Felipe Novaes Gomes de Oliveira; Vinicius Fernandes de Vasconcellos Correia; Joanita Borges Fonseca; Bruna Bratfisch da Silva; Ian Sato Borges; Pedro Sena Lopes; José Fernando Campos de Paula; Saulo Campos de Souza; Ellen de Matos Moura; Isabela Gaia Oyola; Beatriz Martins Simões da Silva; Amanda Gaspar Machado; Ortiz Sebastião Martinelli da Silva, Bruno Matheus de Souza, Lucas de Lima. Novos membros passaram a integrar o grêmio com o passar do tempo, como os alunos: Carlos de Lima; Giovanna Cavenatti Santos Bombonato; Leonardo Franco Moreno; Yang Tsuchida Nakazawa; Nicole Souza Caggiano; Francisco Emanel Grangeiro Costa Marques.

Após a posse, reformulou-se sua forma de organização: coordenador, representantes do Conselho de Escola e os integrantes dos grupos de responsabilidades.



2. Metodologia

O Grêmio reúne-se todas as quartas e sextas-feiras, das 12h00 às 13h00, para garantir a presença dos alunos dos dois turnos, de modo que não precisem se ausentar nas aulas. As instâncias de ação e comunicação são: o grupo de responsabilidade, a assembleia, as rodas de conversas, as passadas nas classes, o Conselho de Escola, entre outros.

Assembleias

A convocação de Assembleias é feita pelo Grêmio quando há algum problema. Exemplo: alguns alunos mais velhos da escola (nono ano), sendo mais fortes fisicamente não deixavam os mais novos jogarem futebol, na hora do intervalo. A primeira Assembleia dos alunos, depois de 2010, foi realizada no início do mandato do Grêmio de 2014, com ampla divulgação. Apesar disso, houve apenas uma adesão – a Assembleia tinha como objetivo apresentar os integrantes do Grêmio e melhorar os horários da quadra que foram determinados pelo Grêmio anterior e não foram respeitados (provavelmente por não termos consultado os alunos antes da publicação dos horários do uso das quadras).

A 2ª Assembleia foi feita pela necessidade de os alunos conhecerem todos os integrantes do Grêmio de 2014, só que dessa vez, a assembleia foi marcada 15 minutos antes do horário de saída da escola. Como preparação (pré-assembleia) foi pedida a liberação dos alunos no horário determinado, requisitamos o empréstimo de recursos de som (como microfone e amplificador). A assembleia foi realizada com sucesso, houve grande adesão dos alunos, uma media de 60 estudantes.



Eis a 3ª Assembleia. Para tentar solucionar a confusão sobre o assunto Futebol, iniciamos o ano fazendo uma pesquisa sobre o que os alunos (da escola inteira) queriam jogar no intervalo. Passamos em todas as classes separando os votos por série e sexo; também perguntamos porque alguns alunos não jogam futebol no intervalo, muitos diziam (principalmente meninas e os mais novos do ciclo) que alguns alunos mais velhos do ciclo não os deixavam jogar ou, quando deixavam, eles ouviam palavras desafortunadas, que acabava intimidando-os. Até onde temos liberdade? Para que servem as leis? O que são princípios? Será que para torcer é necessário xingar? Ou mesmo bater? Estas eram algumas das perguntas feitas nas rodas de conversa. Já o basquete, na escola, fluía bem melhor, todos podiam jogar e não havia limites quanto ao número de jogadores. Os principais esportes eram: futebol, basquetebol, voleibol, havendo também o interesse de utilizar a quadra como Livre (na hora que escolhe); no segundo mandato, no ano de 2014, pedimos para os alunos bolarem projetos para os horários da quadra. Na assembleia (dessa vez, esta foi marcada no horário da reunião do Grêmio), em vez de eleger a melhor proposta, integraremos todas elas. E colaremos o texto integral do projeto em todos os espaços da escola.

A 4ª Assembleia teve o objetivo de estabelecer os horários da quadra. A maioria dos alunos expressou sua opinião na Assembleia (uma média de 35 alunos) e os horários puderam ser determinados e amplamente utilizados, até hoje.

O motivo de a 5ª Assembleia ter sido convocada foi a briga de dois alunos na quadra.

6ª Assembleia: Os integrantes do Grêmio passaram em todas as classes da escola falando sobre o ECA solicitando, como lição de casa, que os alunos dessem uma olhada no Estatuto da Criança e do Adolescente. Aproveitaram para convidar os alunos para uma assembleia

com o Grêmio sobre o assunto. (Obs.: 90% dos alunos nunca tinham ouvido falar sobre o ECA.)

7ª Assembleia: O Grêmio passou novamente em todas as classes nos turnos da tarde e da manhã, após o dia da assembleia marcada, perguntando sobre o interesse dos alunos no ECA e chamando para uma nova assembleia. (Obs.: apenas 1% dos alunos demonstrou interesse.)

8ª Assembleia: Para nossa terceira assembleia sobre o tema Redução da Maioridade Penal, chamamos um representante de cada classe e convidamos os advogados do Projeto Pé na Escola*, que fizeram uma oficina sobre o tema. A discussão foi levada depois para todas as classes.



- OS ADOLESCENTES JÁ SÃO PUNIDOS PELOS SEUS ATOS.
- AS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS NÃO SÃO EXECUTADAS CORRETAMENTE.
- A PREVENÇÃO NÃO É ADEQUADA: HÁ FALTA DE EDUCAÇÃO, CULTURA, LAZER E ~~IN~~ INFORMAÇÃO.

- MELHORAR AS INVESTIGAÇÕES.
- COMBATE À ~~VIOLÊNCIA~~ POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL.
- DIMINUIÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS.
- A MELHORA DE ORGÃOS LIGADOS AOS JOVENS INFRATORES, NOS QUESTITOS DE: REINTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE, DIMINUIR OS PRECONCEITOS COM EX INTERNOS, OFERECIMENTO DE OPORTUNIDADES ~~PARA~~ ATRAVÉS DA

PROFISSIONALIZAÇÃO.

- A CONSTITUIÇÃO PREVÊ QUE NÃO SE PODE REDUZIR OS DIREITOS INDIVIDUAIS JÁ PREVISTOS (PROTEÇÃO INTEGRAL: FÍSICA, MENTAL, MORAL, ESPIRITUAL E SOCIAL)
- O BRASIL É UM DOS PAÍSES ONDE MAIS JOVENS SOFREM COM A VIOLÊNCIA.
- NO BRASIL, APENAS 1% DOS CRIMES SÃO COMETIDOS POR JOVENS. DESSES, APENAS 10% SÃO CONTRA A VIDA.
- NOS PAÍSES ONDE SE REDUZIU A MAIORIDADE PENAL, NÃO SE REDUZIU A VIOLÊNCIA (EX. EUA, ESPANHA)
- NA CADEIA O ÍNDICE DE REINCIÊNCIA É MAIOR E AS CONDIÇÕES PIORES.

Conferência Livre 26/9/2014

Pré-encontro (para XIII Semana do ECA) organizado pelo FOCA Butantã – Fórum da Criança e do Adolescente do Butantã. Momento em que a funcionária Terezinha Maria convida os gremistas para participar e os alunos da região se reúnem para discutir diversos temas, dos quais foram escolhidos um desses dez temas a seguir: 1. Grêmios estudantis – A escola que temos é a escola que queremos?; 2. Redução da Maioridade Penal; 3. Genocídio da Juventude Negra; 4. Violência familiar doméstica. 5. Legalização da Maconha; 6. Direito à cidade; 7. Jovem aprendiz – profissionalização e direito ao trabalho; 8. Moradia; 9. Arte, Cultura e Lazer; 10. Orientação Sexual. Escolhemos o tema: Redução da Maioridade Penal. Nosso Grêmio, junto com alunos do Ensino Médio:, discutiu, confeccionou cartazes, selecionou pré-delegados para XIII Semana do ECA (**Obs.:** todos os integrantes do Grêmio de nossa escola, presentes nesta conferência, tornaram-se pré-delegados); apresentou as propostas discutidas no grupo do tema para todos os presentes na conferência e trocamos contatos.

Preparação do Grêmio para XIII Semana do ECA

Levamos os dez temas da Conferência Livre para as rodas de conversa. Como não ficou claro para nós como seria a XIII Semana do ECA, pensamos em algo parecido com a Conferência Livre.

Os métodos de divulgação utilizados pelo Grêmio são: passar em todas as classes, colocar cartazes na escola, entregar panfletos e sempre publicar no Facebook (para alunos, pais, e professores). Para os pais incentivarem seus filhos, postamos no e-mail da comunidade Amorim e, quando tem reunião de pais, nós os informamos. No caso

dos professores, eles são informados na Sala dos Professores e na JEIF (Jornada Especial Integral de Formação). Para um maior alcance, fazemos a comunicação ao Conselho de Escola. E cada integrante do Grêmio fala particularmente com os alunos.

Rodas de conversa (até 2013)

Segunda-feira: roda de acolhimento. Terça-feira: grupos de responsabilidades. Quarta-feira: roda de conversa livre.

Quinta-feira: roda de conversa nas tutorias.

Sexta-feira: roda de atualidades, discussões sobre notícias trazidas pelos alunos (como, por exemplo, “Onde está o Amarildo?”).

Como a Festa da Cultura (o evento mais importante da escola) de 2014 foi sobre o tema “Os povos originários do Brasil. Sempre repleto de conhecimentos”, este foi o tema principal das rodas de conversa, transportando os alunos para dentro de todos os acontecimentos e batalhas, como a PEC 215*.

Foram temas das rodas também outras discussões, aprofundadas pela professora Cleide Portis, com os seguintes temas: Cultura massificada, a ditadura militar (lembrando que em 2014 houve a comemoração de 20 anos do fim da ditadura militar no Brasil e a (des-)comemoração de 50 anos do início da ditadura), havendo até a proposta de uma das professoras para um manifesto da atual ditadura, como, onde, quem usa boné e corrente é considerado por um pré-conceito “trombadinha”, Etnocentrismo, entre outros. Até onde temos liberdade? Temos liberdade até quando não estivermos prejudicando o próximo.

Grupos de Responsabilidades: no início os professores organizavam os Grupos de Responsabilidades para decidir sobre vários temas. E cada

aluno escolhia um deles para participar. O Grêmio distribuía pelo menos um integrante para cada Grupo de Responsabilidade. Os grupos eram: Comunicação, Salão, Festas e Eventos, Saraus, Banheiros etc.

3. Atividades de Consolidação (Impacto)

O Grêmio compõe o Conselho de Escola no seguimento dos alunos e participa dos encontros do FOCA em seu projeto de participação política. Realiza Assembleias de Alunos para o aprimoramento do convívio escolar. Tem parceria no “Projeto Comunitário Rios e Ruas”, que realizou um dia de esportes para o Dia dos Pais, com grande adesão. Participa da AEL (Academia Estudantil de Letras), em seus projetos literários. Em seus projetos musicais e artísticos, estimularam e organizaram vivências de saraus, como o dia de comemoração de 100 anos de Mário de Andrade e as atividades em que alunos integrantes do grêmio passaram nas classes tocando e cantando. Divulga seus trabalhos em entrevistas quando solicitado, como ocorre, por exemplo, na TV Futura. O Grêmio promove rodas de conversas que também estimulam a autonomia e o protagonismo dos estudantes, e o convívio integral na escola por meio do exercício da cidadania e dos Direitos Humanos. É reconhecido pelo Conselho Escolar com registro em ata.

No primeiro mês, os alunos estavam tímidos, a maioria dos cartazes foi arrancado, na medida em que nós nos integrávamos, a partir de Assembleias, rodas de conversas, grupos de responsabilidades, a chamada periódica dos alunos para participação do Grêmio, as passadas nas classes continuamente (sempre em todas as vezes convidando para reunião do Grêmio) os alunos foram se envolvendo com diversos temas.

O impacto da 3ª Assembleia, logo depois da colocação dos cartazes, na primeira semana, fez com que todos fossem arrancados. No dia em que o 5º ano poderia utilizar a quadra, dez alunos do 9º ano queriam usá-la. Os alunos da 5º ano me chamaram para resolver a questão, então expliquei para eles que não existem direitos individuais nem da maioria, que a questão da quadra havia sido decidida em Assembleia. Quem não compareceu na reunião perdeu a oportunidade de expor suas ideias, entre outros argumentos. Quando estava ao lado da sala dos professores, aqueles dez alunos me cercaram, e um deles um começou a esbravejar:

— Ele tirou a nossa quadra!

E os outros concordavam:

— É isso mesmo!

Os alunos começaram, ao mesmo tempo, a me estapear e me esmurrar. Argumentei com eles:

— Dá licença!

O ato violento ocorreu de novo, uma funcionária da escola estava perto e falou:

— Sai daí, para de encher o saco!

— É, vocês não têm o que fazer?, reforcei.

Foi então que eles se dispersaram, e aí eu consegui sair de lá.

No geral, o impacto das ações trouxe melhorias no convívio da relação entre professores, pais e alunos. E a legitimação dos estudantes da escola em relação ao Grêmio. Trouxe também uma maior maturidade para todos os integrantes do Grêmio, em todos os aspectos, principalmente no âmbito social, aumentando o círculo de amizades dos participantes.

Registros em Ata com falas de gremistas em algumas das reuniões do Conselho de Escola

Antes de relacionar as presenças do Grêmio nas reuniões do Conselho, o ex-aluno da escola Vitor Murano relata que “em 2005 ocorreu duas Assembleias para discutir os problemas da escola exclusivamente com os alunos. A iniciativa deu errado, mas abriu precedentes para mais participações discentes na escola”. E que, “em 2007, houve uma reunião com os representantes de todas as tutorias que discutiam os problemas da escola e os direcionavam para o Conselho Pedagógico, evidenciando, portanto, a participação dos alunos na construção do projeto da Escola”.

14/09/2011 – Registro de que havia um Grêmio ativo, representado por Larissa Docal Spina, que discutia assuntos como sala de informática, materiais para aulas de Educação Física, espaço do rádio, horário de funcionamento da biblioteca, reivindicando horários inclusive nos finais de semana.

04/04/2012 – Os pais questionam sobre a necessidade da ação do Grêmio e demonstram interesse por este assunto.

06/06/2012 – Participação dos estudantes e dos representantes de classe na Festa Junina.

20/03/2013 – “(...) os alunos do período da manhã estão formando um Grêmio e já estão realizando duas reuniões semanais, das 12h30 às 13h00.”

03/04/2013 Mauro (Grêmio) informou que se inicia a divulgação por meio de cartazes, apesar de eles terem sido arrancados. Houve a sugestão dos pais para que a divulgação fosse feita presencialmente em todas as classes.

05/06/13 – Informes do Grêmio: “Grêmio Estudantil Campanha/ eleição – Chapa única”.

07/08/2013 – “Grêmios arrecadou 400 reais – reflexões sobre as possibilidades de ações do grêmios”; 04/12/13 – “Grêmios: espaço e organização material”.

12/03/14 – “O Grêmios e o conjunto de estudantes reivindicaram a participação discente no processo de escolha do tema da Festa da Cultura, tema este que será objeto de estudo durante vários meses até a realização da festa. Surgiram propostas para o processo de escolha do tema:

Propositor Sávio (estudante do 8º ano e representante do Grêmios no Conselho): Trouxe a proposta que foi discutida e elaborada entre o conjunto de estudantes do Grêmios (principalmente alunos do período da manhã). A proposta consiste no levantamento prévio dos temas de interesse do coletivo de estudantes – escolhidos cinco temas de pertinência pedagógica junto aos educadores – esses cinco temas seriam votados pelo conjunto de estudantes da escola. A reunião segue com a divulgação do processo eleitoral do Grêmios, que se iniciou no dia 26 de março com uma discussão para sensibilizar e mobilizar os estudantes para a participação e a formação de chapas. Após duas semanas, ocorreram as inscrições dessas chapas. E, por fim, a eleição (processo este pensado e organizado pelos membros do Grêmios de 2013). Indicativo de realização de rodas de conversa sobre o tema Grêmios, funções e importância na Escola.

02/04/2014 –Pauta: Definição de um horário-limite para encerramento das reuniões do Conselho de Escola. Resolução tomada: Será adotado como horário referencial de encerramento 21h30min, e as pautas trazidas pelo corpo discente serão prioridade.”

“Pauta: Elaboração de um projeto de conscientização e educação a respeito do uso do espaço da escola para os alunos, a ser realizado

pelas tutorias. Resolução tomada. Sugestões levantadas: levantamento dos itens do banheiro que necessitam de manutenção; transformar as tutorias em minifóruns; grupos de responsabilidade (projeto executado no passado); restabelecimento das assembleias de alunos; Grêmios como foco irradiador do projeto. Foram levantados também outros temas, pelo Grêmios, nesta reunião.”

06/08/2014 – Aluno José (Grêmios) faz perguntas sobre anotações de registros de roda de conversa, correção de roteiros. O aluno Sávio (Grêmios) cita falta de contato com o coordenador e solicita saber que momento e horário essa aproximação pode ser feita. Vinícius (gremista) relata que em sua tutoria os planos de estudos não são cobrados. Cita que algumas rodas de conversa são vazias no que se refere ao conteúdo discutido. A aluna Gabriela comenta que no Ciclo I os Planos de Estudo eram cobrados e que isto não ocorre no Ciclo II. Que deveria ser solicitado, como no Ciclo I, ao menos 15min antes do fim de cada aula.

03/12/14 – O Grêmios participou, em reunião do Conselho, da discussão sobre o uso de talheres nas refeições da escola, entre outros assuntos.

Em uma das reuniões do Grêmios, discutimos a Carta de Princípios da nossa escola, lembrando que não se trata de leis, mas sim de princípios.



4. Perspectiva de continuidade: Mais projetos em andamento

- ➔ Bebedouro.
 - ➔ Fórum dos alunos com escolas da região.
 - ➔ Bicletário.
- 

- ➔ Skatário/grupo de *skate*.
- ➔ Local para guardar bolas do grêmio.
- ➔ Festa e mutirão da horta.
- ➔ Apoio aos povos originários para a demarcação das terras indígenas.
- ➔ Parceria no projeto de reforma da biblioteca e arquitetura do jardim da biblioteca.
- ➔ Pintura das linhas da quadra.
- ➔ Cesta de basquete de aço.



Fontes

<<http://amorimlima.org.br/>>

<<http://www.penaescola.com/>>

<<http://rioseruas.com/>>

Livro Ata do Conselho de Escola Amorim Lima, criada em 4 de maio de 2011. Caderno Ata do Grêmio“



Você, que é pai, mãe ou responsável, incentive seus filhos(as) a participarem do Grêmio, porque a participação deles é muito importante para a escola e para a sociedade.

Agradeço a Deus e aos santos de todas as religiões por estarem ao meu lado lutando para um mundo melhor.

Agradeço primeiramente à diretora Ana Elisa Siqueira, por acreditar nas crianças e nos adolescentes.

À minha mãe Ariádine Benetom de Campos, conselheira do Conselho de Escola, que incentivou a inscrição ao II Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos.

Aos meus queridos professores(as): Professores(as) – Cleide Portis; Ednéia Moresse; Eliete Maria; Elisangela Almeida; Flavia Moretti; Gisele Teixeira; Ibsen; Joana Alves; José Evandro; Lilian Regina; Luccas; Luciana Caparro; Maria Eugenia; Maria Isabel; Maria Silva; Marymar Crepaldi; Monica Brandão; Cristina Morales; Wesley; Geise Costa Grangeiro; Flávia; Mestre Alcides; Rafael Agena; Rodrigo de Souza e Silva; Simone Paier; Vilma Cristiane; Coord. Ped. Renata; Caroline; Assistentes – M. Aparecida Monge(Cidinha); Midori Hawakawa; Secretario – Douglas Boni; Fernando; Teresinha Maria; Marilda; Mirna; Regina; Débora.

À toda a comunidade da Escola Desembargador Amorim Lima.

Ao meu irmão Saulo, também do Grêmio, que esteve presente comigo em todas as etapas de construção deste projeto.

Aos meus avós João José (Prof. Tutu) e Nair, fontes de cultura e sabedoria.





Categoria 4: Grêmios Educacionais

3º Lugar

PROJETO CONVIVÊNCIA CIDADÃ

Autor:

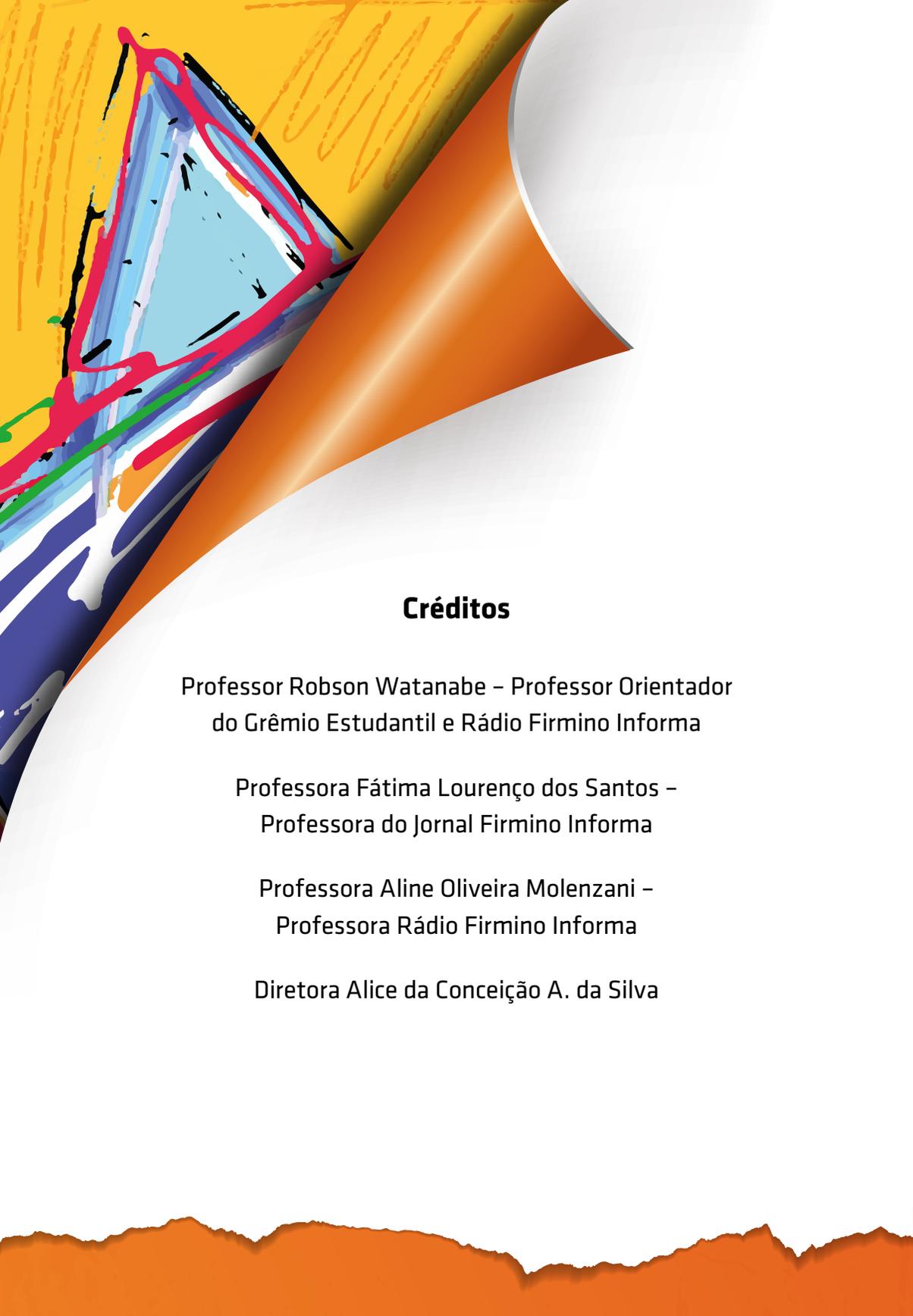
Robson Teruo Watanabe

Nome do Grêmio:

Grêmio Estudantil Unidos do Firmino

Unidade Escolar:

**EMEF Firmino Tibúrcio da Costa
(DRE Penha)**



Créditos

Professor Robson Watanabe – Professor Orientador
do Grêmio Estudantil e Rádio Firmino Informa

Professora Fátima Lourenço dos Santos –
Professora do Jornal Firmino Informa

Professora Aline Oliveira Molenzani –
Professora Rádio Firmino Informa

Diretora Alice da Conceição A. da Silva

1. O que é o projeto

O Projeto “Convivência Cidadã”, idealizado a partir da necessidade de integrar os alunos da EMEF Firmino Tibúrcio da Costa, facilitando a convivência deles e ainda considerando os princípios estabelecidos em nossa proposta pedagógica – a ética, o respeito, a solidariedade, a cooperação, a integração e autoestima – estão compostas em três modalidades integradas: o “Grêmio Estudantil Unidos do Firmino”, Rádio “Firmino Informa” e o Jornal “Firmino Informa”.

O projeto visa proporcionar aos alunos uma articulação entre as áreas do conhecimento e a construção da cidadania por meio de conceitos vivenciados no cotidiano deles, bem como ampliar seus conhecimentos de diferentes formas de aprendizagem, numa concepção de que é possível construir uma escola como espaço educativo de vivências sociais e a convivência democrática. Isso por meio dos seguintes objetivos:

- ➔ Identificar e analisar diferentes situações cotidianas que estejam relacionadas a preconceitos étnicos, religiosos e de gênero.
- ➔ Reconhecer e valorizar a diversidade, que estão intrinsecamente ligadas ao respeito ao outro, com suas crenças, credos e valores.
- ➔ Compreender e identificar os desafios políticos, econômicos e sociais diante da realidade vivenciada de cada aluno.
- ➔ Compreender a relação entre a diversidade e os Direitos Humanos.
- ➔ Conhecer as diferentes manifestações culturais e suas influências na construção da identidade de um povo.

- ➔ Promover um momento de reflexão e pesquisa relacionando-o à vida cotidiana.
- ➔ Levar à reflexão de temas atuais de forma crítica, com perspectiva da construção de uma nova leitura de mundo.
- ➔ Contribuir para uma vivência escolar mais saudável, por meio da formação de representação de alunos com a participação significativa de todos, promovendo a organização de tomada de decisões.
- ➔ Promover a participação significativa de todos e organização para a tomada de decisões.
- ➔ Promover a socialização e a divulgação de informações e notícias, por meio de recursos audiovisuais.



2. Por que o projeto foi realizado

O Projeto Convivência Cidadã surgiu em 2010, a partir da ideia de dinamizar as Reuniões de Pais e Mestres, trazendo alguns temas, dentre eles o que se trata dos direitos e deveres estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Durante a exposição, sentiu-se a necessidade de um trabalho que aliasse o esclarecimento sobre o ECA e ainda um movimento junto aos alunos que abordasse valores e cidadania. Assim, surgiu a possibilidade de formatar um projeto que a princípio teria como resultado a formação de alunos que pudessem ser multiplicadores de valores positivos, utilizando-se da mediação e de órgãos representativos, como os representantes de sala e o Grêmio Estudantil.



Durante o ano, os alunos que participaram do projeto passaram a discutir temas como: Direitos e Deveres, Representatividade, Protagonismo Juvenil, Cidadania, Valores, Diversidade, Respeito e Dignidade Humana, com a perspectiva de alternativas para futuras ações na Escola e na Comunidade.

Dessa forma, surgiram como possibilidade de interação entre os alunos a criação do Jornal e Rádio “Firmino Informa”, nome esse eleito pelos próprios alunos, o que ocorreu também como o nome do Grêmio Estudantil “Unidos do Firmino”.



3. Como o projeto foi desenvolvido

O Projeto “Convivência Cidadã”, diante do qual foi discutido com os alunos e famílias nas reuniões e encontros do início do projeto, passou por uma ampliação, agregando o Grêmio Estudantil “Unidos do Firmino”, Jornal e Rádio “Firmino Informa”. Os alunos então foram se candidatando aos grupos do Jornal, da Rádio e da Comissão Pró-Grêmio. O projeto foi organizado pelas Professoras Aline Oliveira Molenzani e Fátima Lourenço dos Santos (Rádio “Firmino Informa”) e Professor Robson Teruo Watanabe (Rádio e Jornal “Firmino Informa” e Orientação ao Grêmio Estudantil).

A Rádio e o Jornal foram sendo organizados e desenvolvidos partindo da história dos meios de comunicação no Brasil e no mundo, passando por temas como: possibilidades e limites, cidadania, informação e ética, diversidade e preconceito, diferentes tipos de linguagens, ortografia e comunicação. Até o final do ano, os alunos conseguiram estabelecer, ainda de forma bastante simples, algumas edições do Jornal no Mural e a gravação e transmissão de programas durante os intervalos da Escola.



A Comissão Pró-Grêmio organizou a primeira eleição para a Diretoria do Grêmio Estudantil “Unidos do Firmino”, recebeu a inscrições das três chapas candidatas (GMF, Quente e Black Space), fiscalizou a campanha e acompanhou a votação dos alunos, resultando na vitória da Chapa Quente, com total de 241 votos de um total de 592 votos; as demais chapas tiveram 214 votos para GMF e 127 para a Black Space, e ainda 10 votos em branco ou nulos.

Durante o ano de 2011, o Grêmio participou dos eventos da escola (Festa Junina, *Show* de Talentos, entre outros), bem como foi discutido assuntos relacionados a representatividade e participação nas decisões do cotidiano escolar. Assim, a atuação do Grêmio foi bem pontual, sem muita iniciativa própria, precisou de incentivo e da contribuição efetiva do Professor Robson Teruo Watanabe, Orientador do Grêmio Estudantil. Deixaram inclusive de organizar as eleições para o próximo ano que, em comum acordo com a direção, professores e alunos, ficou decidido manter a mesma diretoria, para que esta pudesse amadurecer sua atuação e discussão sobre temas relevantes ao Grêmio.

Em 2012, a mesma diretoria se comprometeu a uma efetiva atuação, mas, ainda assim, faltava iniciativa e até mesmo vontade de muito dos integrantes da Diretoria, acarretando ausência nas discussões e falta de compromisso com as atividades escolares. O Rádio e o Jornal “Firmino Informa” foram se consolidando, com grupos do Ensino Fundamental II, e foram estes grupos que atuaram de forma efetiva nos eventos da escola, com sucesso, dedicação e elogios.

Em 2013, a princípio pensou-se numa reestruturação do projeto, principalmente relacionado ao Grêmio, que voltaria a estaca zero passando a ser discutidas alternativas para que os alunos pudessem entender o conceito de representatividade e suas obrigações. Nesse sentido, o trabalho seria iniciado com o acompanhamento das reuniões

de representantes de classe, e foi em uma dessas reuniões que novamente surgiu o anseio dos alunos em eleger uma nova Diretoria, que até então não estava previsto para este ano.

Assim, o grupo formado pela Rádio passou a organizar a Comissão para a eleição da Diretoria 2013 do Grêmio Estudantil “Unidos do Firmino” e, por iniciativa dos alunos, foram formadas três chapas candidatas: “Quente”, “Não sei o nome” e “A melhor opção pra você”. A campanha foi acompanhada pelo Professor Robson Teruo Watanabe e pela Rádio que ajudou na divulgação e acompanhou todo o processo eleitoral. Chegou-se ao seguinte resultado: Chapa “Quente” com 247 votos, seguido da Chapa “Não sei o nome” com 223 votos e “A melhor opção pra você” com 17 votos. A chapa vencedora organizou-se para estabelecer seu plano de ação com encontros semanais para discutir assuntos relevantes ao cotidiano escolar.

A diretoria eleita passou atuar de forma mais ativa, com participações nas decisões e organização da Unidade Escolar, bem como em eventos realizados pela Diretoria Regional de Ensino e outros órgãos do município de São Paulo. O grupo reunia-se todas as sextas-feiras, discutindo sempre um tema atual e de relevância, sempre na busca da construção da identidade e do protagonismo dos alunos.

A primeira participação foi na Oficina da Conferência Infantojuvenil – “Escola Sustentável”, que aconteceu no CEU Aricanduva, onde foram discutidos de que forma o Grêmio e a toda a Unidade Escolar pudesse tornar esta uma escola sustentável, compartilhando o que aprenderam para os demais alunos.



Oficina da Conferência Infantojuvenil “Escola Sustentável”.



Participação com dúvidas e sugestões de temas para a Conferência.

O Grêmio atuou ainda na discussão e na organização dos eventos internos, como a Festa Junina, ao qual ficou responsável por arrecadação de prendas para uma barraca. Ainda contribuiu com o Projeto Halloween, ensaiando com os alunos do Ciclo I, bem como auxiliando as professoras de inglês sempre que solicitado.



Ensaios para os eventos do Projeto Halloween.

Outros eventos tiveram a participação de integrantes do Grêmio Estudantil, como a visita a ETEC Martin Luther King ao Museu da Imagem e do Som, e com destaque para atuação no I Encontro de Grêmios Estudantis da DRE – Penha, que ocorreu no Parque do Belém.



Visita a ETEC Marthin Luther King.



I Encontro de Grêmios Estudantis da Diretoria Regional Educação da Penha.



Participação no debate de temas do cotidiano escolar.



Visita ao Parque Belém.

Os alunos ainda participaram da oficina do Teatro do Oprimido, que pode trazer aos alunos, além da realização de um belíssimo espetáculo que apresentaram no CEU Quinta do Sol conforme a própria dinâmica das oficinas, buscar possibilidades para resolver um conflito real dramatizado por eles na peça, que tinha como tema a violência doméstica.



Ensaio da apresentação Teatro do Oprimido.



Cena que retrata a violência doméstica.

Todas as atividades tinham o acompanhamento e a orientação do Professor Robson Teruo Watanabe, orientador do Grêmio, que realizou intervenções apenas quando fosse necessário, os temas dos encontros, o que deveria ser colocado em pauta nas reuniões, bem como quais seriam suas atribuições em cada ação do Grêmio fica a cargo de sua Diretoria, bem como a elaboração de proposta a ser encaminhada para a Gestão ou outro órgão.

4. Pontos positivos do projeto para a escola e/ou comunidade

O projeto trouxe outra vivência aos alunos, que passaram a ter contato com o processo democrático de eleições, discussões e reflexões de temas que vem ao encontro das necessidades e possibilidades dos alunos, da comunidade escolar e das famílias, trazendo novas visões e possibilidades.

Essa mudança acaba levando, a longo prazo, numa mudança de postura e comportamento ligados a uma cultura de paz, cidadania e solidariedade. Que irá refletir no cotidiano dos alunos, que passaram a ser integrantes do projeto, seja no Grêmio Estudantil “Unidos do Firmino”, na Rádio e Jornal “Firmino Informa”.

Chance de continuação do projeto

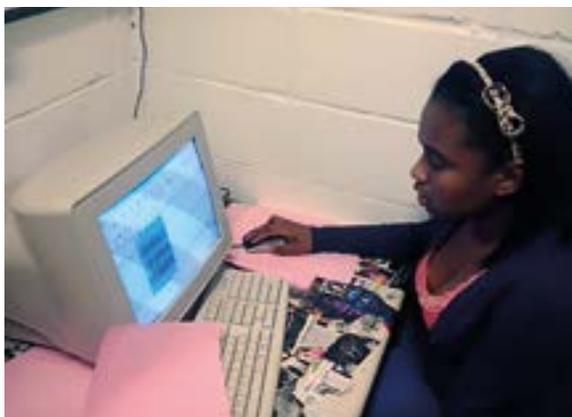
A continuidade do Projeto “Convivência Cidadã” está garantida por meio da inclusão deste no projeto político-pedagógico da Unidade Escolar, bem como o desejo dos alunos em continuar e o envolvimento dos professores para o sucesso do Projeto. Assim, uma nova diretoria do Grêmio Estudantil “Unidos do Firmino” foi eleita, bem como garantida a formação dos grupos de Rádio e do Jornal “Firmino Informa” para 2014.



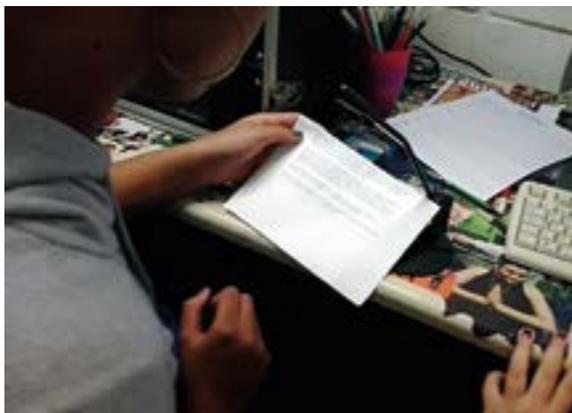
Rádio Firmino Informa.



Produção, gravação e edição de programas.

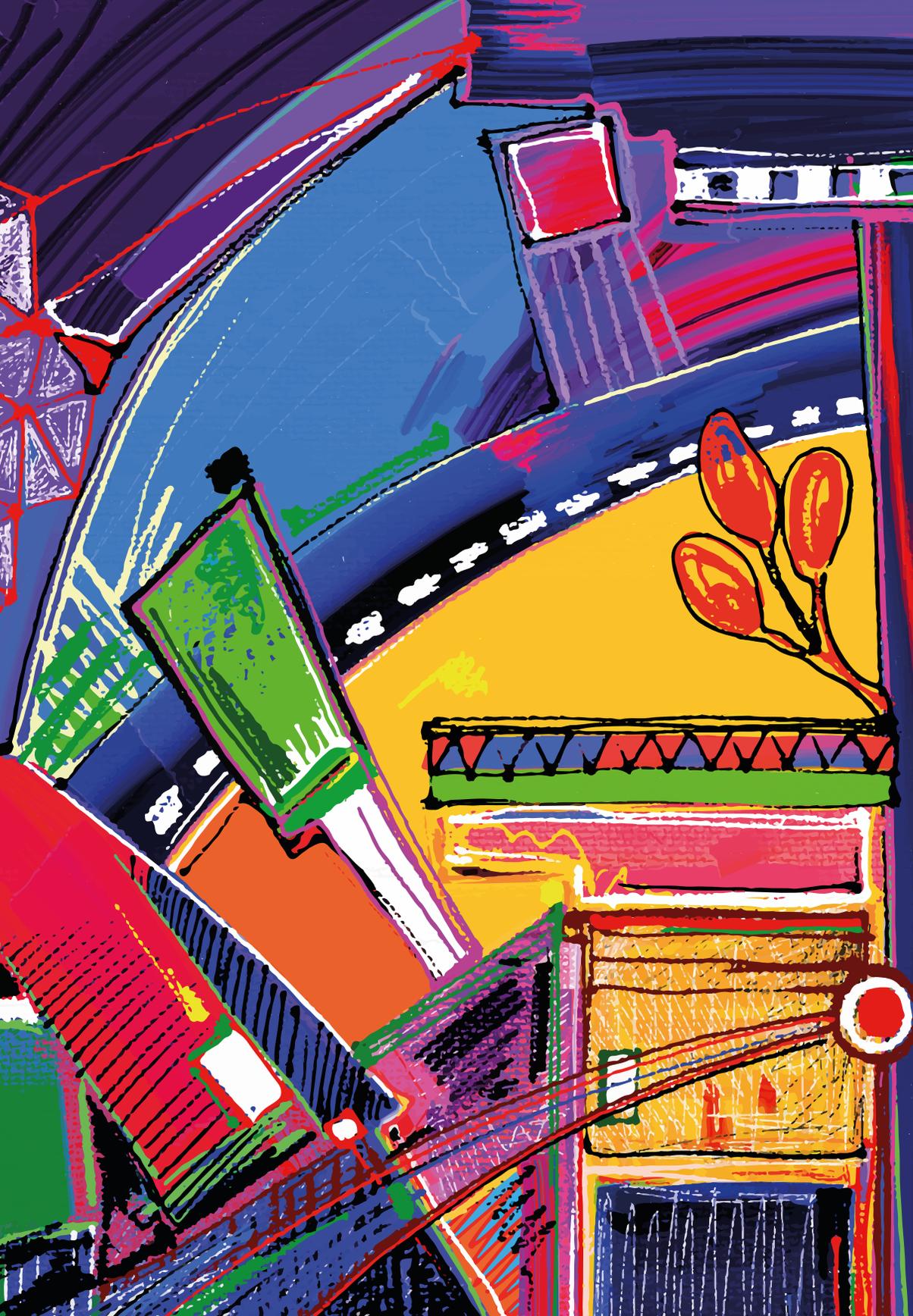


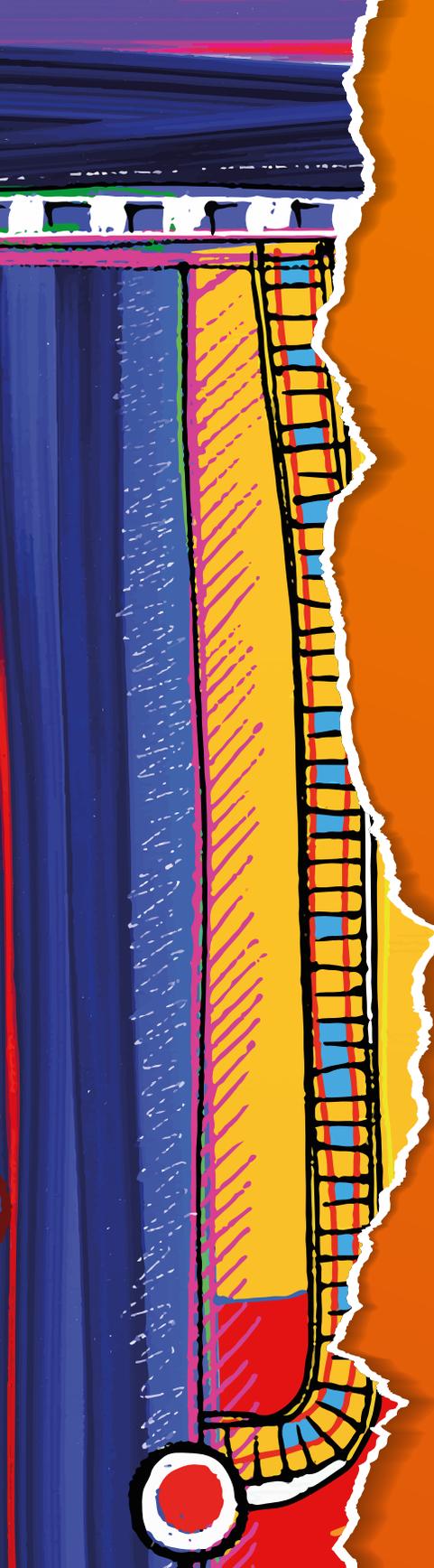
Jornal Firmino Informa.



Debate e produção do jornal.







Categoria 4: Grêmios Educacionais

Menção Honrosa

BICICLETÁRIO

Autoras:

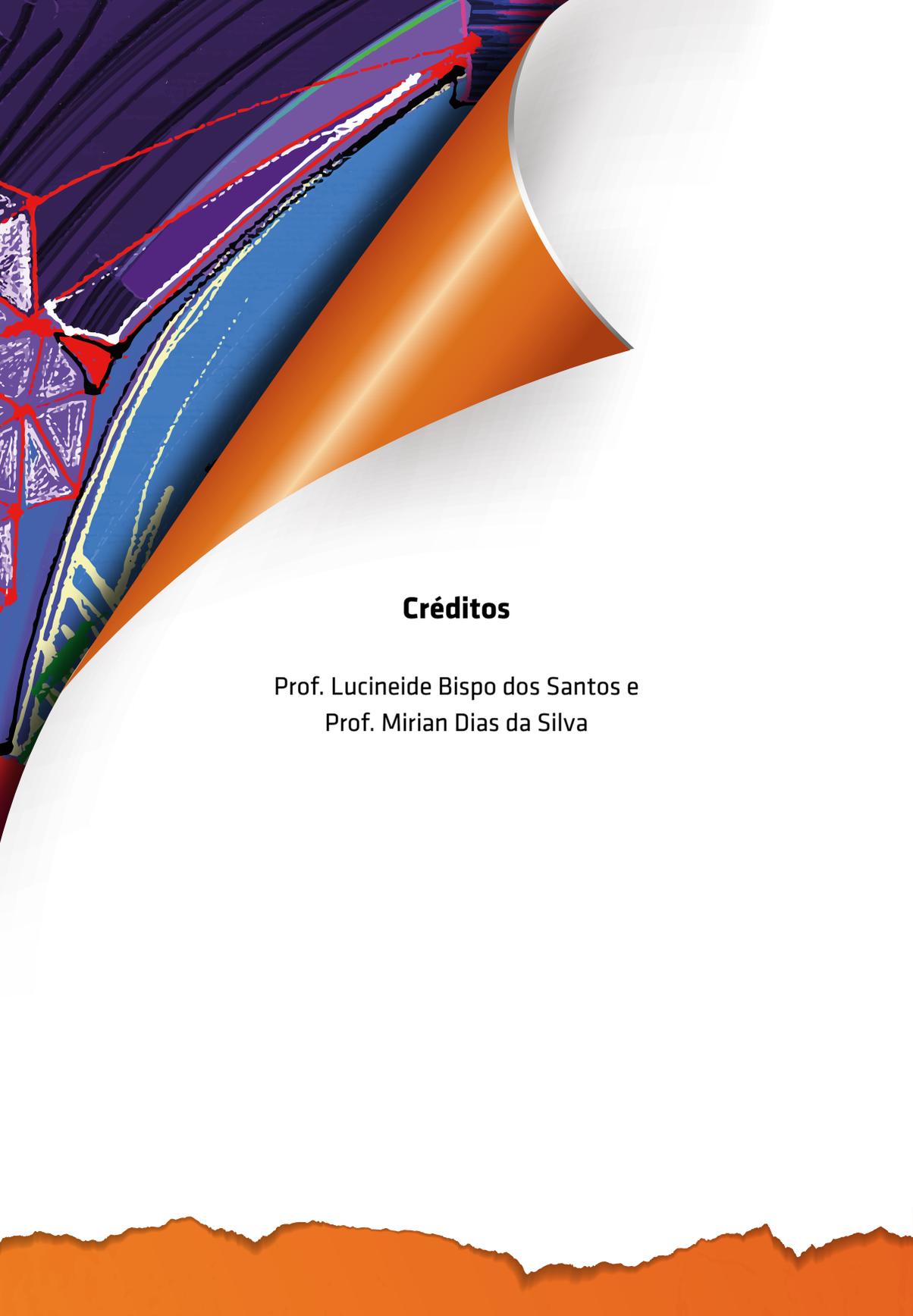
**Lucineide Bispo dos Santos
Mirian Dias da Silva**

Nome do Grêmio:

Grêmio Protagonismo Juvenil

Unidade Escolar:

**EMEF Visconde de Cairu
(DRE Penha)**



Créditos

Prof. Lucineide Bispo dos Santos e
Prof. Mirian Dias da Silva

1. Apresentação

O Projeto Bicletário veio ao encontro dos anseios e das necessidades apontadas pelos estudantes durante a IV Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente desenvolvida durante o ano de 2013, como a proposta vencedora.

2. Justificativa

A bicicleta é um meio de transporte sustentável que não emite gases que poluem a atmosfera do planeta. O transporte por bicicletas deve ser incentivado em áreas apropriadas e abordado como meio de transporte para as atividades do cotidiano, com o objetivo de promover o lazer ciclístico e a conscientização ecológica.

3. Metodologia

O projeto surgiu das discussões entre os estudantes em como transformar o ambiente escolar mais sustentável e ecologicamente correto.

Foram realizados vários debates para levantamento das necessidades e realizadas votações para definir qual projeto colocaríamos em prática durante o ano de 2014.

O grêmio estudantil participou de todas as fases do projeto, desde as discussões até a implantação do bicicletário, pois seus componentes entraram em contato com o subprefeito, antigo morador do bairro, e reivindicaram a implantação deste dentro do espaço escolar.

O bicicletário já foi instalado, e atualmente estamos em fase de divulgação deste para uso dos alunos e da comunidade.



4. Potencial de impacto

A escola e a comunidade só terão benefícios com a implantação do bicicletário, pois sua utilização será feita por alunos, professores, pais e demais funcionários da Unidade Escolar, durante sua permanência na escola.



5. Perspectiva de continuidade e sustentabilidade do projeto

O projeto realizado será de uso permanente da comunidade escolar, bastando para isso o uso da bicicleta, em que seu proprietário deverá trazer sua própria corrente e cadeado para sua guarda e segurança.

A escola recebeu da subprefeitura 30 bicicletas feitas com bambu para empréstimo a alunos/comunidade escolar.











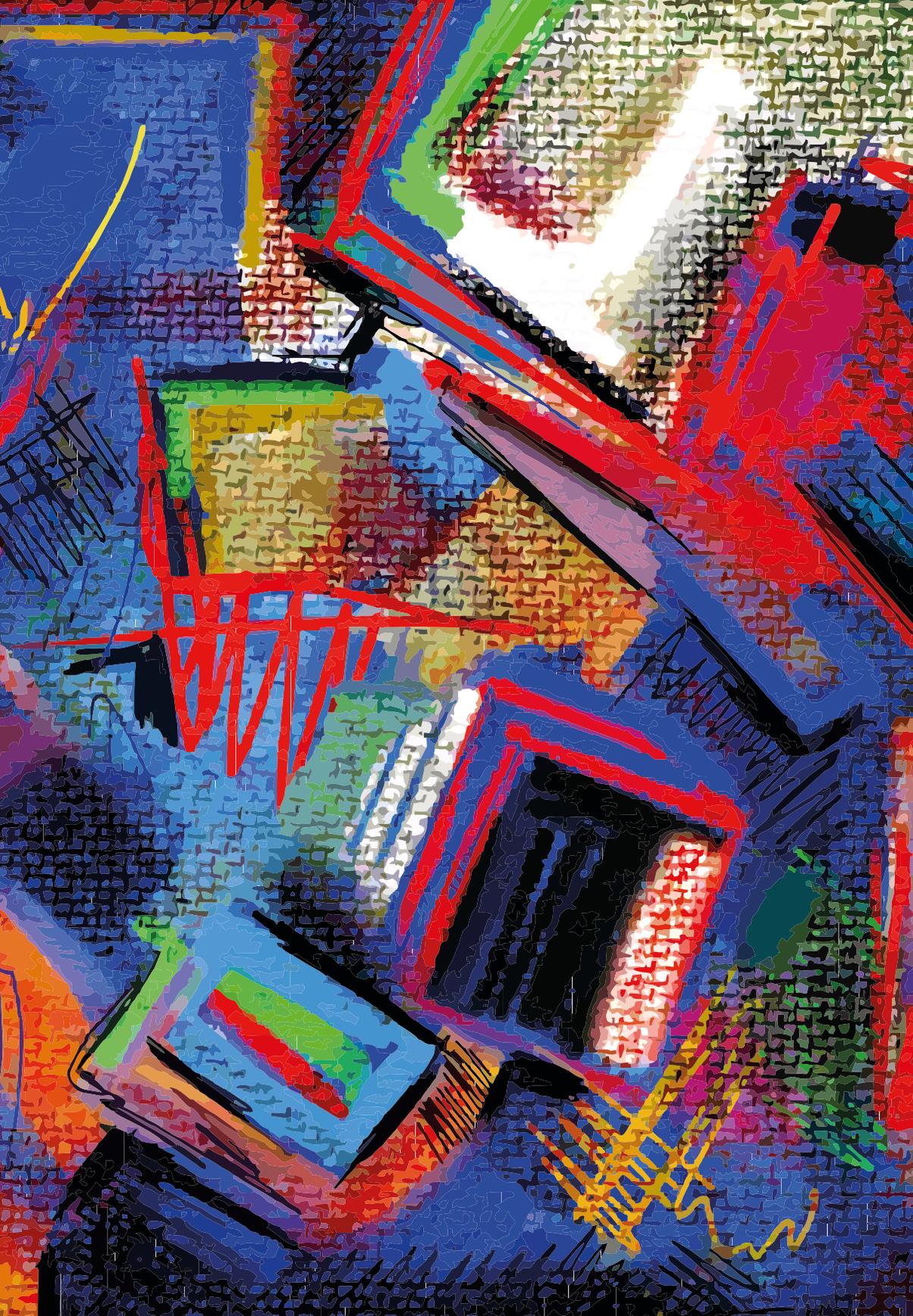
MELVIN



FREE
WARRANTY



VENDO
MIRAZZA





PALAVRAS FINAIS

Maria Victoria de Mesquita Benevides



Queridas e queridos Professores, Gestores, Funcionários, Estudantes, Membros da comunidade escolar e Colegas da Educação,

Estamos juntos, nesta ocasião, porque decidimos nos colocar ao lado de quem escolhe, na vida, a luta pelo reconhecimento da dignidade de todos, da liberdade, da igualdade, da solidariedade, da justiça.

Nesses tempos das festas de Natal e Ano Novo, desejamos espalhar a todos os votos de felicidades. Todo ser humano almeja a felicidade, e é nessa procura que nos encontramos todos! Dizia o filósofo grego Platão que a justiça na cidade é uma forma de realizar a felicidade de todos e não apenas de alguns. Na luta pela felicidade de todos, sabemos ser impossível assegurá-la, em nosso país, sem o reconhecimento, o respeito, a garantia e a promoção dos Direitos Humanos.

Todos os projetos apresentados neste segundo Prêmio – e tive a satisfação de participar das etapas de sua avaliação – revelaram enorme sensibilidade e criatividade. Muitos grupos estão trabalhando na perspectiva de sua integração aos Projetos Político-Pedagógicos, e outros estão procurando desenvolver projetos em conjunto com a comunidade, para fora dos muros da escola.

Recebemos projetos com temas os mais diversos, e que abrangem, em geral, a atenção, o respeito, o cuidado com os grupos sociais mais vulneráveis. Assim, destacam-se projetos sobre o enfrentamento de quaisquer formas de racismo e de discriminação aos “diferentes”, aos portadores de alguma deficiência, a crianças e adolescentes com uma história dramática de abandono, de carência. Destacam-se, igualmente,

vários projetos sobre a proteção ao meio ambiente e outros sobre iniciativas na área da comunicação. Gostaria de ressaltar o protagonismo de alunos por intermédio dos grêmios, como a criação de jornais, vídeos, formas literárias e outras linguagens. Destacam-se ainda os projetos sobre a cultura afro e a cultura indígena, além dos projetos na área da História contemporânea sobre a luta pelo direito à memória e à verdade em relação à repressão desencadeada após o golpe civil-militar de 1964.

Fiquei muito bem impressionada com a significativa participação das EMElS neste segundo Prêmio. Se me perguntassem – antes de conhecer tais projetos – dificilmente eu poderia dizer algo sobre como trabalhar com crianças tão pequenas com a temática dos Direitos Humanos. Aprendi.

O que nos dizem esses projetos? Um sim e um não. Sim à vida com dignidade, que é o fundamento dos Direitos Humanos, sim à colaboração, ao convívio cotidiano, sim ao respeito mútuo entre todos os segmentos da escola com tolerância, solidariedade, alegria, na construção coletiva, com a crença renovada nas possibilidades de transformação democrática da escola pública. Por outro lado, os seus proponentes, dos diretores aos alunos, dizem não à inércia, ao comodismo, à zona de conforto, ao corporativismo, ao pessimismo estéril. Vejo como esses projetos dão vida aos sonhos e às lutas da minha geração, e isso me emociona muito e me dá uma grande alegria!

Vou terminar lembrando que muitas vezes nós estamos cansados com o peso das crises disso e daquilo, das dificuldades, das injustiças, da negação elementar dos direitos fundamentais e essenciais, e podemos pensar que tudo isso que estamos fazendo é uma utopia, portanto, algo inalcançável. Mas precisamos acreditar que a utopia é um horizonte, é uma luz, e ela se realiza sim no nosso caminho, se realiza sim com os nossos projetos, é esta utopia que nos mantêm caminhando!

O poeta gaúcho Mario Quintana escreveu algo que está na minha mesa. Todas as vezes que me assaltam aquelas dúvidas: “Mas será que nós vamos conseguir?, Será que não estamos querendo muito?”, leio o que ele diz na sua linguagem bonita, singela e tão cheia de humanidade: *“Se as coisas são inatingíveis, ora, não é motivo para não querê-las; que tristes os caminhos se não fora a mágica presença das estrelas!”*

Estrelas de São Paulo são vocês, professoras e professores, crianças e jovens de nossas escolas, militantes de Direitos Humanos. E todos juntos vamos acreditar, cada vez mais, na mágica presença das estrelas!

Muito obrigada.

Maria Victoria de Mesquita Benevides

Professora Titular da Faculdade de Educação da USP



PRÊMIO MUNICIPAL EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Você pode ser o próximo ganhador! Inscreva-se!



PRÊMIO MUNICIPAL EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS DA CIDADE DE SÃO PAULO



O que são projetos de Educação em Direitos Humanos?

São projetos que buscam aumentar a consciência da comunidade escolar e do território sobre os direitos humanos e cidadania, tais como:

- Aproximação entre escola e comunidade
- Rede de proteção social
- Valorização da diversidade
- Inclusão
- Enfrentamento ao preconceito
- Promoção de direitos
- Gestão democrática
- Atividades culturais temáticas

Quem pode Participar?

Alunos, professores e escolas nas seguintes categorias:

- Professores
- Unidades escolares
- Estudantes
- Grêmios estudantis



Como se inscrever?

As inscrições podem ser feitas entre 18 de julho e 18 de setembro, exclusivamente pelo site: portaledh.educapx.com

O que é preciso para se inscrever?

O candidato deve preencher a ficha de inscrição e anexar o Relatório de Experiência de 2013, 2014 ou 2015, disponíveis no site.

PARTICIPE!



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
Educação
Direitos Humanos
e Cidadania



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
Educação
Direitos Humanos
e Cidadania



A premiação será no dia 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, como uma das atividades do 3º Festival de Direitos Humanos da Cidade de São Paulo.

Portal de Educação em Direitos Humanos

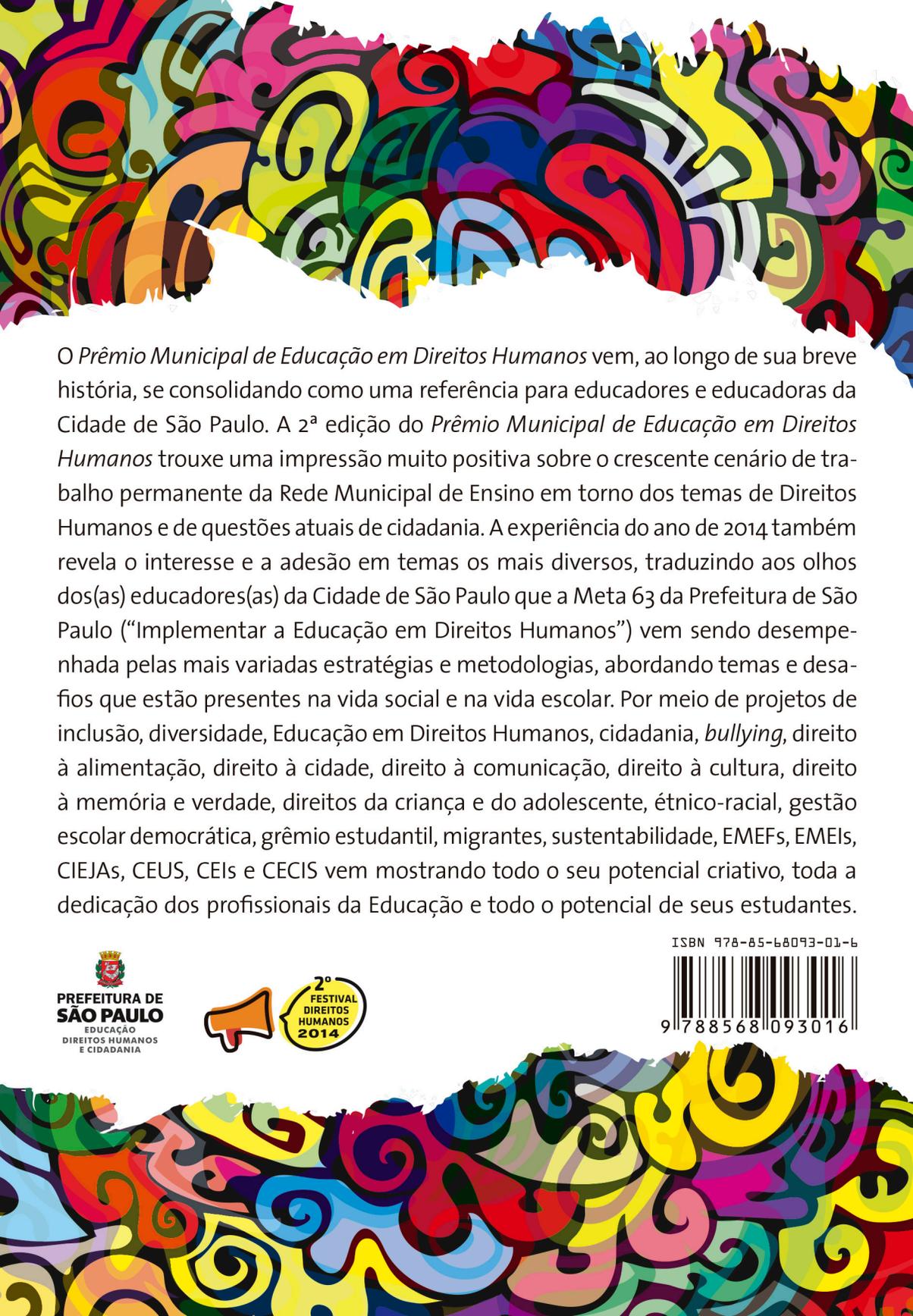
A coordenação de Educação em Direitos Humanos da SMDHC desenvolve diversos projetos, além do Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos. Para dar publicidade a esses projetos e facilitar o acesso de educadores e estudantes a materiais de Educação de Direitos Humanos, foi criado o PortalEDH.

Acesse o site para saber mais sobre os projetos da Prefeitura na área e para realizar pesquisas sobre material pedagógico, curtas-metragens temáticos, legislação, artigos e muito mais.

PortalEDH.educapx.com







O *Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos* vem, ao longo de sua breve história, se consolidando como uma referência para educadores e educadoras da Cidade de São Paulo. A 2ª edição do *Prêmio Municipal de Educação em Direitos Humanos* trouxe uma impressão muito positiva sobre o crescente cenário de trabalho permanente da Rede Municipal de Ensino em torno dos temas de Direitos Humanos e de questões atuais de cidadania. A experiência do ano de 2014 também revela o interesse e a adesão em temas os mais diversos, traduzindo aos olhos dos(as) educadores(as) da Cidade de São Paulo que a Meta 63 da Prefeitura de São Paulo (“Implementar a Educação em Direitos Humanos”) vem sendo desempenhada pelas mais variadas estratégias e metodologias, abordando temas e desafios que estão presentes na vida social e na vida escolar. Por meio de projetos de inclusão, diversidade, Educação em Direitos Humanos, cidadania, *bullying*, direito à alimentação, direito à cidade, direito à comunicação, direito à cultura, direito à memória e verdade, direitos da criança e do adolescente, étnico-racial, gestão escolar democrática, grêmios estudantis, migrantes, sustentabilidade, EMEFs, EMELs, CIEJAs, CEUS, CEIs e CECIS vem mostrando todo o seu potencial criativo, toda a dedicação dos profissionais da Educação e todo o potencial de seus estudantes.